

**TRADIÇÃO E MODERNIDADE
NA OBRA DE RAÚL CHORÃO RAMALHO NA MADEIRA**



TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA OBRA DE RAÚL CHORÃO RAMALHO NA MADEIRA

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

FAUP 2011 / 2012

Jani Anjo Travassos Freitas

**Orientadora:
Professora Doutora Clara Pimenta do Vale**

Foto de capa:

Habitações para operários no Conjunto
Hidroeléctrico da Fajã da Nogueira,
arquitecto Raúl Chorão Ramalho

Agradecimentos

Agradeço à professora Clara Vale, pelo acompanhamento, dedicação e, sobretudo, pela paciência.

Aos meus pais, pelo interesse e pela companhia nas visitas a muitas das obras, tornando esse trabalho em mais um simples passeio pela Ilha da Madeira, como tantos outros que já fizemos ao longo da vida. A eles devo a realização do curso.

E, finalmente, ao Hugo, ao meu irmão, e a todas as pessoas importantes na minha vida (elas sabem quem são). Também eles foram companhia (e motivo de distração, também necessário), não só nas visitas a muitas obras, como em todo o desenvolvimento do trabalho.

- [011] RESUMO
- [013] ABSTRACT
- [015] INTRODUÇÃO
 - [015] Objecto e Objectivo
 - [015] Método
 - [016] Estrutura

Capítulo I: O LUGAR

Ilha da Madeira: «A Pérola do Atlântico»

- [021] Breve descrição do Arquipélago da Madeira
 - [021] Situação geográfica
 - [023] Geologia e Orografia
 - [025] Clima e Precipitação
- [027] A acção do Homem no território madeirense: a arquitectura e os engenhos populares
 - [027] Humanização da Paisagem
 - [031] Arquitectura Popular da Madeira: a casa rural
- [033] A Arquitectura Popular Madeirense: aspectos genéticos
 - [033] Identificação das Tipologias Habitacionais
 - [037] Materiais e Elementos Formais
- [039] Novas realidades
 - [039] A Perda da Tradição e da Cultura Popular
- [041] O Ressurgir das Arquitecturas de Tradição na Madeira

Capítulo II: O ARQUITECTO

Raúl Chorão Ramalho

- [045] Raúl Chorão Ramalho: Vida e Obra
 - [045] Percurso Académico e Profissional:
 - Aproximações ao Tema da Arquitectura Popular em Portugal
 - [051] A Chegada à Ilha
 - [055] Cronologia: obras de Chorão Ramalho na Madeira

Capítulo III: A OBRA

Três casos de estudo

[059] Escolha dos casos de estudo

IGREJA DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

[061] Por uma Nova Arquitectura Religiosa

[061] Igreja Paroquial do Porto da Cruz

[063] Capela- Ossário de Nossa Senhora das Angústias

[067] Igreja do Imaculado Coração de Maria: uma primeira leitura

[067] Localização / Implantação

[067] O Templo

[071] Torre Sineira

[073] Casa Paroquial

[073] Adro e jardins exteriores

[075] Processo Criativo

[079] Tradição e Modernidade na Igreja do Imaculado Coração de Maria

[079] Linguagem Architectónica

[081] Materiais

[082] A Cor

[084] O Carácter e a Memória

[084] Relação Interior / Exterior

CASA BIANCHI

[087] A Moradia Unifamiliar

[087] Moradia Coronel Homem da Costa

[091] Casa Bianchi: uma primeira leitura

[091] Localização / Implantação

[091] Volumetria

[093] Organização Espacial e Relação com o Exterior

[097] Tradição e Modernidade na Casa Bianchi

[097] Linguagem Architectónica

[099] Materiais e Aspectos Formais

[101] O Carácter e a Memória

[103] Relação Interior / Exterior

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA REGIONAL

- [105] Intervir em Património Edificado
 - [107] Edifício Henrique Gouveia
 - [107] Hotel Quinta de São João
- [006] Assembleia Legislativa Regional: uma primeira leitura
 - [109] Localização / Implantação
 - [109] O Edifício Antigo
 - [111] Intervenção
 - [115] O Novo Volume
- [117] Tradição e Modernidade na Assembleia Legislativa Regional
 - [117] Linguagem Arquitectónica
 - [118] Materiais e Aspectos Formais
 - [118] O Carácter e a Memória
 - [119] Relação Interior e Exterior

Capítulo IV: O LEGADO

Uma herança com futuro

- [123] A Marca de Chorão Ramalho na Ilha da Madeira
 - [123] Em Meio Urbano: Centro do Funchal
 - [127] Em Meio Rural
- [129] Uma herança com futuro: Considerações Finais

[135] REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [137] Referências Bibliográficas
- [141] Bibliografia Consultada
- [147] Proveniência das Figuras

Com vasta obra em Portugal Continental e Regiões Insulares, em Macau e em Brasília, Raúl Chorão Ramalho é seguramente uma figura incontornável da Arquitectura Portuguesa e Internacional.

É, no entanto, na Madeira, que a sua obra se afirma em maior escala, tendo projectado mais de meia centena de obras destinadas às mais diversas funções programáticas, desde igrejas, hotéis, edifícios de habitação uni e plurifamiliar, a outros tantos edifícios de equipamento, de escritórios e serviços.

Deparando-se com uma paisagem fortemente humanizada, marca da herança cultural de uma Ilha que, povoada de raiz, ostenta grandioso valor patrimonial, Chorão Ramalho desde cedo se apaixona pela “Pérola do Atlântico». Uma Ilha que, detentora de grande multiplicidade, com uma extensa frente de mar e, a poucos quilómetros de distância, serras integralmente arborizadas; diversas especificidades territoriais, com meios completamente urbanizados, meios rurais e ainda paisagens no seu estado mais puro, intocadas pelo Homem; e uma orografia bastante acidentada, largo desafio para a construção; constituía o sonho de qualquer arquitecto.

Ora, com intenções paralelas às dos percursos do Inquérito à Arquitectura Popular, tendo inclusivamente chegado a trabalhar com alguns dos seus nomes mais importantes, como por exemplo Keil do Amaral e Nuno Teotónio Pereira, Chorão Ramalho viu na Ilha da Madeira o local ideal para explorar e aprofundar as suas convicções. Para isso, terá elaborado a sua própria inquirição à Ilha, visando compreender a sua topografia e condições climáticas, os materiais e as técnicas construtivas utilizadas na sua arquitectura popular, vernacular e erudita, e mesmo os costumes do povo madeirense, manifestos na sua maneira peculiar de apropriação do território.

Todos estes aspectos encontram-se bem presentes em toda a sua produção arquitectónica na Madeira, uma obra de linguagem moderna, perfeitamente integrada no seu tempo, mas aceitando aspectos das tradições locais. É este o arquitecto que, numa época com um desenvolvimento urbano e industrial emergente, cada vez mais desligado dos valores da terra, vai retomar as formas vernáculas e populares da Ilha, interpretadas em composições verdadeiramente modernas. Para isso, utiliza abundantemente os materiais pétreos insulares e as suas técnicas construtivas manipuladas em composições plásticas modernas (Igreja do Imaculado Coração de Maria); recorre aos aspectos formais da arquitectura popular vernácula da Ilha incorporando exaustivamente os típicos tapa-sóis verde-garrafa e ainda as tradicionais casas de fresco nas suas obras (casa Bianchi); e introduz a memória de uma era apoiada na produção agrícola com a interpretação de elementos emblemáticos e caracterizadores da paisagem como os socacos e as levadas madeirenses, símbolos do árduo trabalho que o povo madeirense teve na arte de “moldar” a terra (Assembleia Legislativa Regional).

Como resultado, Chorão Ramalho deixa largo legado na Ilha, influenciando gerações futuras que hoje dão continuidade ao seu trabalho, produzindo obras assentes nos princípios que há meio século atrás o arquitecto defendia. É o sinal de uma obra de carácter, uma herança de referência no presente, e que certamente se prolongará pelo futuro.

ABSTRACT

With extensive work in Portugal and Insular Regions, in Macau and in Brasília, Chorão Ramalho is undoubtedly an unavoidable figure of Portuguese and International Architecture.

It is, however, in Madeira, that his work is stated on a larger scale, having designed more than fifty works for the most diverse programmatic functions, from churches, hotels, single and multi-family buildings, to many other equipments, offices and services buildings.

Faced with a heavily humanized landscape, mark of a cultural heritage from an Island populated from scratch sustaining a monumental asset value, Chorão Ramalho soon falls for “The Atlantic Pearl”. An Island that holds great multitude, with extensive sea front and fully wooded hills just a few kilometers away; several territorial specificities, with completely urbanized and rural areas, and even landscapes in its purest form, untouched by man; and a pretty rugged orography, which is wide challenge for building. That’s every architect’s dream.

With parallel intentions to the creators of “*Inquérito à Arquitectura Portuguesa*”, and even working with some of its greatest names such as Keil do Amaral and Nuno Teotónio Pereira, Chorão Ramalho saw Madeira as an ideal place to explore his beliefs. For that matter, he developed his own investigation in the Island in order to understand its topography and climate, the materials and construction techniques used in its popular, vernacular and erudite architecture, and even the customs of the Madeiran People, manifested in their peculiar way of adapting to the territory.

All these aspects are clearly demonstrated in his Work in Madeira. A modern work, perfectly integrated at his time, but accepting local traditions’ aspects. At a time featured with an emerging urban and industrial development, increasingly disconnected from land values, the architect will reintroduce the vernacular and popular forms of madeiran architecture, interpreted in truly modern compositions. To this end, Chorão Ramalho profusely utilizes the Island’s stone materials and its construction techniques, manipulated in modern plastic compositions (*Imaculado Coração de Maria’s Church*); uses the popular and vernacular architecture’s formal aspects, incorporating the typical green blinds and traditional “pleasure houses” in his works (Bianchi’s House); and finally, introduces the era’s memory, supported in agricultural production, by interpreting iconic elements that characterizes madeiran landscapes, like the typical terraced fields and *levadas*, symbols of the hard work of Madeiran people in the art of “shaping” the land (Regional Legislative Assembly).

As a result, Chorão Ramalho leaves a grand legacy on the Island, influencing future generations whose works are presently based on the same principles. It is a work of character’s sign, an inheritance that certainly will go on for future times.

Objecto e Objectivo

O Objecto deste trabalho, como o título indica, é o estudo do contributo da dimensão popular na arquitectura moderna de Raúl Chorão Ramalho na Ilha da Madeira. A escolha do título evidencia a aparente dicotomia que se pretende tratar em todo o trabalho – tradição e modernidade –, que está presente na extensa obra do Chorão Ramalho no território madeirense.

O trabalho desenvolve-se essencialmente em dois pontos - a arquitectura popular da Madeira, e a sua interpretação na arquitectura moderna de Chorão Ramalho -, e tem como principais objectivos compreender o carácter da arquitectura e engenhos madeirenses; e perceber quais foram os cuidados tidos pelo arquitecto que garantiram à sua arquitectura, tal como à de origem, relação tao harmoniosa com o local onde se encontra inserida.

Desta forma, todos os temas abordados no desenvolvimento do trabalho que não foram mencionados atrás funcionam como complemento para atingir estes objectivos. A análise e descrição da Ilha da Madeira e o estudo das tradições e costumes do povo madeirense são fundamentais para a compreensão da arquitectura e engenhos que nela se produziram. O estudo da problemática em torno da arquitectura popular que se foi fazendo em Portugal desde os finais do século XIX – sobretudo na década de 50 já no século XX, com o Inquérito à Arquitectura Portuguesa e acontecimentos que o antecederam – é indispensável para a contextualização da arquitectura de Chorão Ramalho na Ilha, fortemente influenciada pelos pressupostos do Inquérito.

Método

Para o desenvolvimento deste trabalho é feita, inicialmente, uma pesquisa sobre a generalidade da obra de Raúl Chorão Ramalho, não só na Ilha da Madeira, mas também em Portugal Continental e fora do país. Esta pesquisa centra-se, obviamente, em obras localizadas na Ilha; porém, o estudo da obra do Chorão Ramalho fora do território madeirense foi determinante para o desenvolvimento do presente trabalho, tanto para conhecer o arquitecto em questão e a sua obra na totalidade, como para perceber o que difere na sua arquitectura duma região para as outras - o que vai buscar especificamente à Ilha, que garante à sua arquitectura um “sentir madeirense”.

Em conjunto com esta pesquisa, é feita uma análise da Ilha da Madeira que, com a sua topografia acidentada, condicionou toda a arquitectura e engenhos que caracterizam o território, também estes objectos de estudo. A análise vai incidir um pouco sobre todas as formas de arquitectura que se fixaram na Ilha, mas aprofunda-se nas formas de apropriação e modelação do território, nos engenhos, e nos elementos formais da arquitectura da Ilha, que, como veremos ao longo do trabalho, são os aspectos que Chorão Ramalho evidencia nas suas obras, numa busca pela memória e tradição madeirense. Também de grande relevo nesta fase é o estudo dos costumes e tradições madeirenses, muitos deles ainda hoje salvaguardados, base fundamental para a total compreensão do modo singular como este povo se fixou e apropriou do território.

Nesta fase são realizadas visitas às obras espalhadas pela Ilha, consideradas uma mais-valia para o real conhecimento da arquitectura de Chorão Ramalho. Ainda nesta busca pelas obras a estudar fez-se uma viagem por toda a Ilha, conhecendo assim vários aspectos da tradição madeirense, seja a nível dos inúmeros exemplos de arquitectura popular que se preservaram, seja a nível de certos costumes que, no meio rural, ainda hoje se praticam.

De seguida, esta análise alarga-se a Portugal Continental, abordando as discussões em torno da arquitectura popular portuguesa que se foram fazendo desde os finais do século XIX, com especial atenção para as décadas de 40 e 50 já no século XX, focando os vários movimentos que tiveram a sua expressão no Congresso de 48. Consequências directas do Congresso terão sido o Movimento de Renovação de Arte Religiosa e o Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa, como veremos, influências determinantes para o desenvolvimento do trabalho de Chorão Ramalho. O objectivo desta análise é compreender as repercussões para o caso específico da Madeira, com Raúl Chorão Ramalho como o primeiro, senão o único na época, seguidor dos ideais do Inquérito na Ilha.

Desta forma, acaba por ser feito um estudo sobre a evolução da arquitectura na Ilha da Madeira, desde os primordiais tempos da colonização, até aos primeiros indícios da modernização e suas consequências para a actualidade.

No estudo da actualidade, última parte do trabalho e conclusão, foram abordados exemplos que se pudessem relacionar, directa ou indirectamente, com o trabalho de Chorão Ramalho na Ilha da Madeira, na medida em que procuram igualmente um diálogo entre a tradição e a contemporaneidade.

Estrutura

O trabalho divide-se em quatro partes.

A primeira parte do trabalho começa com uma breve descrição da Ilha da Madeira, focando os aspectos geográficos, topográficos e paisagísticos. Esta descrição é essencial na medida em que nos fornece os dados para a melhor compreensão do tema que se quer explorar nesta fase do trabalho, as arquitecturas e os engenhos populares que se utilizaram desde os primeiros tempos da apropriação do território na Ilha. Esta primeira aproximação ao território e aos engenhos da Ilha é ainda imprescindível para uma melhor compreensão dos temas que se irão abordar de seguida.

A segunda parte foca a vida Raúl Chorão Ramalho e o seu percurso académico e profissional, tendo em vista o papel que desempenha no espírito contestatário das décadas de 40 e 50, e os primeiros contactos com a discussão em torno da arquitectura popular portuguesa e da dicotomia tradição e modernidade. De seguida, analisa-se a chegada do arquitecto à Ilha, e a situação em que esta se encontrava em termos de arquitectura, desde os primeiros indícios de um modernismo incipiente, interrompido pelas imposições do Regime.

A terceira parte constitui uma análise da sua obra na Ilha da Madeira, sempre que associada ao recurso e à interpretação da arquitectura popular e vernacular madeirense. São inicialmente escolhidas três obras – a Igreja do Imaculado Coração de Maria, a Casa Bianchi, e a Assembleia Legislativa Regional – para um estudo mais aprofundado. Ao escolhermos estas três obras específicas tentou-se apreender as diversas maneiras e soluções variadas com que o arquitecto responde ao mesmo problema: a integração no local e contextualização na Ilha da Madeira.

A quarta parte assume-se como uma conclusão preliminar de todo o trabalho e pretende, a modo de “homenagem”, testemunhar o contributo de Chorão Ramalho para a Arquitectura Contemporânea Portuguesa e, principalmente, para a Madeira. Pretendeu-se igualmente analisar a situação actual da arquitectura na Madeira, procurando mostrar exemplos recentes da arquitectura madeirense que se possam relacionar e que se revejam no trabalho do arquitecto Chorão Ramalho – obras que aceitam, na sua contemporaneidade, memórias da tradição arquitectónica local.

O LUGAR

«A Pérola do Atlântico»



1. Formação rochosa em
Câmara de Lobos

Breve descrição do Arquipélago da Madeira

“Todos os viajantes trazem da Madeira a recordação de um relevo contrastado como o das altas montanhas: vales profundos, desaparecendo sob a cobertura de antigas florestas, picos elevando acima das nuvens a sua orgulhosa silhueta, precipícios que as estradas e os velhos caminhos são obrigados a contornar, gargantas sombrias onde se ouve o bramir das torrentes.” (Ribeiro, 1985: 21)

Situação geográfica

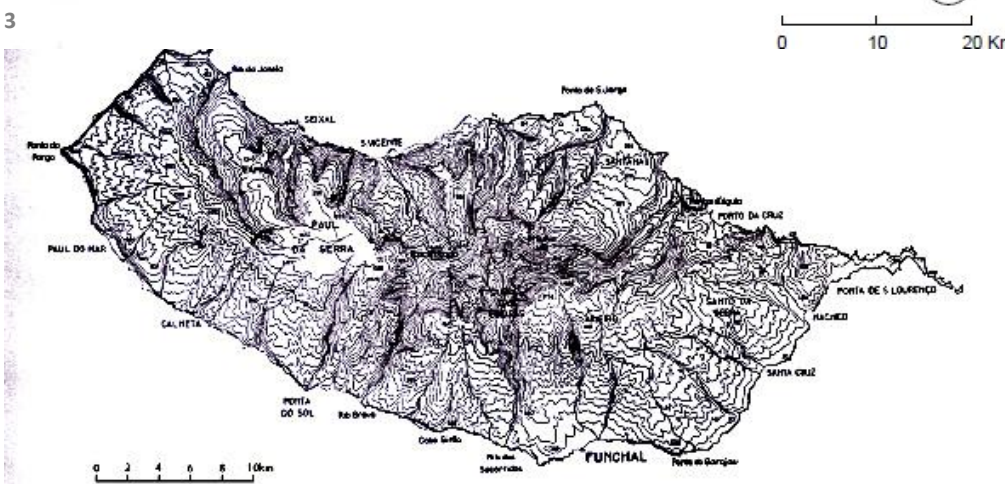
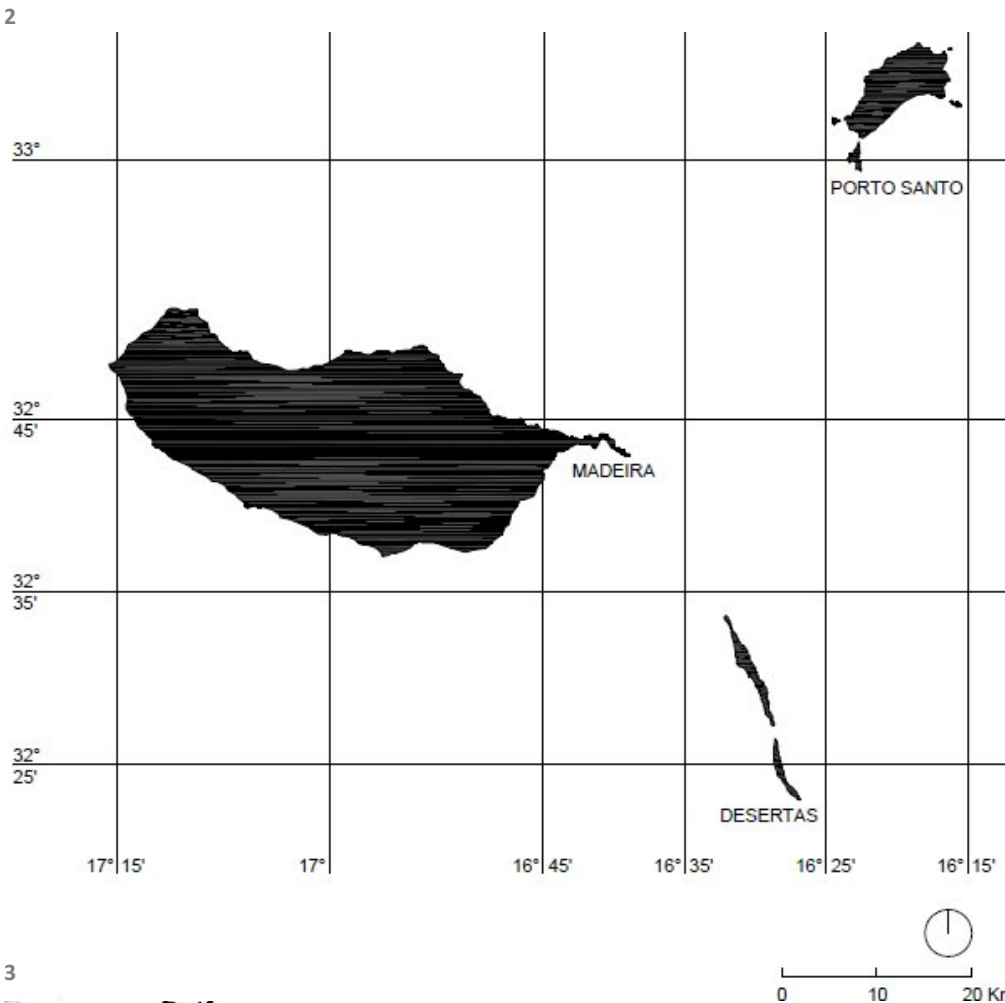
O Arquipélago da Madeira, situado no Atlântico Norte, encontra-se sensivelmente à mesma distância entre os Açores (Santa Maria) e o Continente Europeu (Cabo de São Vicente), aproximadamente a 850 km de ambos. Mais perto, encontra-se a costa Africana, a uma distância aproximada de 700 km. O Arquipélago é constituído por duas Ilhas – Madeira e Porto Santo –, e por dois grupos de ilhotas desabitadas, reservas naturais - as Desertas e as Selvagens.

Do ponto de vista administrativo, o Arquipélago constitui uma das regiões autónomas de Portugal, a Região Autónoma da Madeira, e é composto por 11 concelhos: Calheta, Câmara de Lobos, Funchal, Machico, Ponta do Sol, Porto Moniz, Porto Santo, Ribeira Brava, Santa Cruz, Santana e São Vicente, estando a capital localizada no Funchal.

A Ilha da Madeira, compreendida entre os meridianos 16° 39' 19" W e 17° 15' 54" W, e entre os paralelos 32° 37' 52" N e 32° 52' 08" N, é a maior do Arquipélago. Possui uma área total de 737 km², com medidas máximas de 58 km de comprimento, desde a Ponta do Pargo, a Noroeste, até à Ponta de São Lourenço, a Sudeste; e 23 km de largura, desde a Ponta de São Jorge, a Norte, até à Ponta da Cruz, a Sul. A sua linha de costa, que corresponde ao perímetro da Ilha, atinge um comprimento de 153 km.

O Porto Santo localiza-se a aproximadamente 50 km da Madeira, separado desta através de profundidades superiores a 2500 m, e encontra-se situado, em conjunto com os ilhéus adjacentes, entre os meridianos 16° 16' 35" W e 16° 24' 35" W, e os paralelos 32° 59' 40" N. De dimensões bem mais pequenas que a Madeira, compreende uma área de 41 km², atingindo o comprimento máximo de 11 km na extensão desenvolvida entre Nordeste e noroeste, e a largura máxima de 6 km, com uma linha de costa de 38km.

O arquipélago da Madeira, em conjunto com o dos Açores, Canárias e Cabo Verde, faz parte da região biogeográfica da Macaronésia. O termo Macaronésia provém do grego para “Ilhas afortunadas” e designa este conjunto de ilhas que partilham certas características em comum: a origem vulcânica; a influência de ventos alísios de Nordeste que sopram em direcção ao equador; e, um dos aspectos mais importantes, a existência da Laurissilva, floresta húmida subtropical e húmida que habitava a Europa durante o Terciário e que actualmente é exclusiva dos arquipélagos da Madeira, Açores e Canárias. Na Ilha da Madeira, *“esta floresta é responsável pelo abastecimento de água da população da Ilha e garante a estabilidade dos solos das suas declivosas encostas”*, (Neves, 2000: 12) representando actualmente a mais extensa e bem conservada Laurissilva do Mundo.



2. Arquipélago da Madeira
3. *Idem.*
4. Ilha da Madeira

Geologia e Orografia

O Arquipélago da Madeira, de origem vulcânica, formou-se durante a criação do Atlântico Norte, começando a desenvolver-se durante o período Cretácico, há aproximadamente 130 milhões de anos. A Ilha do Porto Santo terá sido a primeira a formar-se, há 19 milhões de anos, emergindo 11 milhões de anos depois. A Ilha da Madeira terá sido a mais recente, formada na mesma altura mas emergindo 3 milhões de anos depois que a anterior, apresentando, por isso, um terreno menos afectado pela acção da erosão.

A Ilha da Madeira possui um relevo bastante acentuado, resultante da acumulação das lavas provenientes dos vários focos de erupção. Os vulcões que formavam as paisagens, extintos há aproximadamente 6500 anos, foram sendo progressivamente preenchidos pelo magma, *“agora visível nas arribas cortadas a pique, onde a rocha basáltica de cor escura intercala com os tufos alaranjados e avermelhados, as escórias de «pedra mole alaranjada» e as bombas vulcânicas que ainda se podem observar.”* (Mestre, 2002: 52) É no entanto o magma basáltico o mais abundante na região, constituindo, como veremos, a principal matéria-prima utilizada na arquitectura e nos engenhos madeirenses.

O relevo acidentado é, assim, a característica mais marcante da Ilha: 65% do território tem um declive superior a 25% e apenas 12% da superfície total tem um declive inferior a 16%. No alinhamento central da Ilha distinguem-se dois grandes maciços que constituem uma barreira física entre a costa Sul e Norte, interrompidos apenas pelos vales da Ribeira Brava e São Vicente, por onde se fazem as ligações naturais entre as duas costas. Os pontos culminantes ultrapassam os 1800 metros de altitude, sendo o mais alto o Pico Ruivo com 1863 metros de altitude, o terceiro ponto mais alto do país, seguindo-se a este o Pico das Torres com 1851 metros e o Pico do Areeiro com 1818 metros de altitude. É ainda nos pontos mais altos que, apesar destas formas, se encontram os planaltos mais extensos, como é o caso do Paúl da Serra que, com uma altitude média de 1500 m e área aproximada de 24 km², constitui uma das mais importantes áreas de recarga de águas subterrâneas da Ilha.

Podemos considerar ainda que a Madeira é uma Ilha *“desprovida de litoral”*, (Hartnack cit. in Ribeiro, 1985: 24) levantando-se abruptamente acima do nível do mar. As altitudes acima dos 1000 m ocupam cerca de um terço da Ilha, prolongando-se até à costa através de lombadas e achadas ou, sobretudo na costa Norte, através de arribas com centenas de metros. É, no entanto, na costa Sul que se encontra a mais alta arriba: erguendo-se a 580 m acima do nível do mar, o Cabo Girão constitui o segundo promontório mais alto da Europa. No geral, as arribas ocupam cerca de 80% da costa, sendo apenas interrompidas pelos vales onde desagüam as pequenas ribeiras. Foram estas as zonas estratégicas escolhidas para a implantação das principais vilas e cidades da Ilha, não só pelo contacto directo com o mar e relativa facilidade de implantação do povoamento, mas também pela qualidade dos terrenos férteis de aluvião.

O Porto Santo, ao contrário da Madeira, é uma Ilha essencialmente plana, apresentando os picos mais altos em cada uma das extremidades. O Pico do Facho é o mais alto, com 517 metros de altitude, e no extremo oposto, a Poente, encontra-se o Pico Ana Ferreira com 283 metros de altitude. Nestes pontos verifica-se a existência de basalto, porém, os materiais predominantes serão as cinzas, tufos vulcânicos e terras ou areias de origem calcária, conferindo à Ilha o tom claro que lhe garantiu a designação de *“Ilha Dourada”*.



5



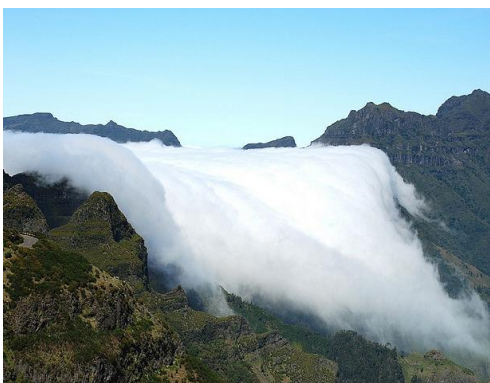
6



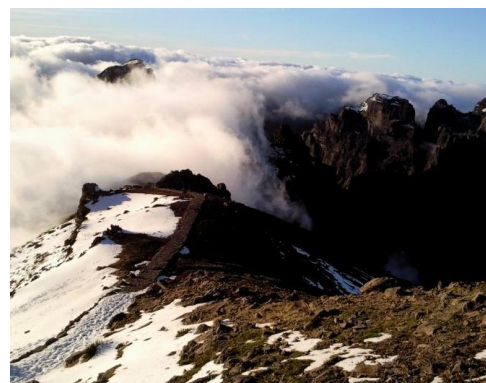
7



8



9



10

- 5. Funchal
- 6. Ponta de São Lourenço
- 7. Curral das freiras
- 8. Cabo Girão
- 9. Encumeada
- 10. Pico do Areeiro

Clima e Precipitação

Devido à sua latitude e situação geográfica, a Ilha da Madeira apresenta todas as características de Ilha subtropical, com aspectos das Ilhas tropicais na costa Sul e das Ilhas temperadas na costa Norte. O seu relevo, como vimos, bastante acidentado com um alinhamento de grandes maciços montanhosos centrais, faz com que na Ilha existam diversos micro-climas.

Para além da contrastante diferença entre a costa Norte e a costa Sul, a primeira exposta aos ventos de Noroeste no Inverno e os ventos alísios de Nordeste no Verão; e a segunda protegida pelos maciços centrais e por isso de temperatura amena, verificam-se significativas alterações de temperatura conforme a altitude. Nas zonas de mais baixa altitude, a temperatura mantém-se amena o ano inteiro, com temperaturas médias a rondar os 22°C no Verão e os 16°C no Inverno. Nos pontos mais altos da Ilha, com constantes neblinas cerradas, as temperaturas são mais baixas, chegando a nevar durante o Inverno. As nuvens e os nevoeiros encontram-se geralmente a uma altitude de 500 m, “rasgados” pelas montanhas.

A temperatura da água do mar, devido à influência da corrente quente do Golfo, mantém-se nos 22°C no Verão, chegando por vezes a atingir os 26°C, e arrefece gradualmente até atingir os 17°C no Inverno. Durante o Verão surgem ocasionalmente os ventos de Leste provenientes da costa africana, que aumentam repentinamente a temperatura e reduzem a humidade do ar até atingir os 13%, proporcionando dias de calor abafado, quase insuportável.

A precipitação abundante na Ilha da Madeira é determinada pelo seu relevo, pelos ventos dominantes e pela influência da costa africana. Na encosta Norte, onde se formam matinalmente as nuvens, verificam-se os maiores níveis de precipitação. Com o decorrer do dia, pela acção dos ventos de Nordeste, as nuvens descem até à costa Sul, fazendo lembrar grandes avalanches brancas que “escorrem” pelos maciços montanhosos abaixo. Os valores mais elevados de precipitação ocorrem nos meses de Novembro e Dezembro, e os mais baixos em Julho e Agosto. Excepcionalmente, ocorrem fortes precipitações com grandes massas de água que enchem as ribeiras, provocando estragos nas cotas mais baixas. *“Desde o século XVIII, conhecem-se treze inundações catastróficas [denominadas localmente por aluviões], das quais sete tiveram lugar em Outubro ou em Novembro.”* (Ribeiro, 1985: 33) A última ocorreu recentemente a 20 de Fevereiro de 2010, registando-se os valores mais elevados de precipitação em Portugal até à data (no Pico do Areeiro foram registados 185 litros por metro quadrado, sendo que os valores mais altos verificados em Portugal até à altura não chegavam aos 120). O temporal provocou inundações e derrocadas, principalmente na vertente sul, intensificadas pelo acentuado declive da encosta, com consequências desastrosas: confirmaram-se 47 mortos, 250 feridos e 600 desalojados.

No Porto Santo, pelo contrário, a precipitação é escassa, fazendo-se sentir longos períodos de secas e temperaturas elevadas. A falta de água torna o solo árido, *“e somente através de poços ou nascentes de caudal muito fraco se conseguem manter algumas culturas de regadio, as hortas e as árvores de fruto.”* (Mestre, 2002: 62) A Fonte da Areia, assim chamada pela quantidade de areia e arenitos (denominados localmente por “pedras de areia”) existentes, é a única que corre durante todo o ano. A costa Norte, rochosa e com margens declivosas, encontra-se exposta aos ventos de Nordeste e de Norte. É na costa Sul, mais abrigada, que se localiza o extenso areal com 9km de comprimento, classificado recentemente como uma das Sete Maravilhas das Praias de Portugal.



11. Tradicionais poios madeirenses

A acção do Homem no território Madeirense: A arquitectura e os engenhos populares

Humanização da Paisagem

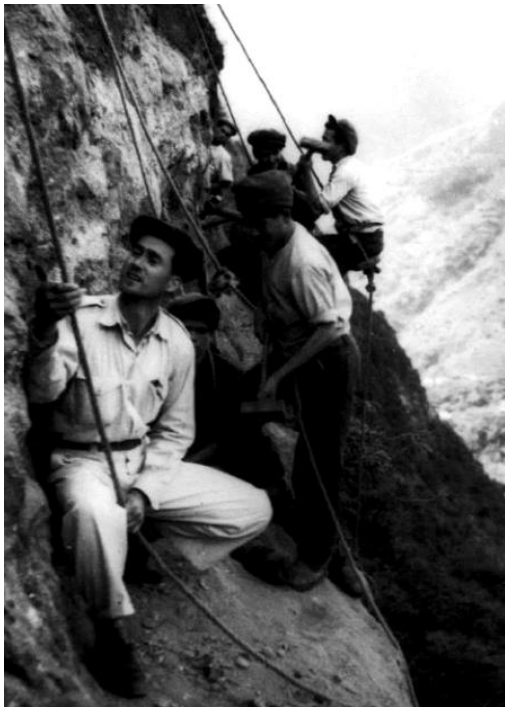
A primeira Ilha do arquipélago a ser descoberta foi o Porto Santo em 1418. Um ano depois chegava-se à Ilha da Madeira *“toda coberta de formoso arvoredado, tão igual por cima, que parecia feita à mão, sem árvore mais alta que outra, e, além de ser muito alegre à vista, vinha beber toda na água, que parecia a Natureza meter todo o seu cabedal em aperfeiçoar obra tão acabada.”* (Gaspar Frutuoso, 1580, cit. in Neves, 2000: 10)

Analizadas as potencialidades da Ilha e a sua localização estratégica na rota dos descobrimentos, iniciou-se em 1425 a sua colonização, destruindo-se grande parte da floresta indígena, principalmente na vertente sul. As primeiras povoações surgiram, como já vimos, nos terrenos férteis de aluvião junto aos leitos das ribeiras e, com o aumento da população e da produção agrícola, foram gradualmente alcançando cotas mais altas.

“A partir desta nova realidade, surgem as plataformas em socacos [conhecidos localmente por “poios”], em locais cada vez mais ousados, fixando as terras que garantiam a exploração agrícola possível. Paredões sabiamente construídos, segundo soluções que vão das escadas integradas entre muros, ou dos graciosos degraus dependurados em consola, até à forma delicada de adossar as plataformas suavemente às linhas de cota, serpenteando nas encostas numa conhecida manta de retalhos de diversos tons.” (Mestre, 2002: 38) Esta solução engenhosa constitui uma primeira resposta do Homem face às dificuldades impostas pelo relevo acidentado da Ilha. É uma solução que permitiu “domar” e moldar a terra, implantando terrenos agrícolas pelas encostas declivosas da Ilha, e prolongando-se no tempo até aos dias de hoje. Não são mais do que trechos de terrenos contidos através de muros de suporte emparelhados em pedra basáltica da região, marcando uma paisagem fortemente humanizada, *“uma paisagem cultural, profundamente identificadora deste «lugar do mundo».”* (Mestre, 2002: 38)

A água foi outro elemento que o Homem teve de “domar” para a exploração agrícola da Ilha. De forma a transportar a água que cai abundantemente na costa Norte para a costa sul, os madeirenses construíram as tão famosas levadas, sistemas de irrigação que cruzam todo o comprimento e largura da Ilha, constituídas por cerca de 2000 km de canais e 50 km de túneis. *“Sinal maior da acção do Homem sobre a adversidade do território, as levadas, esculpidas na rocha virgem, definem o percurso do seu desvio, a partir da Costa Norte, constituindo com as veredas os primeiros caminhos de contacto por terras locais de difícil acesso, principalmente entre o Sul e o Norte. Por elas passa a maior riqueza desta Ilha.”* (Mestre, 2002: 38)

Estas construções prolongaram-se durante séculos, ainda hoje cumprindo a sua função. As comunicações entre os vários povoamentos da Ilha foram sendo feitas através dos percursos que as acompanham, não tendo sido construídas estradas adequadas até o início do século XX. Sem a possibilidade do auxílio dos animais nestas caminhadas, o homem rural (conhecido localmente por “vilão”) passou *“uma vida inteira a «carregar a Ilha» aos ombros. [...] À força de longas caminhadas, tudo se carregou às costas, ao ombro ou numa rede.”* (Mestre, 2002:43)



12



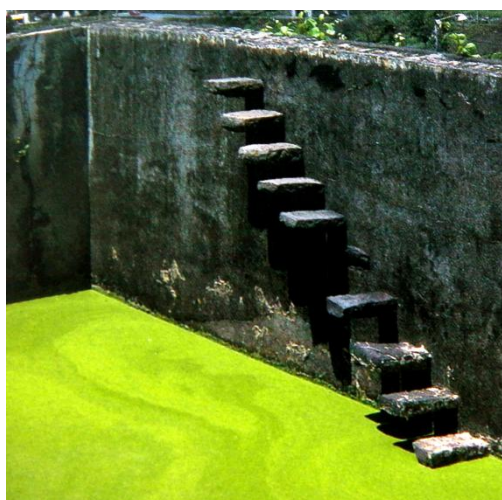
13



14



15



16

- 12. Construção das levadas – cabotagem
- 13. *Idem.*
- 14. Levada da Ponta do Sol
- 15. Levada do Norte (Quinta Grande)
- 16. Poço de reserva no Campanário

Na página ao lado:

- 17. Rede – antigo meio de transporte

Estes elementos, ainda que de forma mais subtil que os referidos poios, definem, em conjunto com os tanques de retenção de água (chamados localmente por “poços”), a paisagem humanizada da Madeira, demonstrando dignamente *“o trabalho duro e arriscado só possível de realizar por homens robustos e corajosos, e, também, a técnica que denotam pelo entendimento do território, pelo acerto das cotas altimétricas e dos percursos traçados”*. (Mestre, 2002: 228) A levada mais antiga de que se tem informação será a dos Piornais, com 11 km de extensão e com registos escritos desde 1562.



17

Actualmente, preferencialmente no Verão, os madeirenses acompanham os turistas em caminhadas pelas levadas, principal motivo de atracção do turismo, apreciando com orgulho as magníficas paisagens da Ilha. Fruto do trabalho árduo e persistência do povo madeirense na arte de moldar a terra, esta humanização da paisagem deu voz ao Hino Regional, instaurado em 1980 com letra de Ornelas Teixeira e música de João Victor Costa:

*Do vale à montanha e do mar à serra,
Teu povo humilde, estóico e valente
Entre a rocha dura te lavrou a terra,
Para lançar, do pão, a semente:*

*Herói do trabalho na montanha agreste,
Que se fez ao mar em vagas procelosas:
Os louros da vitória, em tuas mãos calosas
Foram a herança que a teus filhos deste.*

*Por esse Mundo além
Madeira teu nome continua
Em teus filhos saudosos
Que além fronteiras
De ti se mostram orgulhosos.*

*Por esse Mundo além,
Madeira, honraremos tua História
Na senda do trabalho
Nós lutaremos
Alcançaremos
Teu bem-estar e glória.*



18



19



20

- 18. Organização do território – vista do Cabo Girão
- 19. *Idem.*
- 20. Organização territorial do núcleo urbano de Câmara de Lobos

A Arquitectura Popular da Madeira: a casa rural

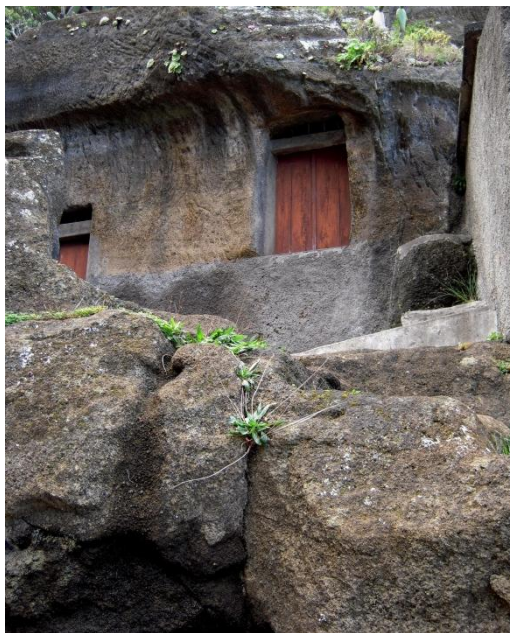
“A casa é um elemento essencial na paisagem da Madeira. Quando se aborda a Ilha, assim que a proximidade permite distinguir as formas e as cores, fica-se surpreendido pelo seu número e extrema dispersão. Com as paredes cuidadosamente caiadas e o telhado vermelho-vivo, destacando-se na tela de uma paisagem que o homem organizou inteiramente, são mais uma marca, quão característica, da presença deste.” (Ribeiro, 1985: 116-117) Na Ilha da Madeira, a casa rural encontra-se essencialmente dispersa no território, frequentemente isolada numa situação de domínio sobre a paisagem e quando possível sobre o mar, muitas vezes em locais hostis e perigosos. É extremamente raro, exceptuando nos núcleos urbanos, depararmo-nos com duas casas a fazerem frente de rua; estas encontram-se na maior parte das vezes implantadas perpendicularmente à rua, envoltas por terrenos destinados à exploração agrícola, seu sustento. E será este o principal factor de ordenamento e da constituição da casa rural – a agricultura. Esta foi durante séculos fruto do sustento do madeirense, atravessando diversos ciclos económicos que marcaram a vida nos campos, – o açúcar, os cereais, o vinho, o vime, e mais tarde, a banana –, até já aos finais do século XIX, altura em que a economia da Ilha passa a assentar no turismo, não dependente da agricultura. As habitações, muito primárias, atendem às necessidades da lavoura, antes do próprio Homem, e encontram-se geralmente associadas a outros espaços e/ou edifícios complementares ligados ao sistema produtivo, como por exemplo os palheiros e as adegas. *“Frequentemente não é possível fazer a distinção entre a habitação humana e os estábulos, tão numerosos quanto as casas dos homens. Não é raro que o mesmo telhado cubra animais e pessoas. A casa, aliás, não é mais do que um abrigo para passar a noite.”* (Ribeiro, 1985: 116-117)

Encontramos na Ilha, como veremos adiante, diversos modelos e formas de construir, porém, um aspecto mantém-se constante em praticamente todas as casas madeirenses, ainda mesmo nos tempos que correm: a íntima relação com a Natureza (o exterior). Possibilitado pelo clima ameno, quase paradisíaco, da Ilha, o homem rural passa muito tempo fora de casa, fortalecendo os laços com a terra. Este hábito terá certamente a ver com formas de vivência impregnadas desde os primordiais tempos da colonização quando o Homem se deparou com uma Ilha “virgem”, onde a Natureza predominava no seu mais puro estado. Este facto ter-lhe-á certamente inspirado nas íntimas relações que estabelece com a Natureza, contribuindo, juntamente com a geografia da Ilha, para a formação de uma cultura muito própria e, com ela, a reinvenção da arquitectura trazida do continente. *“Nestas circunstâncias terão também surgido as tipologias «inventadas» na Ilha, mantendo-se estas inalteráveis ao longo de séculos, algumas circunscritas a sub-regiões, tornando-se verdadeiros tesouros da cultura regional. E é esta individualidade que permite, hoje, reforçar o carácter local destas arquitecturas enquanto valia incontornável face a outras regiões.”* (Mestre, 2002: 271)

Outro aspecto a ter em conta na Ilha da Madeira é a relação entre a arquitectura rural e a das vilas e cidades, ou seja a urbana, que, muitas vezes coexistindo lado a lado num mesmo contexto, não permite uma clara distinção, *“até porque os aglomerados e as construções, dispersos em “unidades” de vizinhança no início do povoamento, terão tido bases de construção e mesmo de tipologias muito próximas, quando não mesmo equivalentes, assim como provavelmente partilharam os mesmos mestres construtores.”* (Mestre, 2002: 65-66) Estes contágios terão contribuído para a implantação de uma certa imagem tipificada da arquitectura madeirense que se associa à tradição, determinada pela utilização de materiais regionais que, conjugados com as próprias técnicas construtivas, emprestam as suas qualidades plásticas à composição arquitectónica.



21



22



23



24



25

- 21. Furna na Ribeira da Janela
- 22. *Idem.*
- 23. Casa elementar de cobertura de colmo e paredes de alvenaria de pedra, Camacha
- 24. Casa elementar de cobertura de colmo e paredes de madeira, São Jorge
- 25. *Idem.*

Identificação das Tipologias Habitacionais

De acordo com o levantamento efectuado por Victor Mestre em “A Arquitectura Popular da Madeira” (2002)

Na Madeira é possível observar ainda hoje a evolução das várias tipologias habitacionais, desde a primeira habitação primitiva, hoje praticamente extinta – as furnas escavadas na rocha –, às casas modernas construídas já durante o século XX. Victor Mestre, em “A Arquitectura Popular da Madeira” (2002), agrupa-as essencialmente em duas tipologias – a casa elementar e a casa complexa –, com diversas variantes espalhadas por toda a Ilha.

A mais significativa, a “tipologia-mãe”, será a casa elementar, solução mais básica de um compartimento onde se desenvolvem as várias actividades do habitar, quer pela sua quantidade, quer pelo número de variantes que apresenta. Desde as casas com paredes de madeira ou alvenaria e cobertura de palha, às casas de um ou dois pisos com cobertura de telha cerâmica, estas apresentam sempre a mesma elementaridade no que diz respeito à organização espacial: a cozinha, quando não se encontra num volume isolado, é a “casa-mãe”, existindo por vezes apenas um tabique improvisado a separar o compartimento de dormir.

A casa elementar de cobertura de palha aparece em modelos distintos, seja construída com paredes de alvenaria de pedra, seja em madeira. No caso da estruturada em pedra, o pormenor mais marcante *“é sem dúvida a cobertura de três águas com uma empena para receber o forno exterior e a respectiva saída de fumo, situação inovadora, tanto mais que interiormente a parede de pedra entre a boca do forno e a cumeeira evita (um pouco mais) que uma fagulha extraviada proveniente da queima da lenha durante o aquecimento atinja, ainda incandescente, a palha da cobertura.”* (Mestre, 2002: 99) O modelo mais corrente é constituído por dois volumes de quatro águas, um para a cozinha e outro para os quartos, ou independentes ou encostados mas com uma parede mestra a dividi-los. As casas construídas em madeira representam as actualmente conhecidas por “casinhas de Santana”, assim denominadas pela sua localização, aparecendo em praticamente todos os guias turísticos como sendo a típica casa madeirense. *“Estas caracterizam-se pela cobertura de três águas que terminam junto ao chão, no caso das casas de fio, e elevadas nas casas de meio-fio. Ambas dispõem de uma única fachada/empena, onde se localizam a porta e as pequenas janelas com os respectivos tapa-sóis [denominação local para as persianas em ripas de madeira] coloridos, que conferem uma imagem de alegria a esta tipologia.”* (Mestre, 2002: 110) Ainda de madeira, aparece na Ilha uma tipologia única – a casa redonda. A casa, apesar do nome local que lhe é dado, apresenta planta rectangular, quase quadrada, que, juntamente com a cobertura de palha de quatro águas extremamente inclinada e com cantos arredondados, poderá dar uma impressão de ser redonda. *“Uma das características fundamentais destas casas será a sua excepcional carpintaria, expressa na elevação das paredes e respectivas assamblagens, e nas janelas de correr exteriores e portadas de correr.”* (Mestre, 2002: 114)



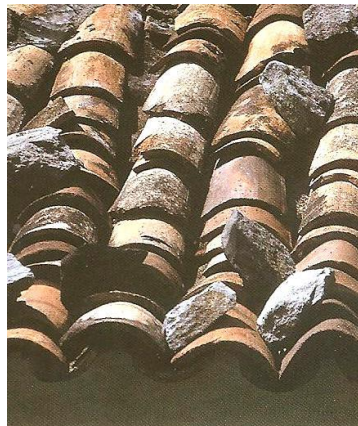
26



27



28



29



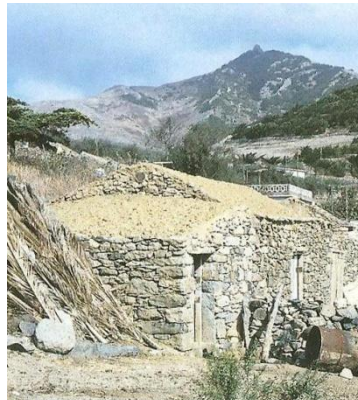
30



31



32



33

- 26. Estrutura da cobertura de colmo de uma casa redonda
- 27. Construção de uma cobertura de colmo
- 28. Variedade de coberturas de telha
- 29. Pedras para segurar as telhas contra a acção do vento
- 30. Casa elementar de cobertura de telha na Fajã da Ovelha
- 31. Casa complexa na Serra de Água
- 32. Casa salão no Porto Santo
- 33. *Idem.*

Já a casa elementar de cobertura de telha cerâmica, provavelmente a mais vulgar na Ilha, é geralmente caracterizada por um volume baixo, ou, quando tem dois pisos, mais robusto, *“rectangular, com telhado «abatido» de quatro águas, porta, janela e porta, por vezes duas janelas e duas portas; caiação branca com pigmento cinzento no soco e nas molduras dos vãos ou com um tom ocre esbatido e molduras caiadas com pigmento cinzento ou vermelho de óxido de ferro; molduras de tufo alaranjado, ou de basalto; chaminés antigas de proporções generosas, lembrando as do Sul do Continente, ou ainda as mais modernas, de forma prismática e esbeltas, erguidas sobre o forno, alternando este interior ou exteriormente.”* (Mestre, 2002: 124) Apresenta frequentemente a cozinha separada dos quartos, na maioria dos casos com comunicação pelo exterior.

A casa complexa, como o nome indica, opõe-se à anterior pela complexidade, evolução e inovação espacial que apresenta, constituindo-se por vários compartimentos individuais acessíveis por um corredor, o eixo estruturante da casa. O seu surgimento vai influenciar alguns modelos de casas elementares – casa em esquadria e casa duplicada – que, ao associarem ao corpo principal novos compartimentos, vão também introduzir o espaço de circulação, porém aqui sempre reduzido ao indispensável. Trata-se já de uma *“construção que não aceita o improvisado ou a solução de recurso, quer na identidade tipológica, quer na solução construtiva.”* (Mestre, 2002: 147)

Para além destas, existem diversas tipologias que se aproximam mais aos modelos do continente, porém, sempre marcadas por um sentir madeirense, seja pela utilização dos materiais da Ilha, associados às próprias técnicas de construção, seja por alterações espaciais que propõem, mais adequadas aos seus hábitos. Temos como exemplo a casa torreada, que se associa à casa salaia de Lisboa, e ainda, mais significativa, a casa antiga ou secular, que inclui os grandes solares, casas rurais de grandes dimensões, e as quintas, apresentando-se, pela sua condição abastada e “nobre”, como *“a possível charneira entre a Arquitectura Popular Madeirense e a arquitectura erudita, com forte incidência logo a partir do século XV.”* (Mestre, 2002: 83) Em relação aos modelos do continente, estas apresentam-se mais sóbrias, dispensando a ostentação de elementos decorativos que caracteriza as casas senhoriais do Norte de Portugal, com fachadas marcadas pelas espessas molduras de cantaria regional. Desta tipologia destacamos o Solar das Mudanças, antiga casa senhorial datada do século XVI e actual Casa da Cultura da Calheta, à qual se juntou o Centro das Artes “Casa das Mudanças” de Paulo David.

No Porto Santo, em semelhança ao que acontece na Madeira, predomina a casa elementar, embora neste caso geralmente de um só piso. Destas construções destaca-se a cobertura em salão – técnica tradicional de cobertura em barro – que foi progressivamente substituída pela telha de marselha, portuguesa ou de cimento. *“Este barro local [formado por materiais vulcânicos de cor amarelada decompostos] apresenta um apreciável grau de “goma natural”, o que lhe permite agregar-se com facilidade quando em contacto com a água. É precisamente nesta característica que reside a vantagem da sua aplicação, uma vez que, devido aos factores climáticos locais (clima seco, temperaturas elevadas e ainda a fraca pluviosidade), apresenta um comportamento ideal pela sua plasticidade. Assim, verifica-se que, na maior parte do ano, as coberturas estão secas, abrindo-se fendas por toda a superfície, permitindo deste modo uma circulação de ar entre o interior e o exterior da casa.”* (Mestre, 2002: 216) Já a casa complexa, em menor número, encontra-se concentrada essencialmente no núcleo urbano, a Vila Baleira, e distingue-se da Madeira pela combinação de telhados múltiplos.



34



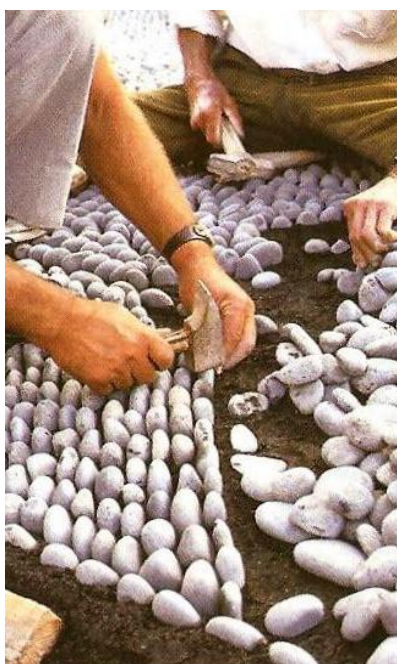
35



36



37



38



39

- 34. Latada em Machico
- 35. Chaminé datada de 1948, Ponta do Sol
- 36. Pombinha, Faial
- 37. Pavimento em calhau rolado do mar com desenho em escamas de peixe
- 38. Construção do empedrado em calhau rolado do mar
- 39. Construção dos muros em aparelho de pedra basáltica

Materiais e Elementos Formais

Todas as tipologias, apesar de espacialmente distintas, apresentam uma certa imagem que lhes garante um carácter individual, um “sentir madeirense”. Comum a todas será a íntima relação com a Natureza, explícita na existência do espaço exterior vivencial das latadas, jardins, hortas, pomares, bananeiras, e ainda a vinha, que na Madeira se produz elevada do chão em pérgolas (denominadas localmente por “corredores”); e, para além das tipologias que apresentam cobertura de palha, sempre extremamente inclinadas terminando em alguns casos junto ao chão, “a imagem dos delicados telhados de quatro águas, afirmando-se como uma característica constante na *Arquitectura Popular Madeirense*, e também na *vernacular e erudita*.” (Mestre, 2002: 85-86) A arquitectura madeirense é assim geralmente despojada de ornamentos. “O uso de alguns materiais, associados às próprias técnicas de construção, fixou uma imagem tipificada que se associa à tradição. [...] Os elementos formais que dependem da construção são sobretudo materiais no seu «estado puro»; referimo-nos ao beiral e à sub-beira em cerâmica vermelha, ou à palha (onde, em casos especiais surgem os bonecos na zona de amarração superior da cobertura), às cantarias de molduras de vãos, socos, cunhais (no caso madeirense, com especial destaque para o uso do tufo avermelhado) e à própria cal, cuja brancura tanto caracteriza a nossa arquitectura.” (Mestre, 2002: 182) Em madeira surgem os tapa-sóis em ripas sutadas, com algumas delas rotativas comandadas por uma ripa vertical interior denominada localmente por “bilhardeira”, o mesmo nome dado às “coscuvilheiras” que “escondidas” pelos tapa-sóis observavam a vizinhança. Nos cantos dos beirais dos telhados, normalmente nas tipologias mais modernas, aparecem por vezes as chamadas “pombinhas” ligadas à espiritualidade, assim chamadas pela sua forma inicial de pomba, evoluindo com o passar do tempo para formas fitomórficas e antropomórficas. Também as chaminés recebem grande destaque sendo, nos casos mais antigos, robustas, de forma prismática com aberturas rectas. Com o passar dos anos, a sua forma foi-se tornando progressivamente mais esbelta, sendo por vezes decoradas com motivos geométricos pintados com cores fortes. Só a partir da década de 40, nas casas modernas, é que surgiram as chaminés pré-fabricadas em cimento que, contrastando com as antigas de alvenaria sobre vergas de castanho ou basalto, constituem o seu elemento de referência. Foi ainda só nas casas modernas que se regularizou a utilização da “escada interior como elemento de ligação, evitando a saída para o exterior, como na generalidade das tipologias antigas, solução de que apenas se detectaram excepções pontuais.” (Mestre, 2002: 155)

Os pavimentos exteriores das casas são normalmente empedrados em calhau rolado do mar, e os espaços ajardinados, mesmo quando de dimensões muito reduzidas, denotam preocupações em relação à vegetação, tão apreciada na Ilha. “Vasos, tachos antigos, alguidares, latas, tudo serve para colocar uma planta com cores vetustas. Por vezes, estão suspensas por toda a fachada, dispostas nas janelas, envolvendo o perímetro da cobertura, [...] conferindo à casa um aspecto de conto de fadas onde se vive com a felicidade da cor das flores.” (Mestre, 2002: 120-121) A cor é assim uma característica marcante na arquitectura madeirense, referida como elemento com forte valor plástico. As cores alteram conforme a localização onde se implantam, predominando o ocre e o rosa: “os muros madeirenses ganham especial realce pela cor almagre, rosa ou ocre, com que emolduram grandes propriedades e caracterizam fortemente a paisagem, com especial destaque na encosta da cidade do Funchal.” (Mestre, 2002: 188) Em locais de destaque no jardim, normalmente nas quintas mais abastadas, surgem ainda as “casinhas de prazer”, uma vertente das casas de fresco comuns nos jardins dos séculos XVII e XVIII, tendo sido provavelmente introduzidas pelos Ingleses que se instalaram na Ilha aquando da comercialização do vinho madeira, e desde então aí permanecendo.



40. Indústria do bordado
[as bordadeiras]

A Perda da Tradição e da Cultura Popular

“A casa madeirense de raiz popular terá conhecido três idades: uma idade primitiva, uma idade antiga e uma idade moderna.” (Mestre, 2002: 285) Estas três “idades”, ou fases, são, como vimos, ainda hoje observadas em alguns exemplares que se foram mantendo ao longo dos tempos nas zonas rurais. É-nos possível, assim, criar uma linha evolutiva a partir de um primeiro período de colonização – *a idade primitiva* –, quando se aportavam modelos vindos do Continente, introduzindo, porém, já certas diferenças, com a improvisação e experimentação de novas soluções na tentativa de se construir um “Novo Mundo”.

São estas características que vão determinar a evolução para a *idade antiga*, altura em que se fundaram as tipologias de carácter especificamente madeirenses, surgindo modelos inventados e reinventados, influenciados quer pelo relevo e clima peculiares da Ilha, quer pelos materiais naturais disponíveis para a construção, e ainda por uma forte identidade psicológica que surgia, fruto do encontro do “Novo Homem” com uma Ilha primitiva, dominada pela força da Natureza no seu estado bruto. Desta fase fazem parte as tipologias descritas anteriormente, desde as elementares, estabilizadas logo nos séculos XV e XVI, às complexas, com um maior desenvolvimento e apuramento de materiais e técnicas construtivas, fruto da influência da arquitectura erudita urbana e solarenga dos séculos XVII e XVIII. *“A esta evolução estará naturalmente associado o fenómeno dos ciclos de maior riqueza económica, desde logo os do trigo, da madeira e do açúcar, seguindo-lhes o ciclo do vinho.”* (Mestre, 2002: 285)

Por *idade moderna* entendemos o período iniciado já no final do século XIX e inícios do século XX, marcado pelo retorno dos emigrantes, pelas indústrias do bordado e do vime, e pela cultura da banana. Nesta fase, principalmente no período entre guerras, verifica-se uma forte expansão, *“quase que um «repovoamento»”* (Mestre, 2002: 285) ocorrido principalmente na vertente Sul da Ilha. Quanto à habitação, *“os modelos, curiosamente, apresentam-se como se fossem decalcados dos «modelos tradicionais», quase como suas réplicas.”* (Mestre, 2002: 152) A sua particularidade verifica-se no abandono da utilização de técnicas e materiais tradicionais, substituindo-se progressivamente as paredes de alvenaria de pedra por paredes em blocos de cimento, as molduras em cantaria por argamassa, e as chaminés de alvenaria pelas pré-fabricadas em cimento. Apenas nas armações de cobertura se mantiveram, numa primeira fase, os processos construtivos e a métrica das armações tradicionais. Porém, com o passar do tempo também os telhados de quatro águas foram-se elevando, proporcionando o aparecimento do sótão para guardar os produtos da terra (e com ele a transportação das escadas para o interior da casa), acabando por, actualmente, reproduzirem a imagem mais comum da arquitectura rural da Ilha.

Após a Segunda Guerra Mundial – chamemos-lhe *idade contemporânea* –, com o desenvolvimento industrial e a ascensão do turismo a principal impulsionador económico da Ilha, vão ocorrer transformações sociais e económicas significantes, com consequências desastrosas para o território e paisagem cultural da Madeira, verificando-se uma gradual desarticulação da arquitectura popular.

O turismo, que no início do século era praticado apenas por uma elite burguesa que procurava o repouso, uma fuga à vida agitada dos centros urbanos, aumenta significativamente depois da Guerra, sobrepondo-se à agricultura e ao artesanato, remetidos quase ao esquecimento.

Os campos começam assim a se desertificar, acentuando-se a migração interna para o Funchal que, enquanto detentor das áreas de turismo, de serviços e comércio, passa a ser o pólo de atracção para quem procura emprego. Não existindo capacidade habitacional para o elevado número de população que desejava instalar-se nas cidades, inicia-se uma expansão descontrolada para as zonas mais altas, surgindo novos aglomerados que se sobrepõem à paisagem até então harmoniosa da Ilha. O povoamento que, até à data, se mantinha essencialmente disperso, extremamente ligado à exploração agrícola, passa a ser sobrecarregado, impondo-se forçosamente na paisagem.

O Homem já não depende da agricultura para o seu sustento e, por isso, as novas casas aparecem cada vez mais desligadas da terra, rejeitando *“a tradição em todos os domínios, respectivamente nos materiais, na escala, na tipologia, nas proporções e nos métodos construtivos.”* (Mestre, 2002: 286) As casas duplicaram de dimensões e o mau uso dos materiais provocou um efeito devastador na paisagem. Surgiram as novas modas, trazidas pelos emigrantes, com os seus telhados característicos, os arcos nas fachadas e, mais recentemente, os azulejos como revestimento predominante nas fachadas.

Para agravar a situação, perderam-se muitos edifícios de elevado valor patrimonial, substituídos por novas casas de carácter urbano que não se relacionam com as anteriores. Os mestres construtores foram, também eles, substituídos pelos chamados construtores civis, encerrando-se *“um longo de ciclo de cultura arquitectónica popular, de uma cultura coeva de autor.”* (Mestre, 2002: 286) Perdeu-se assim, o saber do mestre construtor, um saber que era transmitido de geração em geração em jeito de herança, agora apenas observado em alguns instrumentos e engenhos ainda existentes, e no que se preservou da arquitectura popular da Ilha.

Ainda hoje, após terem sido institucionalizadas regras contra as aberrações mais gritantes que ameaçavam a paisagem da Madeira, continua-se, nas zonas mais recônditas, a construir casas descontextualizadas que ferem o território. A única razão de tão rico património subsistir ainda na Madeira deve-se, não à vontade de na altura terem sido preservados, mas sim à falta de recursos económicos de quem os habitava, não tendo havido a possibilidade de os substituir.

Como justamente afirma Paulo David, *“o maior arquitecto da Ilha da Madeira foi a escassez.”* (David, 2012) Foi ela, e apenas ela, quem preservou a herança cultural da Ilha até porque, como veremos de seguida, o papel do arquitecto na interpretação da arquitectura popular enquanto memória cultural de uma região encontrava-se ainda em estado emergente.

O Ressurgir das Architecturas de Tradição na Madeira

“As architecturas de tradição são hoje apreciadas como importantes legados culturais, indispensáveis para decifrar o longo caminho do Homem na arte de construir espaços para o seu abrigo, para o de animais, para arrumos e, também, para resguardos de alfaias destinadas à transformação dos produtos de lavoura e da natureza. [...] Estas architecturas aparentemente espontâneas têm as suas raízes na própria fundação da tradição de uma comunidade, nos seus costumes, na acção desta sobre a terra de onde tira o seu sustento.” (Mestre, 2002: 33)

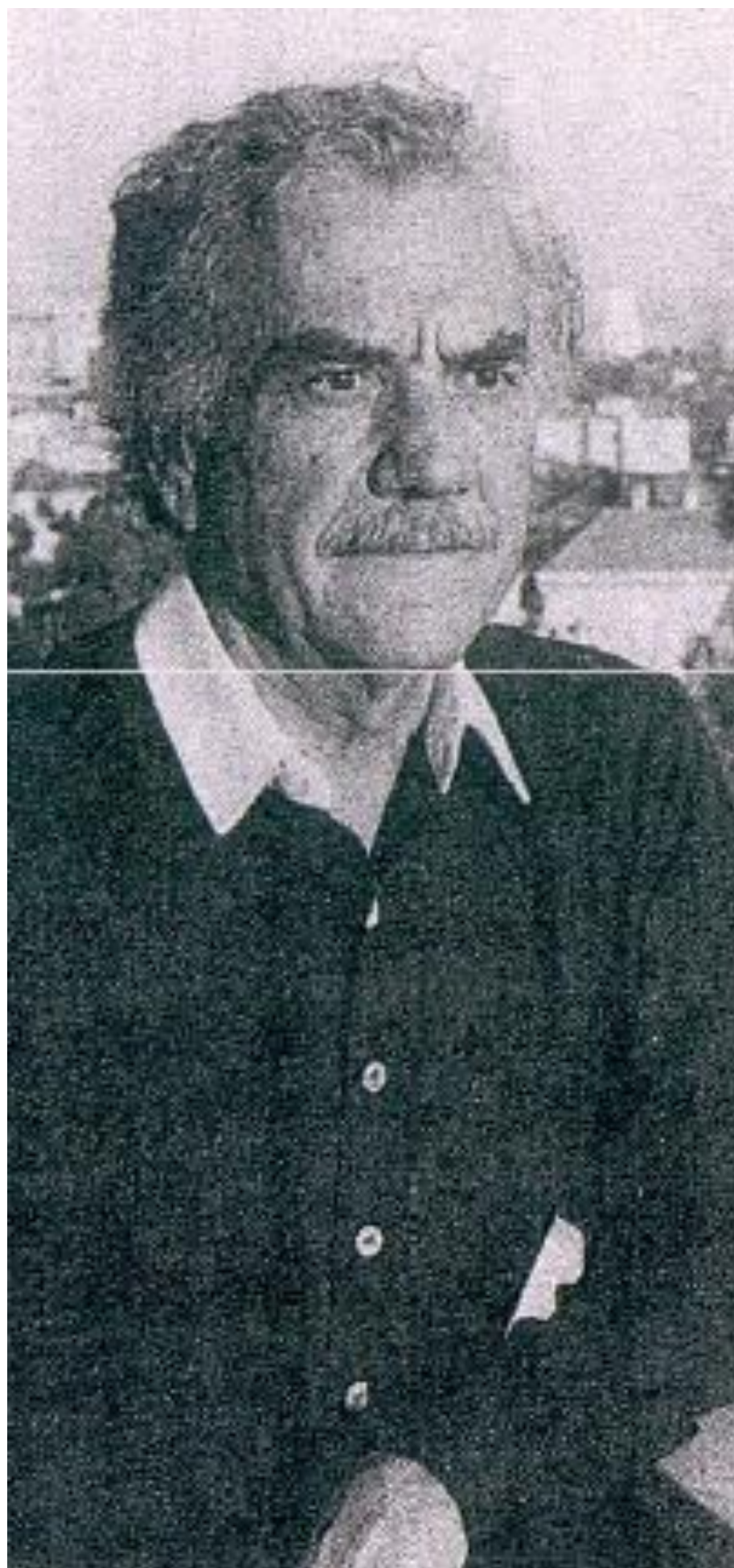
Estas architecturas de tradição, que constituem o que hoje em dia chamamos de arquitectura popular, são, como Victor Mestre afirma, reconhecidas actualmente como parte fundamental para o estudo e compreensão cultural de um território. Este reconhecimento da Arquitectura Popular, porém, é relativamente recente, se considerarmos que há pouco mais de meio século não existia ainda um significado unânime quanto ao tema – quanto muito, tal temática era alvo de discórdia, se não mesmo de polémica, nas diversas camadas intelectuais, e especialmente na arquitectura. Em Portugal, esta problemática tem sido estudada e questionada ao longo de mais de um século. Se hoje em dia temos uma noção quase imediata quando se pensa em arquitectura popular, isto foi devido a vários estudos e acontecimentos, directa ou indirectamente relacionados com o tema, que ocorreram durante mais de um século, principalmente entre o final do século XIX e os anos 50.

De entre os vários acontecimentos ocorridos, João Leal destaca dois momentos da arquitectura portuguesa como sendo *“os mais conhecidos e mais importantes na reflexão e pesquisa sobre a arquitectura popular em Portugal no século XX”* (2009: 5) – o movimento da Casa Portuguesa, liderado por Raul Lino entre finais do século XIX e a década 50; e o Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal, ocorrido nas décadas de 50 e 60, promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos. Para a presente abordagem, consideramos ser o Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal o acontecimento mais significativo, não descurando, porém, o Movimento da Casa Portuguesa, encarado como um impulsionador involuntário desse acontecimento. *“O movimento da Casa Portuguesa articula-se em torno de duas ideias gémeas: a existência de um tipo específico de habitação popular que seria caracteristicamente português – designado justamente por casa portuguesa – e a defesa e institucionalização de um formulário arquitectónico – adequado às exigências da vida moderna – inspirado nesse tipo de habitação.”* (Leal, 2009: 6) Ora, o Inquérito, como veremos de seguida, vem opor-se exactamente a este ideário que, adoptado pelo Regime de Salazar como uma espécie de regra para a produção arquitectónica no país, terá tido consequências desastrosas para o segundo quartel do século, promovendo-se uma arquitectura de tendência nacionalista, materializada em características estilísticas impostas, geralmente designadas por *“Português Suave”*.

Nenhum destes estudos/acontecimentos envolveram, na época, as regiões insulares de Portugal, mas nem por isso se deixaram de lá sentir as suas repercussões. Numa época em que, na Madeira, rareavam os arquitectos, esta temática é introduzida essencialmente através de dois arquitectos: Edmundo Tavares, na mesma linha de Raul Lino, e Raúl Chorão Ramalho que, integrado na geração contestatária dos anos 50 com quem partilha entendimentos, vai desempenhar o papel de difusor do espírito do Inquérito na Ilha. É, assim, a partir de Chorão Ramalho que se vai retomar a aproximação às formas vernáculas na arquitectura madeirense, liberta de estilismos e neo-regionalismos, aceitando na sua modernidade aspectos da arquitectura popular.

O ARQUITECTO

Raúl Chorão Ramalho



1. Raúl Chorão Ramalho

Raúl Chorão Ramalho: Vida e Obra

Percurso Académico e Profissional:

Aproximações ao Tema da Arquitectura Popular em Portugal

1914	<p>Raúl Chorão Ramalho nasce no Fundão a 23 de Fevereiro de 1914.</p> <p>O liceu é feito em Coimbra, onde vai formar um grupo composto apenas por artistas plásticos chamado “Os Divergentes” que se reunia <i>“em tertúlias nos cafés da cidade, discordando da política do regime, do ambiente indolente coimbrão dos anos 30, da cultura sonolenta, amorfa e académica, e divergindo também da iconografia da arquitectura oficiosa.”</i> (Freitas, 2010: 25) Aqui inicia o seu contacto com a comunidade de artistas plásticos, muitos dos quais vai chamar futuramente para colaborar nos seus projectos.</p>
1932-1941	<p>Em 1932 inscreve-se no curso de arquitectura na Escola de Belas Artes de Lisboa, <i>“algo contrariado, já que o seu desejo era tirar o curso de pintura, mas aceitando a orientação paterna na convicção plena de que, depois de matriculado nesta escola iria transferir-se para o seu curso de eleição.”</i> (Freitas, 2010: 25) Depressa toma o gosto pela arquitectura, particularmente pela arquitectura moderna, transferindo-se em 1935 para a Escola de Belas Artes do Porto onde vai receber importantes lições do mestre Carlos Ramos [1897-1969] que, antecipando o regionalismo crítico dos anos 50, o vai influenciar posteriormente.</p>
1942-1946	<p>Em 1942, ainda antes de terminar o curso, vai trabalhar para os Serviços de Urbanização da Câmara Municipal de Lisboa, transitando dois anos mais tarde para a Direcção Geral dos Serviços de Urbanização do Ministério das Obras Públicas. É na Câmara de Lisboa que vai colaborar com Keil do Amaral [1910-1975], vindo mais tarde a tomar papel relevante na direcção do grupo Iniciativas Culturais de Arte e Técnica (ICAT).</p> <p>O ICAT é formado em 1946 por Keil do Amaral que se vai tornar <i>“no mentor, involuntário ou não, da referência profissional e ética da nova geração”</i> (Tostões, 1997: 27) quando reúne um grupo de trinta arquitectos que, discordando dos modelos arquitectónicos impostos pelo Regime, lutavam por uma arquitectura contemporânea, mais de acordo com os modelos protagonizados pela arquitectura moderna internacional. Inseridos no grupo estavam, para além de Keil do Amaral, Formosinho Sanches [1922-2004], Manuel Tainha [1922-2012], Nuno Teotónio Pereira [1922], Rafael Botelho [1923] e, claro está, Raúl Chorão Ramalho.</p> <p>É, em 1947, na revista Arquitectura, e logo no segundo número (nº 14) após ter sido adquirida pelo grupo, que Keil do Amaral vai publicar o seu artigo <i>Uma Iniciativa Necessária</i>, já alertando para a necessidade da <i>“recolha e classificação de elementos peculiares à arquitectura portuguesa nas diferentes regiões do País, com vista à publicação de um livro, larga e criteriosamente documentado, onde os estudantes e técnicos da construção pudessem vir a encontrar as bases para um regionalismo honesto, vivo e saudável.”</i> (Amaral, 1947: 12) No artigo referia que <i>“a nossa arquitectura regional encerra muitas e valiosas lições”</i> que nunca tinham sido estudadas,</p>

simplesmente copiadas e mal interpretadas em edifícios onde se introduziam “beirados graciosos de telhados, painéisinhos de azulejo, alpendres de coluninhas, ferros forjados em profusão...” e que a isso não se podia chamar de arquitectura regional. “O que realmente interessa é procurar; em cada região, as maneiras como os habitantes conseguiram resolver os diversos problemas que o clima, os materiais, a economia e as condições de vida inerentes à região impuseram às edificações. Depois, analisar até que ponto as soluções são boas e conservam actualidade, isto é, continuam a ser as mais adequadas, funcional e economicamente.” (Amaral, 1947: 12-13)

Ainda em 1946, ocorre a I Exposição Geral de Artes Plásticas onde ambos, Keil do Amaral e Chorão Ramalho, participam. A Exposição surge através do Movimento de Unidade Democrática (MUD) que, logo após a Guerra, prepara uma reunião de artistas que, lutando contra o regime, propõem uma ruptura na sociedade portuguesa transmitida através da arte. O êxito desta exposição vai levar ao aumento de participantes nas próximas “Gerais” que se vão prolongar até a década de 50, contribuindo para a uma franca transformação na cultura portuguesa. Chorão Ramalho, ainda finalista no curso de arquitectura na Escola de Belas Artes do Porto, apresenta nesta exposição uma moradia unifamiliar.

1946

A 30 de Julho de 1947 Chorão Ramalho é diplomado e, logo a 7 de Agosto, inscreve-se no Sindicato Nacional dos Arquitectos, organismo antecessor da actual Ordem dos Arquitectos onde mais tarde virá a trabalhar. O seu estágio é feito inicialmente no atelier do arquitecto Paulo Cunha, passando de seguida para o atelier do seu antigo professor Carlos Ramos.

1947

Nesse mesmo ano fundava-se no Porto a Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM) com os mesmos objectivos e princípios orientadores que o ICAT, mas mais empenhados no que diz respeito à divulgação da arquitectura moderna do seu tempo.

É dentro do seio da ODA que Fernando Távora [1923-2005] vai publicar em 1947 o ensaio *O Problema da Casa Portuguesa*. Com princípios paralelos aos que Keil do Amaral, pertencente à anterior geração, expunha em Lisboa, Távora apelava para que se fizesse um estudo do meio português e da arquitectura portuguesa existente porque “o estudo da Arquitectura portuguesa, ou da construção em Portugal, não está feito”; e ainda da arquitectura e das possibilidades de construção modernas no mundo porque “a individualidade não desaparece como o fumo e se nós a possuímos nada perderemos em estudar a Arquitectura estrangeira, caso contrário será inútil ter a pretensão de falar em Arquitectura portuguesa.” (Távora, 1947: 3)

Em 1948 realiza-se em Lisboa o I Congresso Nacional de Arquitectura, promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos. É neste congresso que ICAT e ODA “iriam juntar esforços para dar cabo do chamado «português suave», a arquitectura dita nacional que a ditadura de Salazar, a exemplo de outros regimes totalitários, utilizava como instrumento de inculcação ideológica para fortalecer o poder.” (Pereira, 2005: 217) Integrado na Exposição “Quinze Anos de Obras Públicas” patrocinada pelo Governo para enaltecer o Regime e o trabalho do falecido Engenheiro Duarte, anterior Ministro das Obras Públicas, o Congresso marcou o “momento de viragem na reconquista de liberdade de expressão dos arquitectos” (Pereira, 1981: 346) que pugnavam por uma produção arquitectónica actual e moderna que não descurasse, no entanto, a tradição e as raízes da arquitectura portuguesa.

Chorão Ramalho participa no Congresso enquanto membro activo do ICAT, mas sem apresentar qualquer comunicação. Exibiu no mesmo ano na “III Exposição Geral de Artes Plásticas” fotografias do trabalho de remodelação da cervejaria Trindade em Lisboa.

Em 1950 estabelece atelier em parceria com Manuel Tainha, Nuno Teotónio Pereira, Manuel Alzina de Menezes e Bartolomeu da Costa Cabral, mas trabalhando independentemente. *“Mesmo depois da saída dos sócios, manteve sempre, e até ao final da sua vida, este atelier no nº61, R/C, da Rua da Alegria, artéria que futuramente se tornaria emblemática da segunda geração dos arquitectos modernistas, onde os mais qualificados montavam atelier. [...] Verdadeira escola de formação, [...] o seu atelier permaneceu sempre como uma verdadeira oficina, um local de trabalho numa desordem aparente sem a assepsia do design controlado e o ar sério de técnicos concentrados.”* (Freitas, 2010: 26-27)

Na Exposição Geral de Artes Plásticas de 1951, apresenta o inovador Conjunto da Capela e Ossário do Cemitério de Nossa Senhora das Angústias no Funchal, revelando um projecto que antecipava já o espírito do Movimento de Renovação da Arte Religiosa (MRAR) que iria ser criado dois anos mais tarde em 1953, e no qual viria a integrar.

O MRAR surge como consequência directa do Congresso de 48, involuntariamente liderado por Nuno Teotónio Pereira que, a par dos trabalhos feitos na transformação do espaço habitável, visava uma revisão da arquitectura religiosa que, *“depois do momento de modernidade que constituiu a concepção da Igreja de N.ª Sr.ª de Fátima [de Pardal Monteiro] nos anos trinta”,* tinha sofrido *“um franco retrocesso”* (Tostões, 1997: 99) voltando à concepção de templos ecléticos e historicistas. Na Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, realizada no mesmo ano na Igreja de São Nicolau em Lisboa, *“um grupo de profissionais de Arquitectura apresentava de modo crítico a evolução da arquitectura religiosa, baseando as condições da arquitectura cristã no espírito do evangelho: «Pureza-Verdade-Pobreza-Paz», em tudo se aproximando ao sentido de pureza, de verdade dos materiais, de simplicidade e de rigor da arquitectura moderna.”* (Tostões, 2004: 30)

Consequência do Congresso foi também o Inquérito à Arquitectura Regional que surge principalmente pela acção de Keil do Amaral que, após a sua eleição para a presidência do Sindicato dos Arquitectos, cargo que nunca chegou a ocupar, implementa em 1949 o programa da inquirição, concretizando a sua intenção já manifestada dois anos antes no artigo *Uma Iniciativa Necessária*. Apoiado pelo Governo, convicto que este contribuiria para *“o aportunamento da arquitectura moderna no nosso país”* (José-Augusto França cit. in Tostões, 1997: 161) como um mero catálogo, o Inquérito, apenas publicado em 1961 com o título “Arquitectura Popular em Portugal” (e não “portuguesa”, já apontando de certa forma as suas conclusões), vem demonstrar precisamente que *“ao contrário de um estilo genuinamente português havia afinal tantas tradições quanto regiões”,* concluindo que *“não havia uma «arquitectura portuguesa» ou uma «casa portuguesa».”* (Tostões, 1997: 161) *“A grande lição do Inquérito é precisamente que a Arquitectura responde regionalmente de uma forma muito imediata às necessidades.”* (Mestre & Esteves, 1987: 96)

Mas mais importante, a investigação levada a cabo pelo Inquérito, baseada numa interpretação moderna da arquitectura popular, *“vem exactamente confirmar a existência de grandes similitudes entre a arquitectura popular e a arquitectura moderna.”* (Fernando Távora cit. in Leal, 2008: 42) Surgindo, por um lado, como *“uma leitura que é feita explicitamente contra a hegemonia da Casa Portuguesa”* enquanto *“linguagem arquitectónica do regime”* (Leal, 2008: 48) e, por outro, já numa crítica ao estilismo do descontextualizado Estilo Internacional, o Inquérito vem consubstanciar a produção da arquitectura que já se ia fazendo em Portugal durante toda a década de 50, *“mais atenta a valores especificamente locais, ao património edificado, ao tipo de cliente, aos seus costumes, à construção e às tecnologias disponíveis no local.”* (Ramos, 2010: 269)

“O espírito do Inquérito vai influenciar de sobremaneira a obra de Chorão Ramalho, na especial atenção ao ambiente, à verdade dos materiais locais, às tradições arquitectónicas vernáculas, sem prejuízo da atenção dispensada ao que se passa no mundo, numa atitude de simbiose entre tradição popular e o Modernismo, de que era acérrimo defensor.” (Freitas, 2010: 21) Com intenções paralelas às dos arquitectos que participaram no Inquérito, dos quais se destacam Fernando Távora, Keil do Amaral e Nuno Teotónio Pereira, respectivamente responsáveis pela zona do Minho, da Beira e da Estremadura, Chorão Ramalho defendia que *“nem os arquitectos modernos desprezam a tradição, antes a consideram como fonte de informação necessária para a realização de uma arquitectura viva, no tempo e no espaço”,* e que *“o melhor caminho para que venha definir-se uma arquitectura dos nossos dias com características nacionais é acolher sem preconceitos a arquitectura moderna e deixá-la evolucionar, amadurecer no nosso meio, no nosso clima, influenciada por todos os factores materiais e espirituais que sem artificialismos, hão-de vir a imprimir-lhe certamente uma feição local e portuguesa.”* Seria por isso *“insensatez pretender agora impedir ou cercear uma tendência arquitectónica plena de vitalidade e originada em realidades fundamentais na determinação de um estilo: novos materiais, novas técnicas, novos problemas funcionais, económicos, sociais e uma nova visão dos problemas espirituais e morais.”* (Ramalho, 1953: 7)

1950-1960

Acompanhando o ambiente de reconquista da liberdade de expressão dos arquitectos nos anos 50, Chorão Ramalho representou uma figura sempre constante nos eventos mais marcantes da Arquitectura Portuguesa da sua geração, participando nas mais variadas exposições de arquitectura, como, para além das “Gerais”, na Exposição de Arquitectura Portuguesa em Londres de 1956. Foi chamado frequentemente para representar o Sindicato Nacional dos Arquitectos em diversos eventos, quer como membro consultivo, quer como júri, como foi o caso da II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian, realizada em 1961, em que foi júri, saindo como vencedor do “1º Prémio de Arquitectura” Fernando Távora com o Mercado Municipal de Vila da Feira. Organizou inúmeros encontros profissionais, de onde se destaca o III Congresso da União Internacional dos Arquitectos, onde apresentou diversas obras, entre elas os interiores do Cinema Império.

Desta forma, inserido na geração que se afirma nos anos seguintes à II Grande Guerra, discreto em palavras mas activo e contestatário em obra espalhada por Portugal Continental, Madeira, Macau e Brasil, torna-se *“uma referência incontornável da cultura arquitectónica contemporânea.”* (Tostões, 2010: 7)

1997

A sua obra é homenageada em 1997 na Exposição *Raúl Chorão Ramalho – Arquitecto*, organizada por Victor Mestre, último colaborador de Chorão Ramalho, e a sua sócia Sofia Aleixo; de início na Casa da Cerca em Almada, Lisboa, e de seguida no Salão Nobre da Assembleia Legislativa Regional da Madeira, um edifício por si projectado.

No mesmo ano é distinguido com o prémio de Arquitectura AICA – Ministério da Cultura *“pela qualidade, coerência, bem como pela permanência no tempo da sua obra e pelo modo sereno como ela se soube construir em diversas regiões do mundo (Portugal Continental, Madeira, Macau e Brasil).”* (Freitas, 2010: 126)



2



3



1



2

2. Avenida do Infante
3. Sanatório Dr. João de Almada
4. Antigo restaurante do Pico dos Barcelos
5. Antiga Escola Dr. Salazar

Chorão Ramalho vem para a Madeira a convite do Ministério das Obras Públicas para trabalhar na Direcção Geral de Serviços de Urbanização e se encarregar, juntamente com uma brigada profissionais especializados em outras áreas, do estudo de vários planos de urbanização e, especificamente, das redes de água da Ilha.

Na mesma época surge a iniciativa do Governo Nacional, na pessoa de Duarte Pacheco, de estudar o aproveitamento das águas na Ilha, visando a obtenção de energia através da construção de centrais hidroeléctricas e levadas, criando em 1944 a Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira. Cabe assim a Chorão Ramalho, que já se encontrava a trabalhar na Ilha, a encomenda das duas primeiras Centrais Hidroeléctricas da Região, vindo mais tarde a tornar-se responsável por todos os edifícios relacionados com a distribuição de energia eléctrica no Arquipélago da Madeira. Assim se vai prolongando a estadia do arquitecto na Madeira, onde rapidamente estabelece relações com a elite económica, cultural e política que, mesmo depois de o arquitecto deixar a Ilha, continua a encomendar os seus projectos.

Chorão Ramalho chega à Ilha numa altura em que Fernão Ornelas, Presidente da Câmara do Funchal entre 1935 e 1946, empenhado na modernização do Funchal, levava a cabo o Plano de Urbanização de Carlos Ramos de 1932 que, tendo sido aluno de Ventura Terra [1866-1919], autor do anterior Plano de 1915, dava continuidade aos mesmos princípios orientadores do Mestre.

Foi na sequência do Plano de Carlos Ramos que se abriu a nova Avenida Oeste de saída do centro da cidade, actual Avenida do Infante, onde vão surgir algumas casas unifamiliares já próximas da gramática modernista. Se o Modernismo em Portugal se manifestava lenta e timidamente, na Madeira, na época uma região cultural e economicamente atrasada dominada pelo excessivo peso da Igreja, era quase inexistente. Sem profissionais ligados à arquitectura a residirem no Funchal, o modernismo ia sendo inserido por arquitectos que vinham do Continente, chamados para participar na modernização da cidade. Ter-se-á, portanto, aproveitado a estada de Carlos Ramos na Ilha para a encomenda do projecto para o Sanatório Dr. João de Almada, requerido para o tratamento do elevado número de tuberculosos que se verificava na altura, apenas concretizado em 1940 (no mesmo ano em que o arquitecto integra a Escola de Belas Artes no Porto como professor, introduzindo a linguagem modernista na Escola do Porto). O Sanatório, constituído por um longo volume horizontal de desenho limpo e austero, com amplos vãos envidraçados e largas varandas abertas à cidade, foi o primeiro grande edifício a ser construído em betão armado na cidade do Funchal.

Curiosamente é a Edmundo Tavares, durante muito tempo o único arquitecto a residir na Madeira, que se devem os primeiros exemplares modernistas construídos na Ilha. Da segunda metade da década de 30 temos referência de um restaurante no Pico dos Barcelos, um edifício cubista em betão armado de cobertura plana, com amplas fenestraçãoes e varandas em balanço, hoje adaptado a uma loja de artefactos; e a Escola Dr. Salazar na Rua dos Ilhéus, edifício sóbrio de planta rectangular com cobertura plana e fachada simétrica ritmada pelas fenestraçãoes, muito provavelmente da sua autoria. Já no final da década de 30, inaugurado em 1940, projectou o conhecido Mercado dos Lavradores do Funchal que, ocupando todo um



6



7



8



9



3

6. Mercado dos Lavradores
7. Liceu Jaime Moniz (Liceu Nacional do Funchal)
8. Banco de Portugal
9. Vista das fachadas do Banco de Portugal e dos Correios do Funchal
10. Correios do Funchal

quarteirão, abre-se para o interior através de um grande pátio intimista. Exteriormente, a volumetria é sóbria e assimétrica de linguagem próxima aos modelos internacionais, pontuada por *“corpos curvilíneos, dinâmicos, utilizando já a presença das lajes em consola, horizontalmente dispostas sobre as entradas, para acentuar a nova dimensão da «arquitectura moderna»: o uso «libertador» do betão armado, que permite «moldar» as formas edificadas de modos muito diversos.”* (Fernandes, 1993: 58)

Porém, com a introdução do conservadorismo do Regime, é também Edmundo Tavares que, abandonando a gramática modernista, vai produzir os mais emblemáticos edifícios no chamado estilo “Português Suave”. Ainda em 1936 teria iniciado o projecto do novo Liceu Nacional do Funchal, actual Liceu Jaime Moniz, com linguagem arquitectónica modernista. Porém, com o atraso da edificação por mais dez anos, foi forçado a remodelar o projecto, introduzindo os, tão apreciados pelo Regime, *“múltiplos telhados e beirados assentes em decorativas cimalthas, assim como em monumentais panos cegos, um deles exibindo colossais armas nacionais em cantaria.”* (Freitas, 2010: 31) Na década de 40, já rendido à arquitectura do Regime, terá produzido o Banco de Portugal com as suas aberturas neobarrocas e imponentes colunas dóricas estriadas, e as casas torreadas na Avenida do Infante que, na mesma linha de Raul Lino (que aliás também projectou a casa Ema Vieira na mesma rua), ladeiam as já referidas vivendas do plano de Carlos Ramos que antecipavam o modernismo iminente.

A década de 40 é marcada, então, pela imposição da arquitectura do Regime destacando-se como excepção, junto ao Banco de Portugal, os Correios do Funchal de Adelino Nunes que, numa tentativa de, ao contrário de Edmundo Tavares, atender às exigências do Regime sem no entanto renegar as suas convicções, cria um edifício *“austero e inteligentemente neutro”* de linhas horizontais e um modernismo purista, *“apenas contrariado pelo uso de cantarias rijas regionais e pela imponente marcação da entrada feita por grossos pilares e uma escadaria de dois lanços”*. (Freitas, 2010: 32)

É pois Chorão Ramalho quem vai finalmente retomar a introdução do Modernismo na Madeira com as suas primeiras obras, na altura mais aproximadas aos dogmas do Movimento Moderno, mas já antecipando uma certa sensibilidade na atenção dada à relação com a envolvente próxima e com o ambiente em geral da Ilha. É neste período que projecta a Capela de Nossa Senhora das Angústias com a sua cobertura elevada em finos pilotis e a expressiva grelha moderna na fachada, a Igreja Paroquial do Porto da Cruz com as suas lâminas diagonais nas fachadas laterais, e os primeiros estudos para a Central Térmica do Funchal, a Casa da Luz.

A década de 50 é já marcada pelo período em que, influenciado pelo espírito do Inquérito, procura uma arquitectura mais contextualizada, em que a relação com a envolvente adquire importância maior no projecto. O Inquérito na altura não abrangeu os Arquipélagos mas Chorão Ramalho terá feito uma inquirição pessoal, efectuando uma pesquisa cuidada da Ilha. *“É impressionante a quantidade de fotos da Madeira e dos locais de implantação que fazem parte do seu espólio de Atelier.”* (Freitas, 2010: 110)

A “ampliação” do Inquérito só terá sido feita mais tarde entre 1983 e 2002, fruto do trabalho de Victor Mestre, último colaborador de Chorão Ramalho e certamente influenciado pelo seu trabalho, e da sua sócia Sofia Aleixo. Publicado sob o título “A Arquitectura Popular da Madeira”, esta nova inquirição é feita com o benefício da perda do *“preconceito”* (Dias, 2011) do original Inquérito, em que apenas se encontram *“os exemplos que os arquitectos consideravam mais modernos”*; (Fernando Távora cit. in.

Leal, 2008: 42) mas com o empobrecimento pelo desaparecimento do incontável número de exemplares da arquitectura popular regional que a distância e a expansão do povoamento produziu. Em relação ao primeiro, apresenta-se mais completo, analisando desde os costumes do povo e a habitação rural, aos engenhos agrícolas e de aproveitamento de energias naturais, e ainda apontando para uma ética de preservação em que *“de forma inédita e sobretudo cautelosa, aponta pistas para a manutenção, reabilitação e reutilização desta arquitectura”*. (Távora, 2001:13)

Neste livro, Chorão Ramalho é mencionado como um caso a destacar pelo *“trabalho pioneiro”* no Arquipélago da Madeira. *“Será este o arquitecto que irá retomar o tema da «casa regional», não no sentido da casa tipológica e formalmente fixada no modelo reproduzível. Muito pelo contrário, faz uma leitura atenta da arquitectura local na sua expressão popular vernácula e erudita, contrariando o pastiche ou um falso regionalismo.”* (Mestre, 2002: 303)

“Chorão Ramalho observou o engenho dos artesãos locais na manipulação dos materiais, nas suas propriedades físicas e na sua influência no desenvolvimento da casa, no seu conjunto.” (Mestre, 2002: 303) Da arquitectura popular absorveu *“aquilo que o arquitecto Keil do Amaral chamava «a superação das bases materiais». Verificava-se [no Inquérito] que os fazedores anónimos da arquitectura regional conseguiam, com materiais rudimentares relativamente simples, usando sempre exaustivamente os mesmos materiais – porque no fundo a paleta dos materiais nessa arquitectura é extremamente reduzida – uma grande austeridade, fazendo aquilo que Keil chama «uma arquitectura de camisa branca», uma arquitectura muito digna apesar da pobreza dos recursos.”* (Esteves & Mestre, 1987: 97)

Frequentemente chamava para colaborar nas suas obras calceteiros e mestres locais para empedrar os tradicionais pavimentos em calhau rolado e construir as paredes em aparelho de pedra basáltica, e os artesãos que trabalhavam a cantaria regional, fazendo aplicar os materiais de uma forma contemporânea, tirando partido da sua expressividade plástica. Atendeu aos aspectos formais da arquitectura vernácula, com especial atenção para a utilização dos tapa-sóis verde-garrafa que marcam a imagem da típica arquitectura madeirense. Reutilizou as coberturas em salão da arquitectura popular do Porto Santo, demonstrando a viabilidade de certas soluções que continuam a ser actualmente a resposta ideal face às adversidades e ao clima de um território. Analisou a forma de implantação da casa madeirense e a sua relação com a paisagem e com a Natureza. Mais que tudo isso, entendeu o *“carácter”* abstracto da arquitectura e do povo da Madeira, produzindo uma arquitectura digna e apreciada na Ilha, numa conjugação de ambientes que exprimem um *“sentir madeirense”*.



11. Raúl Chorão Ramalho nas obras da moradia Coronel Homem da Costa (terceiro a contar da esquerda)

CRONOLOGIA: OBRAS DE CHORÃO RAMALHO NA MADEIRA

de acordo com o ano de Projecto

- 1946** Edifício de Escritórios na Rua João Gago
- 1948** Adaptação da Central Hidroelétrica da Calheta
Central Hidroelétrica da Serra de Água
- 1949** Igreja Paroquial do Porto da Cruz
- 1951** Capela-Ossário de Nossa Senhora das Angústias
Edifício Blandy
- 1952** Central Térmica do Funchal
- 1954** Central Hidroelétrica do Porto Santo
Edifício João de Freitas Martins na Avenida do Mar
Adega Experimental do Porto Santo
- 1957** Igreja do Imaculado Coração de Maria
Edifício Acciaiuoli (actual Edifício Comercial Tavira e Pensão Monte Rosa)
Posto de Transformação da Ribeira Brava
- 1958** Arranjos Exteriores da Igreja do Porto da Cruz
Posto de Transformação do Porto da Cruz
Central Hidroelétrica da Ribeira da Janela
Central Hidroelétrica da Fajã da Nogueira e Conjunto de Habitações para Funcionários
Adega Experimental de Câmara de Lobos
- 1959** Residência Paroquial do Porto da Cruz
Casa Bianchi
Escola Primária do Porto Santo
- 1960** Habitações Económicas – Conjunto da Caixa de Previdência do Funchal
Alameda Infante D. Henrique no Porto Santo
Balneários Municipais da Praia da Fontinha no Porto Santo
- 1961** Edifício Carlos Monteiro
Banco Português do Atlântico
- 1962** Edifício Milpan
Posto de Transformação do Monte
Sede da Ilma
Hotel Bela Vista (actual Lar da Bela Vista)
- 1963** Policlínica – Conjunto da Caixa de Previdência do Funchal
- 1964** Central Térmica do Curral das Freiras
- 1965** Posto de Transformação do Caniço
Casa Homem da Costa
- 1966** Reabilitação de um Edifício na Rua António José de Almeida (traseiras da Assembleia Legislativa Regional)
Remodelação e Ampliação da Sede do Banco Madeira
- 1967** Edifício dos Serviços Administrativos – Conjunto da Caixa de Previdência do Funchal
Hotel Quinta do Sol
- 1970** Hotel Madeira
Posto de Transformação do Bom Sucesso
- 1971** Cervejaria Coral (demolida)
- 1972** Posto de Transformação da Água de Pena
Edifício de Habitação na Rua da Carne Azeda
- 1973** Edifício Paixão
- 1982** Assembleia Legislativa Regional

A OBRA

Três casos de estudo

Escolha dos casos de estudo

Como tivemos oportunidade de perceber pela extensa lista de obras apresentada anteriormente na cronologia, Chorão Ramalho terá projectado vasta obra na Madeira. Numa primeira abordagem, pareceu-nos possível identificar uma linha evolutiva na sua produção arquitectónica, com fases distintas de acordo com a década em que foram projectadas. Destacamos uma primeira fase de obras da década de 40 em que se afirma uma linguagem mais conotada com os pressupostos do Movimento Moderno; a segunda, logo após o Congresso de 48, mais atenta aos valores de tradição local, explorando íntimas relações com a Ilha na tentativa de fazer valer os pressupostos de toda uma geração que lutava por uma arquitectura mais contextualizada; e finalmente a partir da década de 60, já com o Inquérito publicado e conclusões tiradas, em que a relação com o local manifesta-se já de forma mais tranquila.

Ora, para a abordagem em questão, interessa-nos precisamente o período de tempo em que o arquitecto procurou aprofundar a relação entre tradição e modernidade na sua arquitectura. As duas primeiras obras eleitas – a Igreja do Imaculado Coração de Maria e a Casa Bianchi – inserem-se, portanto, na década de 50. A terceira obra analisada é escolhida para melhor compreender o desenvolvimento do trabalho do arquitecto e, numa espécie de tributo, é precisamente a última obra projectada pelo arquitecto para a Ilha da Madeira – a Assembleia Legislativa Regional.

A condição temporal não foi, no entanto, o único factor decisivo para a eleição das obras. Para além de, confessemos, uma involuntária preferência pessoal, esta escolha pretende referenciar grandes transformações que se fizeram na arquitectura no século XX, e que consideramos terem sido determinantes para a compreensão actual desta disciplina. Temos assim um exemplar de arquitectura religiosa inserido no Movimento de Renovação Litúrgica, que veio por termo aos revivalismos historicistas que se produziam na primeira metade do século; um exemplar de arquitectura doméstica, tendo a moradia unifamiliar como aquela que mais fielmente poderá criar relações com a arquitectura popular – a casa rural; e, finalmente, um exemplo de intervenção em património edificado, adaptando-o para corresponder a um novo programa. Todas estas obras remetem para a introdução de noções hoje consideradas unânimes na arquitectura, desde a integração com a envolvente, seja num contexto mais aproximado ou alargado, atendendo aos materiais e técnicas construtivas disponíveis no local e aos costumes do próprio povo e, finalmente, ao respeito pelo património edificado enquanto herança cultural de uma região.

Não desprezando a restante obra do arquitecto, inegável contributo para a Ilha, tentou-se estabelecer ainda uma aproximação a um outro conjunto de obras, tendo em conta o programa a que se destinam e as inovações que propõem. Procurou-se estabelecer um percurso, percebendo as diferentes maneiras e soluções com que Chorão Ramalho responde ao problema da contextualização da Ilha, aceitando na sua modernidade leituras da tradição local. A escolha dos casos de estudo funciona, assim, como um motivo para se perceber toda uma linha evolutiva da intervenção do arquitecto na Madeira.



IGREJA DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

Por uma Nova Arquitectura Religiosa

“O desenho e a concepção de um edifício sagrado é a forma de arte em maior escala e também, por certo, a mais ambiciosa, porquanto o homem procura recriar o reino dos deuses na Terra, num espaço a três dimensões, onde os crentes tanto podem entrar física como espiritualmente”. (Humphrey & Vitebsky, 1998: 10)

A Igreja do Imaculado Coração de Maria, cujo projecto inicial data de 1955, é o terceiro edifício de carácter religioso projectado por Chorão Ramalho na Ilha da Madeira. Antes disso, tinha já projectado, em parceria com o arquitecto Alberto José Pessoa, a Igreja do Porto da Cruz, em 1949, e o conjunto da Capela e Ossário para o cemitério da Nossa Senhora das Angústias, em 1951, mas com anteprojecto de 1950, sendo esta última, provavelmente, a sua obra mais conhecida no que diz respeito à arquitectura religiosa.

Ambas se inserem no processo de revisão da arquitectura religiosa levado a cabo pelo MRAR, visando uma renovação do espaço sagrado que desse resposta às necessidades dos tempos actuais, incentivando a participação mais activa dos fiéis cada vez mais à parte dos valores espirituais. Pela sua organização espacial inovadora, permitindo uma maior liberdade e abertura do espaço da liturgia em relação à zona destinada aos fiéis, e pela atenção dada à contextualização, com a aproximação às formas, sistemas construtivos e materiais da região, evocam preocupações paralelas às exploradas na Igreja Paroquial das Águas (1949-1957), em Penamacor, por Nuno Teotónio Pereira que, como já vimos, terá sido um dos principais activistas do MRAR e o responsável pela equipa da Zona da Estremadura no Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal.

Igreja Paroquial do Porto da Cruz

Exteriormente, a Igreja do Porto da Cruz *“apresenta fachada principal terminada em empena, aludindo ao perfil do gótico mendicante subtilmente subvertido pelo movimento expressivo dos panos e pela severidade dos vãos do pórtico”* (Freitas, 2010: 46) De facto, a fachada principal do templo, apesar da inversão da posição dos materiais na composição alternada entre revestimento a pedra da região e paredes caiadas a branco, faz lembrar as da Sé do Funchal, que apresenta estrutura filiada no gótico mendicante. Também a torre sineira, apesar de estar neste caso separada do corpo da Igreja, lembra a da Sé do Funchal.



Na página ao lado:

1. Os dois materiais alusivos ao moderno (o betão armado) e ao tradicional (cantaria regional avermelhada) na fachada da Igreja do Imaculado Coração de Maria

Nesta página:

2. Sé do Funchal

O interior, contrariamente ao que se percebe exteriormente pela fachada principal do templo onde há a clara demarcação de um espaço central, adopta a planta longitudinal de uma só nave, recriando as duas naves laterais a partir da cobertura, através da subtracção do pé direito nas zonas que se afastam do alinhamento do altar. Solução semelhante vai ser adoptada na Igreja do Imaculado Coração de Maria que, como veremos, demonstra uma recriação das naves laterais, aqui mais desenvolvida através da introdução de duas galerias cobertas, com expressão volumétrica no exterior. A iluminação da nave é feita pelas paredes laterais, através dos vitrais que separam as *“grandes lâminas inclinadas, ao gosto da época”*, (Freitas, 2010: 46) e pela fachada principal, através da movimentação do pano branco que recebe as expressivas esculturas dos quatro evangelistas em cantaria cinzenta regional, da autoria do escultor António Duarte que, pelo *“rigor e pureza das linhas”*, lembram *“as figuras do friso da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, de Francisco Franco.”* (Freitas, 2010: 46) A igreja é toda pavimentada a cantaria cinzenta regional, o mesmo material utilizado exteriormente no embasamento, e o adro é calçetado a calhau rolado do mar com um canteiro ajardinado ao centro.



3



4

De destacar no conjunto é ainda a Casa Paroquial que, com a sua planta rectangular e telhado de quatro águas, aproximando-se *“de um edifício que transmite uma leitura de volume, robusto mas harmonioso”* (Mestre, 2002: 133), *“faz lembrar a casa elementar de dois pisos da arquitectura vernácula da Ilha numa fusão com a arquitectura chã civil portuguesa”*. (Freitas, 2010: 49) Característica da arquitectura vernacular, e especificamente da tipologia elementar de dois pisos, é ainda a aplicação de molduras em cantaria rija regional nos vãos, que se encontram protegidos pelos tradicionais tapa-sóis verde-garrafa madeirenses.



5



6

3. Igreja Paroquial do Porto da Cruz
4. Vista interior da Igreja do Porto da Cruz
5. Vista geral da Igreja do Porto da Cruz
6. Casa Paroquial do Porto da Cruz

Capela e Ossário de Cemitério de Nossa Senhora das Angústias

O Conjunto Capela-Ossário do Cemitério de Nossa Senhora das Angústias constitui praticamente a primeira obra de Chorão Ramalho construída na Madeira. Pela junção dos dois programas no mesmo edifício, e apesar do *“objectivo de tornar independentes os dois elementos, a Capela e Ossário, distinguindo-os em dois corpos de construção com características próprias”* (Chorão Ramalho, 1952), esta obra, apenas construída em 1955 mas com projecto de 1950, antecipa o espírito do MRAR, revelando a vontade de inovar o espaço religioso.



7

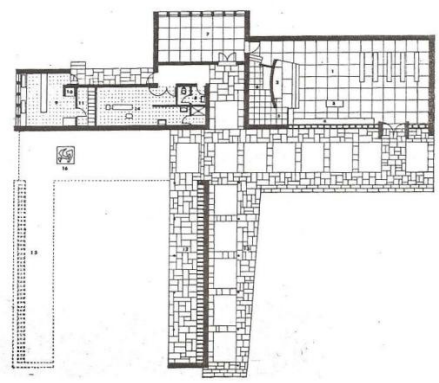
Os dois volumes são precedidos por uma plataforma pavimentada com lajetas de cantaria cinzenta regional, alternada com quadrados calcetados a calhau rolado do mar desenhando cruzeiros, e interligam-se entre si através de uma cobertura suspensa por finos pilotis que surge do volume que alberga as dependências ligadas à capela. A capela principal destaca-se em altura no conjunto horizontal; porém, *“impõe-se não tanto pela escala, mas certamente pela sua formalização plástica de grande força escultórica.”* (Tostões, 1997: 100) Em oposição, o volume do Ossário, com um percurso abrigado aberto para a praça de entrada do cemitério e da capela, apresenta extrema delicadeza, atingindo *“um ambiente de tranquilidade e serenidade nesta obra, paradoxalmente forte e sensível de poesia e humanidade.”* (Tostões, 1997: 100)

A fachada principal é constituída pela combinação entre a cobertura inclinada com expressão no exterior e uma grelha moderna em betão com moldes de desenho de cruzeiros que, apesar da negação veemente do autor (Almeida, 1997: 96), faz lembrar os modelos utilizados pela arquitectura brasileira divulgada pelo Estilo Internacional.

7. O Conjunto Capela e Ossário do Cemitério de Nossa Senhora das Angústias
8. Ossário
9. Planta do conjunto



8



9

A porta da capela, com moldura em cantaria cinzenta regional, “*abre-se à direita, enquanto, em equilíbrio dinâmico, a alta cruz de ferro ergue-se à esquerda.*” (Toussaint, 1997: 17) No interior predomina a mesma cantaria regional de tons avermelhados utilizada exteriormente que, em contacto com a grelha em betão armado e os vitrais coloridos nas aberturas em forma de cruz, e com um único pano curvo centralizado coberto por um painel cerâmico de Camarinha, cria um ambiente sóbrio e intimista.

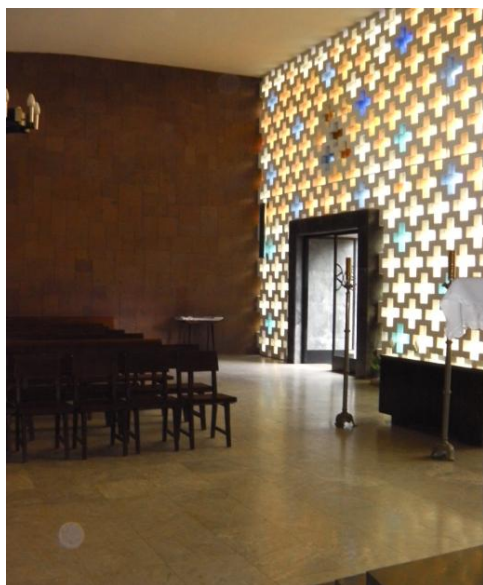
Pela sua marcada expressividade plástica assente na manipulação dos materiais ora modernos ora tradicionais; pela distinção dos planos verticais e dos horizontais, tanto no volume do Ossário, cuja cobertura, assente em finos pilotis, subtilmente não chega a tocar no volume, como na Capela, cuja cobertura aparece no alçado tardoz separada das paredes laterais através de vãos envidraçados; e pela riqueza no tratamento da iluminação, conseguida “*pela magnífica luz coada dos vitrais, sugerindo a alegoria contida na Ressurreição, simbolizada na escultura da entrada*” (Tostões, 1997: 100) de Querubim Lapa; a Capela-Ossário, obra “*delicada, bela, quase etérea*”, (Mestre, 1997: 27) abre caminhos para a concretização da Igreja do Imaculado Coração de Maria que, numa escala mais imponente, vai relevar a linha evolutiva e amadurecimento de Chorão Ramalho em relação aos edifícios de carácter religioso.



10



11



12



13

- 10. Percurso coberto para a Capela
- 11. Pormenor da fachada com a grelha moderna em betão
- 12. Vista interior da entrada da Capela
- 13. Vista interior do altar

Podemos concluir então que estas obras religiosas, *“projectadas no cumprimento da fidelidade ao movimento moderno, mas absorvendo as lições da arquitectura tradicional, resultam em intervenções de linguagem secamente pura, limpa e silenciosa, marcos da modernização arquitectónica religiosa e propostas de uma espacialidade nova, mas capaz de nos transmitir a real dimensão da condição humana e o sentido sobrenatural.”* (Freitas, 2010: 50) É no entanto na Igreja do Imaculado Coração, considerada como *“a primeira igreja de gramática assumidamente modernista construída na Madeira”* (Freitas, 2010: 42), que Chorão Ramalho vai introduzir reais inovações ao nível da liturgia, com soluções pouco comuns na arquitectura moderna portuguesa, numa composição plástica marcada pela manipulação de materiais, seja na sua expressão contemporânea, seja na popular.

Projectada para a freguesia do Imaculado Coração de Maria, nessa mesma altura criada pela divisão de outras freguesias existentes, tornando-se, logo a seguir à da Sé, a mais populosa do Funchal na altura, a Igreja exigiu desde início certa grandiosidade, estabelecendo-se mesmo a sua capacidade em função das dimensões da Sé, resultando no final apenas um pouco menor que esta.

É ainda de referir que a Igreja do Imaculado Coração de Maria, projectada em 1955, só terá sido terminada em 1978, altura em que se completou o conjunto com a Casa Paroquial e remate do adro. Na solução final surgem, portanto, elementos que não aparecem no projecto inicial e que provavelmente terão sido estabelecidos no decorrer da sua construção, fruto de contágios com outras obras, de sua autoria ou de outros arquitectos seus contemporâneos.



14



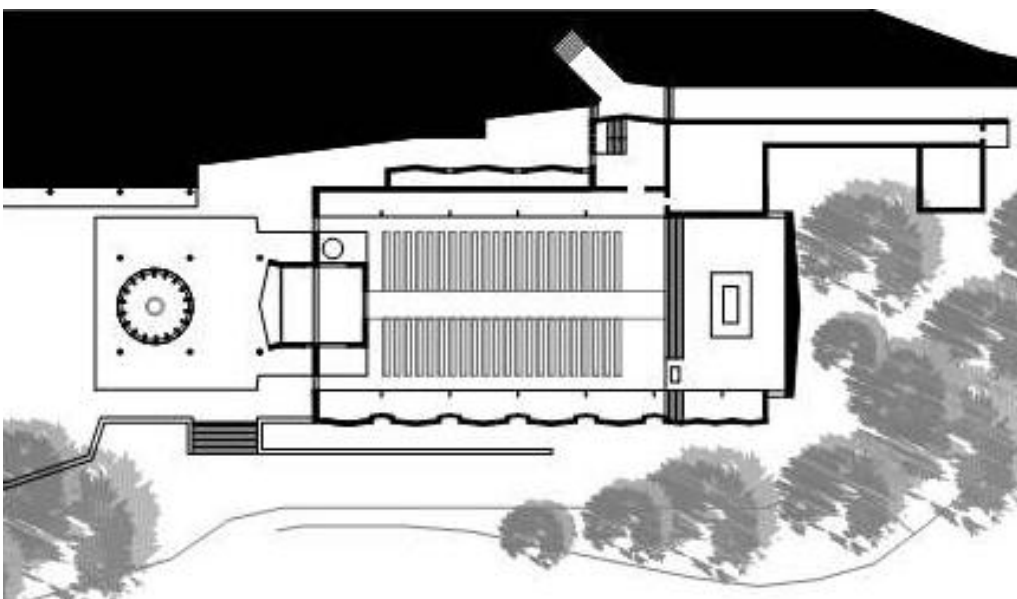
15



16



17



18

- 14. Implantação da Igreja do Imaculado Coração de Maria
- 15. Vista do Cruzamento entre a Estrada dos Marmeleiros e a Rua da Levada
- 16. Vista parcial da parede exterior da cabeceira em cantaria vermelha
- 17. Vista parcial da fachada principal da Igreja
- 18. Planta do piso térreo

Localização / Implantação

A Igreja do Imaculado Coração de Maria encontra-se localizada num espaço amplo e declivoso, situado a meia encosta do anfiteatro que domina a baía do Funchal, limitado a Sul pela Rua da Levada e a Norte pela Estrada Nacional para o Monte, actual Estrada dos Marmeleiros. A sua implantação é determinada pela intenção de Chorão Ramalho, explícita na memória descritiva, de respeitar a orientação tradicional Nascente-Poente, e de fazer sobressair a Igreja em relação à panorâmica do Funchal, valorizando a sua visibilidade desde a marginal e do mar.

O forte desnível do terreno, tão natural na Ilha da Madeira, permite a utilização de um piso sob a nave, destinado ao Centro Social e Paroquial do Imaculado Coração de Maria, que alberga uma pequena capela para serviço próprio. A Casa Paroquial surge no limite Poente do terreno, em frente à entrada do templo e, juntamente com o alpendre que lhe dá acesso, encostada aos muros de suporte da Quinta do Poço da Câmara, a Norte, configura o espaço do adro.

Actualmente, a pontuar a sua localização no extremo Nascente do terreno, visível para quem passa pelo cruzamento entre a Rua da Levada e a Estrada dos Marmeleiros, existe uma estátua de Nossa Senhora que terá sido o único elemento a resistir à destruição da Capela das Babosas, no Monte, aquando do temporal de 20 de Fevereiro de 2010. A dialogar com o conjunto, a estátua foi colocada sobre um embasamento revestido à mesma cantaria regional avermelhada que caracteriza plasticamente a Igreja do Imaculado.

O Templo

A Igreja é constituída por uma nave única onde, a partir do momento de entrada, toda a atenção é centrada para o espaço do altar, sucedido pela parede da cabeceira revestida a cantaria regional, composta por tufo (denominado localmente por “tufa”) vulcânico de duas tonalidades, avermelhada e arroxeadas, formando listras horizontais. No centro da parede podemos observar um único elemento destacado, a imagem de Cristo, em bronze, num crucifixo de madeira.

Grande destaque recebe também a cobertura do templo, composta por várias lajes de betão aparente desniveladas e paralelas entre si, apenas ligadas através de vãos envidraçados que conferem uma iluminação uniforme à nave. Transversalmente, as lajes independentes, formadas por panos movimentados em direcção ao centro da nave, alinham-se pelos grandes panos brancos que formam as paredes laterais, também eles separados por vãos envidraçados que envolvem os pilares. Estes rasgos verticais que percorrem as paredes laterais desempenham um papel secundário na iluminação da nave, tendo como principal função o enriquecimento e suavização da extensa superfície dos panos. Por sua vez, as frestas que rematam as paredes junto à cobertura têm por objectivo ventilar permanentemente o edifício, solução que o arquitecto considerou conveniente para o clima local.



19



20



21



22



23

- 19. Fachada principal da Igreja do Imaculado Coração de Maria
- 20. Fachada Norte vista do acesso pelo Estrada do Monte
- 21. Fachada Sul
- 22. Fachada Norte
- 23. Pormenor dos rasgos da cobertura

Na zona do altar, a cobertura tem um tratamento diferente, sendo formada por várias lajes direccionadas para um centro. Este movimento é enfatizado através das vigas que acompanham a direcção das lajes, que permitem que a cobertura se solte e se eleve das paredes da cabeceira e laterais, para criar uma luminosidade mais intensa nesta zona, claramente valorizada. É de notar também os vitrais coloridos que enquadram a parede da cabeceira, reflectindo a luz nas mais diversas tonalidades na cantaria avermelhada e conferindo ao espaço um ambiente de certo dramatismo e espiritualidade.



24



25

Do espaço da nave, numa reinterpretação das naves laterais, abrem-se duas galerias que percorrem todo o comprimento da nave até ao altar, encimadas pelos grandes painéis brancos que compõem as paredes laterais e com expressão para o exterior, avançando em relação à estrutura que suporta a nave. A galeria a Norte garante o acesso aos confessionários e à zona destinada à sacristia e ao cartório; a galeria orientada a Sul não apresenta função específica relacionada com o espaço da liturgia, garantindo apenas a simetria do espaço interior. No exterior, esta galeria encontra-se em balanço sobre o piso inferior destinado ao Centro Paroquial, funcionando como barreira à intensa luminosidade do Sul que se faz sentir nas suas dependências, cujas aberturas, localizadas estrategicamente em relação ao índice de sombra, se encontram elevadas, junto à laje que separa os dois pisos.

O revestimento que recebe a parede da cabeceira, com materiais próprios da arquitectura vernacular madeirense, vai ser utilizado exteriormente em torno de toda a igreja, desde a fachada principal, ao pano a Norte da torre sineira, passando por todo o programa independente ao espaço da liturgia, ou seja, o piso inferior à nave e o volume da sacristia e do cartório.

A fachada principal, tal como a da cabeceira, solta-se das paredes laterais através de dois rasgos verticais compostos por vitrais de desenhos geométricos. A diferença encontra-se na localização dos rasgos, que neste caso encontram-se integrados na fachada, enquanto no caso da cabeceira fazem parte do plano das paredes laterais. Revestida com a já referida cantaria regional, termina em empena, protegida pela cobertura de betão aparente que avança em relação a esta num ligeiro balanço, servindo de suporte a uma cruz de ferro de desenho depurado e sóbrio.

- 24. Vista interior da nave
- 25. Pormenor dos rasgos da cobertura no interior



26



27



28



29



30



31

- 26. Vista da obertura do alpendre e baptistério exterior
- 27. Baptistério exterior
- 28. Entrada da Igreja
- 29. *Idem.*
- 30. Fachada Poente da torre sineira
- 31. Fachada Sul da torre sineira

A riqueza do espaço da entrada não se encontra assim no desenho da fachada, que não apresenta nada de ostensivo, mas na construção inovadora que lhe precede – uma espécie de alpendre (ou, segundo a designação de Manuel Gaspar de Freitas (2010: 43), um “*exo-nártex*”) em betão aparente que integra o baptistério exterior – e a sua relação com todo o adro da Igreja. Esta solução arrojada do baptistério localizado no exterior, totalmente envidraçado, e alinhado com o portal de entrada, propõe alterações a nível da liturgia, não só com a valorização deste elemento onde se concretiza o primeiro sacramento dos fiéis, mas também da abertura e comunicação da Igreja relativamente à comunidade cristã em geral.

Desta construção, vale a pena referir ainda o prolongamento da cobertura do *exo-nártex* para o interior, que dá cobertura a uma espécie de vestíbulo (ou “*endo-nártex*”, segundo a designação do autor citado anteriormente (Freitas, 2010: 43)) e suporte ao coro alto. O tecto da cobertura, de betão aparente, é constituído por vários planos inclinados, movimentados em direcção aos pilares que a suportam, num jogo dinâmico e expressivo, que prepara os fiéis para a riqueza que se vai encontrar no tecto no interior do templo. O vestíbulo, armado com a porta guarda-vento, é todo envidraçado, apenas ladeado por duas paredes movimentadas numa abertura para o exterior, de desenho idêntico às que Fernando Távora utiliza na marcação das entradas do restaurante do posto de abastecimento em Seia, de 1958-60. Estas lâminas movimentadas, revestidas na mesma cantaria regional do templo, soltam-se da fachada e da cobertura através de vãos e portas envidraçadas, dando a ideia de muros que protegem o momento da transição exterior-interior no vestíbulo, pavimentado com o mesmo material do adro.

Torre Sineira

No limite oposto do templo encontra-se a torre sineira, aparentemente separada do corpo da igreja. Esta solução da torre sineira isolada, utilizada por vários arquitectos nesta época, já tinha sido reintroduzida na arquitectura moderna portuguesa, em 1946, na Igreja de Santo António das Antas no Porto, da autoria de Fernando Tudela. No caso da Igreja do Imaculado, no entanto, pode-se dizer que a torre dá a impressão de estar numa posição isolada, mas não se encontra totalmente separada do templo sendo possível acedê-la, tanto pelo exterior como pelo interior da igreja, através do volume da sacristia, qual braço que se solta do corpo principal para a agarrar. Torre realmente separada da igreja, semelhante à da Igreja de Fernando Tudela, é a que Chorão Ramalho dá forma na já referida Igreja do Porto da Cruz.

A torre tem a forma de um paralelepípedo esguio e repete a relação entre os materiais utilizados no templo – o betão aparente e a cantaria vermelha regional, em contraste com o branco dos panos das paredes laterais. Em betão aparente é exibida a Sul uma grelha moderna travada por uma varanda do mesmo material, da qual se tem uma vista da encosta do Funchal até ao mar, envolta pelos planos brancos das paredes laterais e encimando uma cruz de ferro de desenho simples. O pano posterior, de cantaria regional, solta-se das laterais através de um rasgo expressivo que acompanha toda a altura da torre para dar lugar aos sinos, dispostos verticalmente.



32



33



34



35

- 32. Alpendre/percurso para a Casa Paroquial
- 33. Fachada Nascente da Casa Paroquial
- 34. Fachada Sul da Casa Paroquial
- 35. Adro da Igreja

Casa Paroquial

A Casa Paroquial surge no limite Poente do terreno, em frente à entrada do templo, com acessos pela Rua da Levada numa cota inferior e pelo espaço do adro. No adro, a marcação da entrada da dita casa é feita através de uma espécie de galeria exterior, apenas constituída por uma cobertura de planos movimentados semelhante à que cobre o exo-nártex, suportada por pilares em betão aparente que se aproximam do muro de suporte da construção vizinha, a Quinta do Poço da Câmara. Esta galeria, que remata e confere ao adro a já falada ideia de claustro, não fazia parte do projecto inicial, tendo sido projectada apenas em 1978, aquando da conclusão do conjunto.

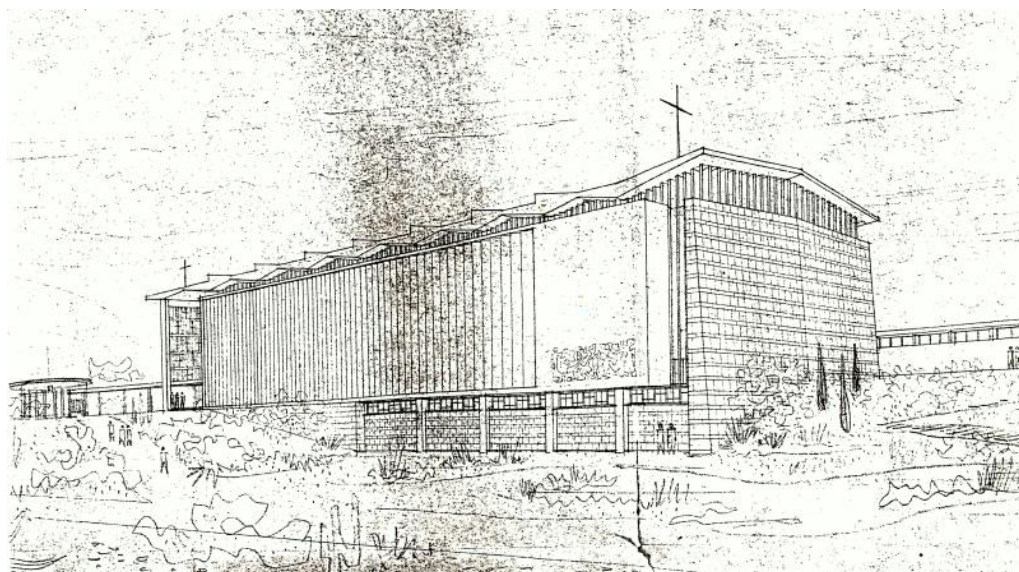
A casa é constituída por dois pisos e duas frentes, claramente diversificadas. A frente voltada para o adro é caracterizada pelos mesmos panos brancos ressaltados utilizados nas galerias do templo, separados do plano do chão por uma grelha que confere a ventilação inferior da casa. A fachada virada para a estrada, com uma frente mais urbana, é composta por dois pisos, um ao nível da estrada e outro ligeiramente acima do nível do adro, separados entre si por uma guarda expressiva em betão aparente que suporta a varanda com vista para o mar e protege um pequeno alpendre no piso inferior. Esta guarda dá lugar a uma larga floreira que contorna a casa em direcção ao adro, onde ganha maior profundidade para possibilitar a plantação de vegetação mais vasta, permitindo uma maior privacidade na varanda. Em ambos os pisos são aplicadas persianas (denominadas localmente por “tapa-sóis”) amovíveis de cor verde-garrafa, tão usuais na arquitectura popular e vernacular madeirense.

A cobertura, em betão aparente, é constituída pelos mesmos planos movimentados que a da galeria e do exo-nártex, formando uma relação equilibrada com o conjunto que dá forma ao adro. Do lado da estrada, a cobertura avança num balanço pronunciado para proteger a varanda orientada a Sul, perfurada por duas gárgulas modernas idênticas às do templo. Já a garagem, que surge do lado esquerdo da casa, é integrada na paisagem através de uma cobertura vegetal que dá continuação ao ajardinamento do adro.

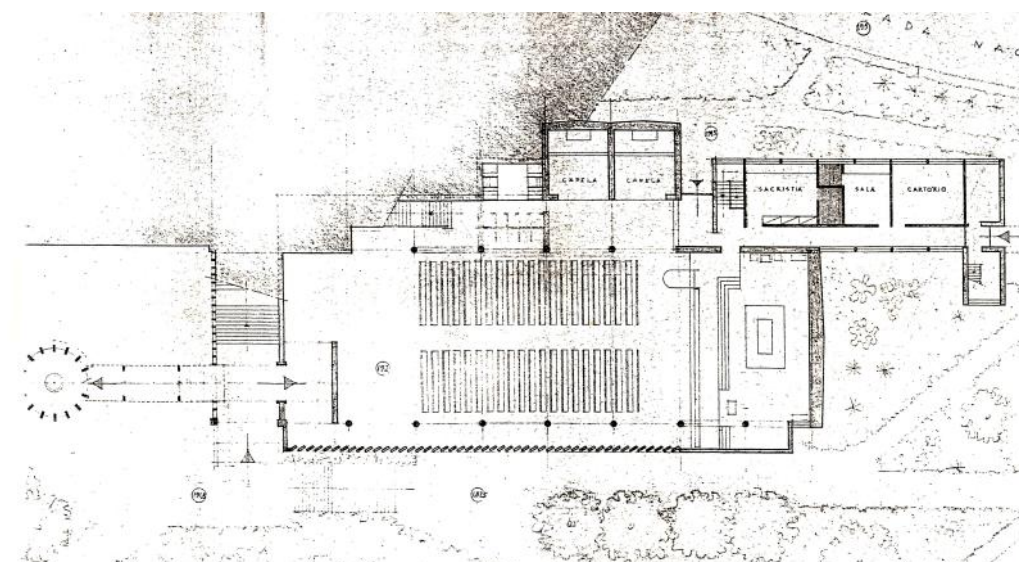
Adro e jardins exteriores

O espaço do adro, como já vimos, é conformado a Nascente e Poente pelo templo e casa paroquial, respectivamente; a Norte pela galeria exterior e muros de suporte da construção vizinha; e, finalmente, a Sul por um banco em betão aparente que funciona ao mesmo tempo como guarda. O pavimento, com excepção dos degraus de acesso de cantaria regional cinzenta, é feito num jogo alternado entre o tradicional calhau rolado do mar e a placagem de betão.

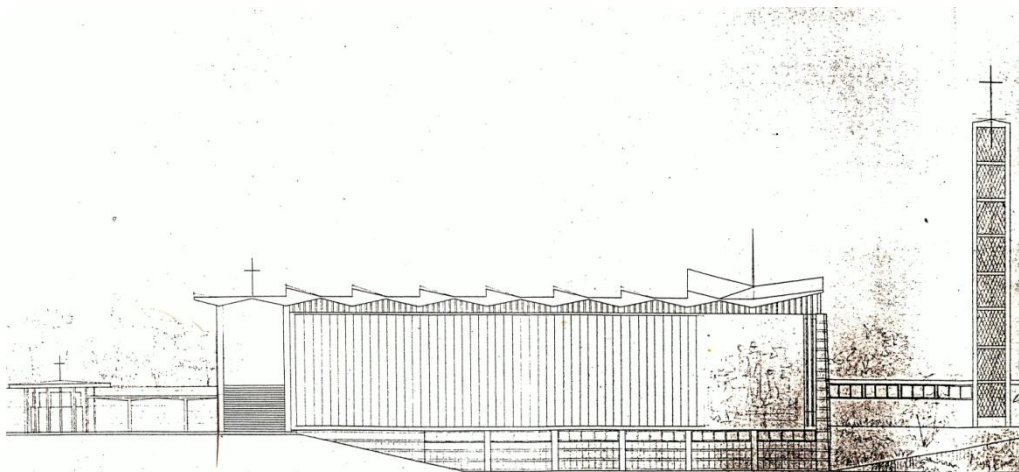
Toda a zona exterior a Sul do templo, que garante o acesso ao Centro Paroquial e Social e à respectiva capela, é calcetada no mesmo jogo de pavimento que o adro, diferenciando-se na constituição das guardas, feitas de ferro com desenho depurado e limpo. Os restantes percursos exteriores são calcetados apenas com o tradicional calhau do mar, contactando com os muros que suportam o terreno, em aparelho de pedra basáltica, em memória dos tão conhecidos poios madeirenses. Todos estes caminhos são envoltos por uma grande massa verde ajardinada e arborizada, que garante a todo o espaço que envolve o templo um ambiente de paz e sossego.



36



37



38

Anteprojecto de 1955:

- 36. Perspectiva da Igreja do Imaculado Coração de Maria
- 37. Planta piso térreo
- 38. Alçado Sul

De grande satisfação pessoal e relevo para o trabalho foi a recolha do anteprojecto de 1955, que nos permitiu analisar uma primeira resposta do arquitecto às condicionantes do programa e do local, e recriar uma possível evolução até à construção do templo, como hoje o conhecemos. Este tipo de informação pode dar-nos a conhecer as ideias mais específicas e pormenores que, para a coerência do todo têm de ser, por vezes, relutantemente, abandonados, mas que por si só podem ser criações interessantíssimas, permitindo um melhor reconhecimento do arquitecto e seu processo criativo.

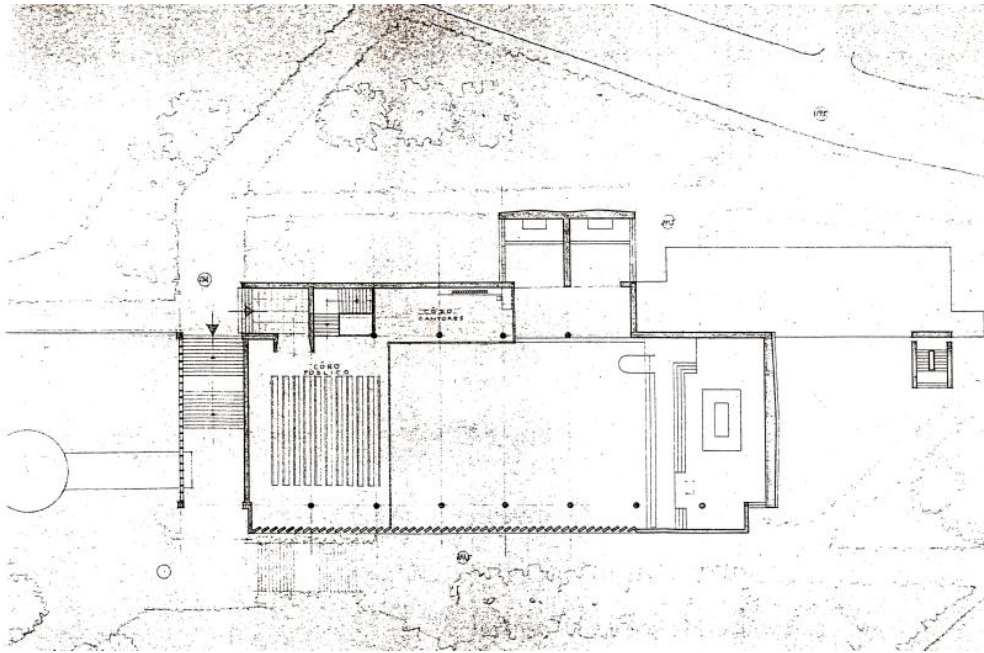
O anteprojecto já anuncia muito da solução actual, demonstrando já a mesma orientação, a ideia do baptistério exterior antecedendo a entrada, as entradas de luz através da cobertura e a expressividade do tecto da igreja e do templo em geral. No entanto, apresenta diferenças particulares que, por mais insignificantes que possam parecer, são substanciais quando analisado o todo.

A principal diferença observada entre as duas soluções seria a possibilidade de acesso ao exterior nos vários níveis que compõem a igreja. Assim, para além dos acessos ao nível da nave e da sacristia, e dos acessos ao piso inferior dedicado ao Centro Social e Paroquial do Imaculado Coração de Maria, seria também possível aceder, num nível superior, ao coro alto, com área destinada aos fiéis. Este seria ainda dividido em duas partes, estando a parte destinada aos fiéis posicionada sobre a entrada da Igreja, mais avançada que na solução actual; e a parte destinada aos cantores disposta lateralmente, estendendo-se no sentido longitudinal em quase todo o comprimento da nave, agarrada à parede lateral a Norte, no local onde tradicionalmente se posicionavam os órgãos. Esta solução, para além de proporcionar uma relação mais directa entre o coro e os fiéis no desenrolar da cerimónia, rompia com a simetria do espaço da nave, tornando-a mais complexa.

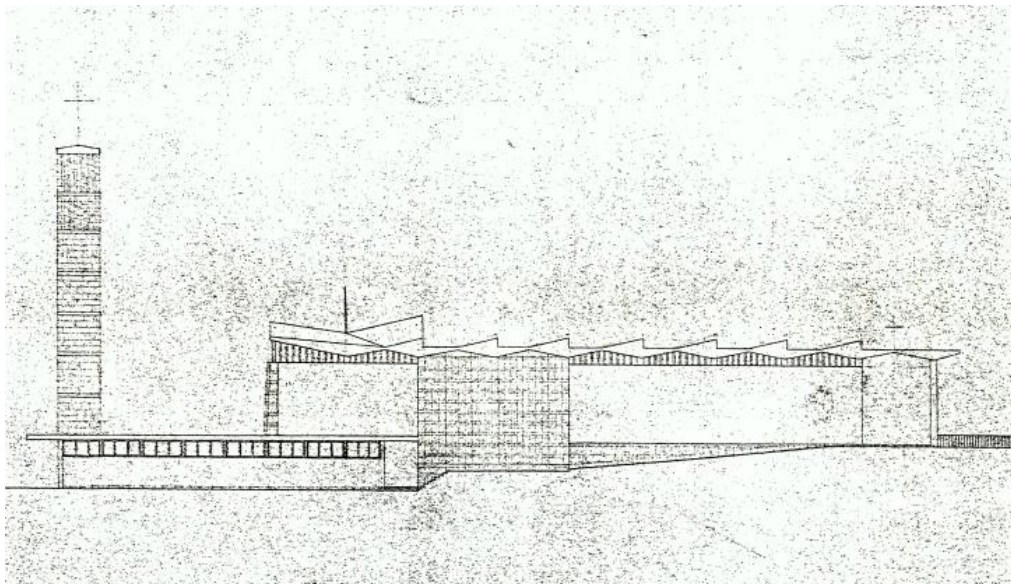
Não se sabe a razão pela qual esta configuração espacial foi alterada, se por natural evolução do processo criativo e insatisfação do arquitecto, se por imposições externas. Um dos factores poderia ser o facto de, no anteprojecto, a entrada e o baptistério não se encontrarem alinhados com o eixo central da nave; porém, não seria a razão principal, visto que esta questão poderia ser facilmente rectificada com a torção da escadaria de acesso ao coro alto no exterior.

As imposições externas, se existiram, poderiam ter a ver com a questão do coro que se supunha também destinado aos fiéis uma vez que, hoje em dia, se este não lhes é vedado, pelo menos a sua utilização não é usual, não cumprindo portanto a função para o qual era proposto. Para além de se ter abandonado a ideia do coro lateral, a parte central, solução mais vulgar, foi bastante recuada, não apresentando grande capacidade e permitindo uma maior abertura no espaço de entrada e uma clara valorização da leitura global da nave.

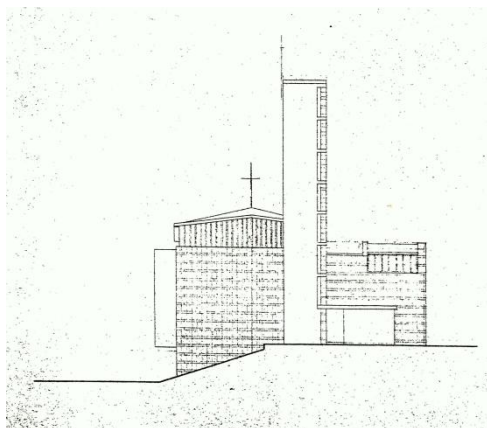
Claro está que, devido à falta de informação, estas possíveis razões apresentadas não passam de meras especulações. Pensa-se, no entanto, que as razões verdadeiramente determinantes para a alteração entre o anteprojecto e a solução construída terão mais a ver com a leitura e impacto do templo como um todo e não tanto com elementos particulares, que se consideram terem sido consequências dessas alterações de carácter mais geral.



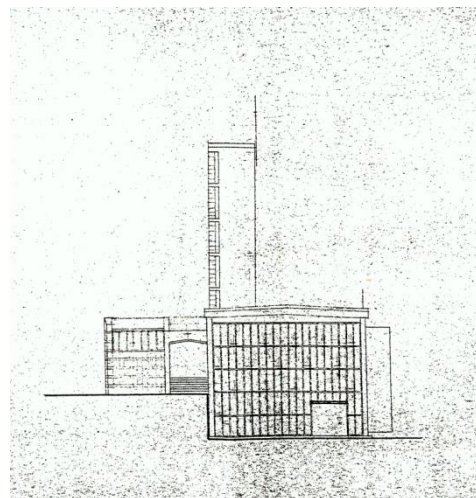
39



40



41



42

Anteprojecto de 1955:

- 39. Planta ao nível do coro
- 40. Alçado Norte
- 41. Alçado Poente
- 42. Alçado Nascente – Fachada Principal

Na página ao lado:

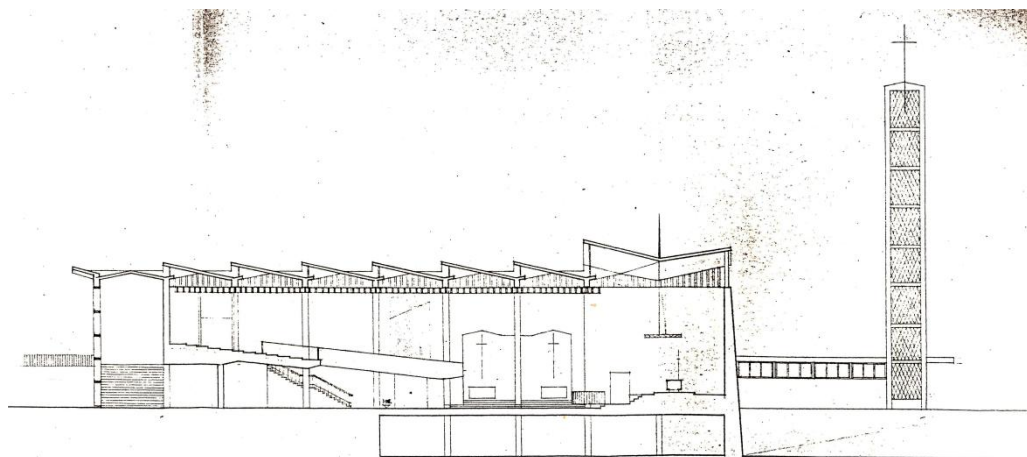
- 43. Corte Longitudinal
- 44. Corte Transversal

Nesta sequência de ideias, o factor fundamental parece ter a ver com a implantação da igreja, que se encostava ao terreno para criar o acesso ao coro na cota mais alta.

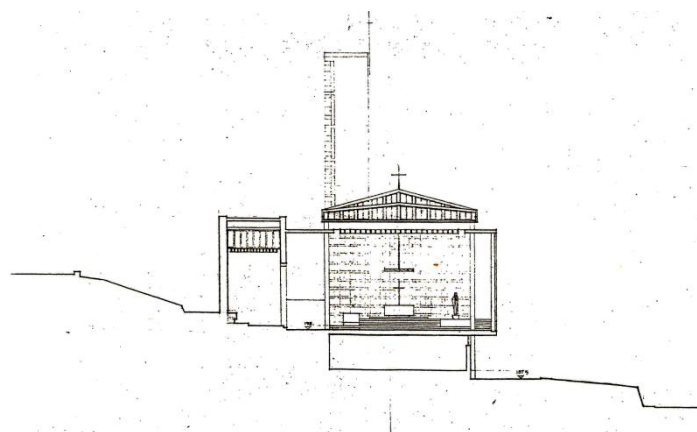
No anteprojecto a igreja agarrava-se ao terreno timidamente, tocando a cota mais alta apenas na zona do coro alto, solução que demonstrava uma certa fragilidade, nada própria nas obras de Chorão Ramalho. Pelos desenhos recolhidos há a ideia de que o percurso exterior em torno da igreja era interrompido nesta zona, diminuindo a percepção e leitura do edifício como um todo. No projecto actual, a implantação do templo foi deslocada mais para Sul, criando uma relação mais directa com a Rua da Levada, e soltando o edifício do terreno que hoje se encontra tratado em socalcos, numa interpretação dos poios madeirenses.

Na evolução de um projecto para o outro, é notório o trabalho de desconstrução das complexidades, abandonando elementos que se consideraram dispensáveis em detrimento da pureza e simplificação do espaço. O que só demonstra que, tal como Robert Venturi [1925] referiu, *“a simplicidade estética, que é uma satisfação para a mente, deriva, quando é válida e profunda, da complexidade interior”*. (2003: 29) Chorão Ramalho presta atenção e tenta responder de forma completa e coerente a todos os aspectos da arquitectura, desde os mais gerais, funcionais, contextuais e espaciais, até ao mais ínfimo detalhe, afastando-se desta forma do leque de arquitectos que Venturi refere como sendo *“selectivos ao determinar que problemas querem resolver”*. (2003: 29)

É de notar ainda que no anteprojecto, dois anos antes do considerado projecto base, Chorão Ramalho já anunciava a utilização de materiais da região, explicitando o uso da cantaria regional de tom avermelhado e arroxeadado tanto no exterior como no interior do templo.



43



44



45



46



47



48

45. Maquete da Igreja do Imaculado Coração de Maria com os baixos-relevos na fachada Sul

46. Fachada Sul da torre sineira

47. Fachada Norte da torre sineira

48. Vista do alpendre

49. Escultura

"A Ressurreição" de Querubim Lapa sobre a entrada da Capela de Nossa Senhora das Angústias

50. Baixo-relevo em cantaria regional na entrada da torre habitacional do Conjunto da Caixa de Previdência do Funchal

51. Escultura *"A Previdência"* de Lagoa Henriques no Conjunto da Caixa de Previdência do Funchal



49



50



51

Tradição e Modernidade na Igreja do Imaculado Coração de Maria

Linguagem Architectónica

A Constituição sobre a Sagrada Liturgia [*Sacrosanctum Concilium*] (Papa Paulo IV, 1963), foi o primeiro documento aprovado pelo Concílio do Vaticano II. Não foi objecto de muita controvérsia, pois a adaptação da liturgia já era frequente em muitíssimas comunidades eclesiais. Poderá mesmo dizer-se que esta constituição foi o primeiro fruto do Concílio, por já estar, em boa parte, a ser levada à prática antes de ter sido discutida e aprovada.

A Igreja do Imaculado Coração de Maria surge numa época em que a Igreja Católica, numa tentativa de acompanhar a evolução do mundo contemporâneo, cada vez mais à parte dos valores religiosos, havia colocado em desenvolvimento um Movimento de Renovação Litúrgica, incentivando a criatividade dos arquitectos na produção de novos edifícios religiosos. Os ideais do Movimento, que só foram institucionalizados entre 1961 e 1965 com a Constituição sobre a Sagrada Liturgia no Concílio do Vaticano II, mas que vinham sendo anunciados desde o início do século com o especial contributo do Papa Pio X entre 1903 e 1914, determinavam que *“a Igreja nunca considerou um estilo como próprio seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas, segundo a índole e condição dos povos e as exigências dos vários ritos, criando deste modo no decorrer dos séculos um tesouro artístico que deve ser conservado cuidadosamente”*. Desta forma, rejeitavam finalmente a reprodução descontextualizada de estilos do passado, contribuindo para a eleição da arquitectura moderna como a do seu tempo. Ao nível do edificado, as únicas exigências eram que fossem funcionais a nível da celebração litúrgica e que proporcionassem uma participação mais activa dos fiéis, já apelando, porém, à simplicidade, ao deliberar que *“ao promoverem uma autêntica arte sacra, prefiram os ordinários à mera sumptuosidade, uma beleza que seja nobre”*. Isto não quer dizer que declinassem o uso do ornamento com imagens para veneração dos fiéis, desde que estas fossem *“no entanto, em número comedido e na ordem devida, para não causar estranheza aos fiéis nem contemporizar com uma devoção menos ortodoxa.”* (Papa Paulo IV, 1963)

Partilhando dos ideais do Concílio, que acabou por actuar quase como uma aprovação declarada dos esforços levados a cabo pelos arquitectos em renovar o espaço sagrado, Chorão Ramalho concebeu equipamentos religiosos depurados, de *“linguagem secamente pura, limpa e silenciosa”*. (Freitas, 2010: 50) Este depuramento não punha em causa, tal como ditava a Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia, a integração de elementos decorativos; antes pelo contrário, na obra de Chorão Ramalho *“os valores mais directamente plásticos são sempre acentuados, muitas vezes recorrendo a artistas numa tentativa de articulação de uma obra no sentido total”* (Victor Mestre, cit. in Nunes, 2008: 152)

Na memória descritiva do projecto da Igreja do Imaculado Coração de Maria, Chorão Ramalho evidencia a intenção de, *“para além dos elementos architectónicos estruturais que caracterizam plasticamente a composição”*, integrar *“escultura e pintura mural tanto no interior como no exterior do templo”*. De entre os vários elementos plásticos, desde baixos-relevos em pedra da região a painéis de azulejos, destacam-se os baixos-relevos em betão armado que o arquitecto teria encomendado a Amândio de Sousa – autor da cruz em relevo do sacrário dourado que se encontra do lado do Evangelho –, previstos para a sucessão dos panos inferiores da fachada Sul, virada à cidade, *“retomando assim a orientação característica da arquitectura religiosa da Idade Média, – no Românico e no Gótico – em que se atribuía às artes plásticas figurativas, abundantemente empregadas no exterior das igrejas, um papel decorativo e ao mesmo tempo didáctico, constituindo um meio de comunicação com o grande público”*. (Ramalho, 1957)

Esta busca por uma interligação entre a Arquitectura e a Arte é uma constante na obra de Chorão Ramalho que, antes de ter ingressado no curso de arquitectura, desejava ser pintor, estabelecendo desde cedo contacto com diversos artistas plásticos. Infelizmente, na Igreja do Imaculado, *“devido a constantes atropelos e ingerências, incluindo da própria Diocese do Funchal, agravados pela morosidade das obras que se prolongaram no tempo, essa intenção inicial não logrou ser concretizada.”* (Freitas, 2010: 45) Esta intenção é melhor observada, portanto, nos outros edifícios religiosos que o arquitecto projectou – nos painéis de azulejos que revestem o interior da Igreja do Porto da Cruz e na escultura que pontua o pórtico de entrada da Capela e Ossário do Cemitério das Angústias, ambas do escultor Querubim Lapa; no painel de cerâmica junto ao altar da Capela das Angústias, da autoria do pintor Guilherme Camarinha –; ou ainda em diversos edifícios de equipamentos que contaram com a colaboração de vários artistas que, habituados a participar em projectos arquitectónicos, cooperaram também com outros arquitectos seus contemporâneos.

Entre eles destacamos Júlio Resende, pintor que executou a tapeçaria para a Assembleia Legislativa da Madeira, de Chorão Ramalho, e autor de um painel de azulejos do Palácio da Justiça de Lisboa, da autoria de João Andresen e de Januário Godinho; Jorge Vieira, com a escultura *“A Família”* que pontua o percurso pedonal no interior do quarteirão do Conjunto da Caixa de Previdência do Funchal, de Chorão Ramalho, e um baixo-relevo para o Projecto do Bloco das Águas Livres (1953-1955), em Lisboa, da autoria de Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral; e, finalmente, Lagoa Henriques, escultor que concebeu a escultura *“A Previdência”* para o Edifício de Serviços Administrativos do Conjunto da Caixa de Previdência do Funchal, e a Estátua de Santo António para a Igreja de Moscavide, de 1953, da autoria de António Freitas Leal e João de Almeida.

Desta forma podemos observar *“a vontade que a sua geração tinha ainda em estabelecer pontes com a criação estética, mas não no sentido do Projecto Global que os movimentos associados à Arte Nova reclamavam no princípio deste século. Chorão Ramalho e os seus pares definiam espaços próprios para a intervenção plástica específica, tendo em vista a valorização da arquitectura que projectavam.”* (Toussaint, 1997: 16)

Chorão Ramalho não baseava, portanto, a composição plástica do edifício na introdução de elementos decorativos, tendo a sua obra mesmo chegado a ser apelidada de *“anti-decorativista”*. (Nuno Portas e Manuel Mendes, cit. in Toussaint, 1997: 16) Note-se que ao determinar a integração de elementos decorativos na memória descritiva do Projecto da Igreja do Imaculado, salienta que a composição plástica do edifício é criada essencialmente a partir dos elementos arquitectónicos estruturais.

O princípio compositivo da sua obra na Madeira, e em particular na Igreja do Imaculado Coração de Maria, assenta então na fusão entre os códigos modernos e a interpretação da arquitectura local, na sua expressão popular e vernácula que, *“de um modo geral, é despojada de ornamentos”*, utilizando alguns materiais que, *“associados às próprias técnicas de construção, fixaram uma imagem tipificada que se associa à tradição.”* (Mestre, 2002: 181)

Os materiais

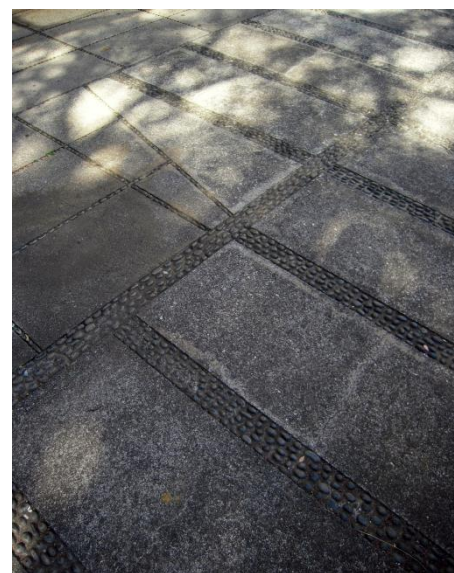
A Igreja do Imaculado Coração de Maria, como já foi referido, é essencialmente caracterizada pelo betão aparente da estrutura e pela cantaria regional avermelhada e arroxeadada, em contraste com os panos brancos que formam as paredes laterais.

No conjunto, a cantaria, material da arquitectura popular e vernacular madeirense, aparece sempre numa relação harmoniosa com o betão aparente, material de eleição da arquitectura moderna, enfatizando a dicotomia tradição/modernidade.

Para além desta relação óbvia entre os dois materiais, a utilização de cantaria de diferentes tonalidades, pode sugerir uma interpretação moderna do modo como se aplicava este material na arquitectura popular. Na arquitectura popular madeirense, *“basalto e tufo formam uma mescla de cores e texturas e surgem isolados ou agrupados, denunciando a qualidade construtiva das casas.”* (Mestre, 2002: 193) Chorão Ramalho recria esta mistura aleatória de pedras de diferentes qualidades e texturas em desenho geométrico e rigoroso, formando listras que contribuem para a expressividade plástica do edifício.



52



53

Na mesma afirmação da relação entre tradição e modernidade, o pavimento do adro e espaços envolventes é constituído por materiais e técnicas diferentes – a placagem de betão e o empedrado de calhau rolado do mar, o “moderno” e o “popular” –, que surgem alternados numa composição dinâmica e geométrica. Placas em betão, rectangulares, triangulares ou trapezoidais, surgem emolduradas pelo calhau rolado, simplificando-se a composição à medida que se afasta do templo. Ainda da arquitectura vernacular madeirense aparecem os muros dos jardins em aparelho de pedra basáltica. Neste caso, os muros são construídos de acordo com a técnica tradicional, não se verificando nenhuma inovação ou interpretação significativa.

Já no interior, os materiais predominantes continuam a ser o betão aparente no tecto da cobertura e na estrutura vertical, em contraste com os panos brancos das paredes laterais e com a cantaria avermelhada da parede da cabeceira. Aparece-nos também em abundância a madeira, como revestimento da parede do coro e de toda a ala Norte onde se encontram os confessionários, e ainda no mobiliário e nas caixilharias do templo, com especial destaque nas portas envidraçadas da entrada onde o material é empregue num desenho geométrico, formando duas expressivas cruzes. O chão é quase todo pavimentado a azulejos de cerâmica, exceptuando o corredor central que é pavimentado a mármore em tons de verde, o mesmo material que recebe o altar.

52. Cobertura do alpendre da fachada Nascente em betão armado em contraste com a parede Norte de cantaria regional vermelha
53. Pormenor do pavimento em calhau rolado alternado com placas de betão

A cor

“[...] Na Ilha da Madeira a cor é um elemento com forte ligação à arquitectura, surgindo como um complemento valorativo, talvez numa tentativa de «condimentar» a expressão austera e a ausência de decorativismos nas construções. O contraste das cores mais utilizadas, nomeadamente o ocre e o rosa-forte, com as cantarias das portas e janelas também elas utilizando os tons fortes da(s) tufa(s) ou os cinzentos do(s) basalto(s), é característico e identificador da arquitectura regional madeirense.”
(Mestre, 2002: 207)



54



55

Tal facto não passa despercebido a Chorão Ramalho que não se limita a aplicar um qualquer material da região nas suas obras, escolhendo-os segundo relações mais profundas. Se analisarmos os seus três edifícios religiosos na Ilha veremos que na Capela e Ossário do Cemitério das Angústias e na Igreja do Imaculado a cantaria aplicada, natural da costa Sul da Ilha, é de tonalidade avermelhada e arroxeadada, cor muito abundante nos muros e casas que conferem a paisagem do Funchal. Na Igreja do Porto da Cruz, localizada na costa Norte da Ilha, junto ao mar, há uma preferência pela cantaria regional cinzenta, mais adequada ao ambiente da zona, naturalmente mais escura, tanto pelo clima, geralmente mais nublado e frio que na costa Sul, como pela própria composição da rocha que a configura.

Para além destes factores relacionados com a envolvente natural, a cantaria de tonalidades avermelhada e arroxeadada poderá ter uma conotação religiosa, marcada pela sua utilização na Sé do Funchal. No entanto, a cantaria utilizada por Chorão Ramalho nestas obras religiosas é natural da Serra d'Água, situada no interior da Ilha, enquanto a da Sé, um pouco mais escura, é natural do Cabo Girão, relativamente perto da zona atrás referida, mais aproximado da costa.

Curiosamente, as cores que compõem a Igreja do Imaculado Coração de Maria são as mesmas cores litúrgicas da Igreja Católica, fixadas em Roma no século XII, e vigentes desde então: os panos brancos da fachada, em contraste com os tons vermelhos, rosados ou arroxeados da cantaria regional; tudo em perfeita sintonia com a grande massa verde envolvente (que é também a cor do mármore do altar e do pavimento

54. Envolvente vista do adro da Igreja

55. Pormenor da escada

“Ao lado da capela vi então um pequeno cemitério. Mais próximo da estrada a campa de Wright: pequenas pedras limitam um rectângulo envolvido por um círculo construído do mesmo modo; num dos vértices do rectângulo nasce da terra uma pedra, igual a tantas daqueles que ele usou nos seus edifícios, de forma irregular, mas cuja secção aumenta à medida que se levanta; não sei se há qualquer simbolismo naquela pedra, eu permiti-me encontrá-lo.”

Diário de Viagem, Fernando Távora: Abril, 9, Sábado, 1960 (Távora, 1960: 94)

do percurso central, únicos elementos de cor no interior da Igreja). Não sei se este simbolismo foi intenção do arquitecto, mas se não o foi, como diria Távora a propósito de uma simples pedra em Taliesin, “*eu permiti-me encontrá-lo.*” (Fernando Távora, 1960: 94) E tal como eu o encontrei, muitos outros poderão fazê-lo, e será sempre um simbolismo adequado a este templo, criado numa época em que se valorizavam na arquitectura religiosa novas relações com a liturgia.

De facto, pensa-se que o resultado das tonalidades na Igreja do Imaculado tem muito mais a ver com as relações com a envolvente atrás descritas, do que com a relação com as cores litúrgicas; porém, este tipo de simbolismo implícito não seria de todo invulgar, pois relações como esta vinham sendo experimentadas por vários autores já desde a viragem do século, sendo provavelmente um dos exemplos mais expressivos a Sagrada Família, em Barcelona, de Antoni Gaudí [1852 – 1926]. Arquitecto dotado de uma forte espiritualidade e profundo sentimento religioso, Gaudí dedicou especial atenção aos simbolismos, defendendo que “*sem a espiritualidade, a arquitectura não passa de uma técnica com retóricas pseudofilosóficas.*” (Antoni Gaudí, cit. in Figueiredo, 2010: 58) Na Sagrada Família, iniciada em 1882 e ainda por finalizar, encarou cada elemento como representação de algum aspecto da religião católica, sendo as dezoito torres que a irão compor quando finalmente terminada exemplo desse carácter simbólico: a torre mais alta com 170 metros representa Jesus Cristo e as quatro em redor referem-se aos evangelistas, a torre sobre o presbitério é dedicada à Virgem Maria, e as doze restantes representam os apóstolos.



56



57

Ainda do mesmo arquitecto é de referir a Igreja da Colónia Guell, em Barcelona, encomendada em 1898 e construída entre 1908 e 1917, só se tendo, porém, edificado a cripta. A igreja, apesar de pontuada por expressivos pilares, apresenta já um espaço único e fluido, com o altar aproximado à plateia, antecedendo a renovação do espaço sagrado que se iria desenvolver durante todo o século, podendo ser considerada como “*a primeira igreja construída com pressupostos modernos.*” (Figueiredo, 2010: 60) Em adição, nesta obra Gaudí utiliza materiais vernaculares, como a pedra, o tijolo, a terracota e o basalto, já com claras preocupações a nível da contextualização no lugar.

- 56. Esboço da Sagrada Família
- 57. Interior da nave da Igreja da Colónia Guell

O Carácter e a Memória

Muito mais do que o simples conhecimento da superfície física da Ilha da Madeira, dos seus materiais e técnicas construtivas, da cor e elementos formais da arquitectura popular e vernacular, noções fundamentais mas relativamente fáceis de se adquirir, Chorão Ramalho compreendeu a personalidade e carácter do povo que a edificou, demonstrando na sua arquitectura um “sentir madeirense”. Como Victor Mestre refere, *“há valores abstractos que não são fáceis de contabilizar, caracterizar ou mesmo explicar, mas que se «sentem».”* (Mestre, 2002: 162) É o que acontece nas obras de Chorão Ramalho onde se podem registar subtilezas que, não correspondendo a um aspecto específico da arquitectura vernacular da Madeira, sugerem algo do carácter madeirense, seja em relação à arquitectura como objecto, seja em relação à forma de vivenciá-la. É o caso da importância dada à vegetação, na cobertura ajardinada da garagem da casa paroquial, e na larga floreira que funciona como guarda à varanda, que conferem uma integração harmoniosa com a paisagem, profundamente apreciada e valorizada na Ilha. Também o tratamento dos jardins que envolvem a Igreja em socacos, suportados através de muros de suporte em aparelho de pedra basáltica, para além de constituírem uma solução engenhosa que permite vencer o forte desnível do terreno, invocam a memória dos conhecidos poios madeirenses, simbolizando o esforço do povo madeirense que, ágil e arduamente, domou a terra para o seu sustento e seu orgulho.

Relação Interior / Exterior

A Igreja do Imaculado surge, como já vimos, numa época em que a Igreja Católica vinha sofrendo alterações, tornando-se mais receptiva a uma revisão e possível renovação litúrgica, numa tentativa de se modernizar e adaptar aos progressos da vida contemporânea, privilegiando cada vez mais a ideia de templo aberto à participação dos fiéis, em detrimento do edifício religioso como casa de Deus.

É nesta tentativa de incentivar a participação mais activa dos fiéis, chamando o Homem contemporâneo para dentro do templo ou, numa atitude inversa, trazendo a cerimónia para seio da comunidade no exterior, que Chorão Ramalho, numa proposta inovadora, transfere o baptistério, totalmente envidraçado, para o exterior do templo.

A ideia de se abrir acesso ao baptistério pelo exterior tinha já sido experimentada na arquitectura moderna no início do século por Pardal Monteiro [1897 – 1957] na já referida Igreja de Nossa Senhora de Fátima de 1934-38, em Lisboa. Esta igreja terá sido a primeira em Lisboa a desafiar os códigos revivalistas tradicionais, essencialmente através da volumetria exterior, onde é adoptada uma linguagem claramente moderna, manifestada através da articulação e distinção dos volumes do corpo principal, do baptistério e da torre. No entanto, o baptistério permanece ainda independente do corpo central da Igreja, numa cota inferior à da nave e apenas evidenciado volumetricamente no exterior já que, espacialmente, não recebe grande destaque. Já dentro do espírito do MRAR, na Igreja de Moscavide, em 1953, o baptistério é inserido no interior do templo, sucedendo a entrada no alinhamento do eixo central, o que *“envolve uma proposta interessante de acentuação da sua importância litúrgica, embora ressinta da falta de espaço próprio, tratado com diferente intenção psicológica.”* (Portas, 1957: 25) Na Igreja do Imaculado, Chorão Ramalho não se limita a colocar o baptistério no eixo central, como o transporta para o exterior integrado num alpendre que se encosta à fachada do templo, e a partir do qual se ergue, *“como uma pequena torre zimbório”* (Freitas, 2010: 43), ampliando desta forma a acentuação da sua importância litúrgica.

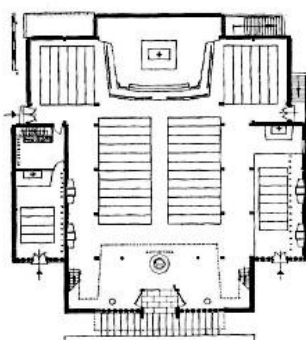
Se na Igreja de Moscavide o baptistério ressenste da falta de espaço próprio, na Igreja do Imaculado ele simplesmente renega qualquer necessidade de um local destinado a si no interior templo, optando pela apropriação de todo o espaço exterior do adro. De facto, se, como afirma Manuel Gaspar de Freitas (2010: 43), o adro da Igreja do Imaculado, por ser percorrido a Norte por uma galeria exterior coberta faz referência a um claustro, então o baptistério será o seu centro espiritual, uma vez que, apesar de não se encontrar no centro físico do adro, é definitivamente o foco de toda a atenção nesta zona. Esta tentativa de transportar a cerimónia para o exterior do templo terá o seu expoente na Capela de Nossa Senhora de Fátima, do Conjunto Hidroeléctrico de Picote, construída em 1958, da autoria de Manuel Nunes de Almeida (1924). Aqui, em vez do baptistério, onde se concretiza o sacramento dos fiéis, é o próprio púlpito que se localiza no exterior, inserido no alpendre, possibilitando a celebração da cerimónia ao ar livre. Não se sabe se uma obra terá influenciado a outra, pois apesar da Igreja do Imaculado ter sido projectada já em 1955, a sua construção ter-se-á prolongado até 1978, altura em que se terminou o conjunto. No entanto, influências mútuas não seriam de estranhar uma vez que Chorão Ramalho, enquanto arquitecto “residente” da Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira (Freitas, 2010: 50) e autor do projecto de todas as centrais e equipamentos ligados a esta actividade, certamente estaria atento à construção do Conjunto Hidroeléctrico do Picote, e vice-versa.



58



59



60



61



62

- 58. Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa
- 59. Capela de Nossa Senhora do Picote (vista da fachada com o púlpito no exterior)
- 60. Planta do piso térreo da Igreja de Moscavide
- 61. Fachada principal da Igreja de Moscavide
- 62. Torre sineira da Igreja de Moscavide

A relação entre o interior e o exterior baseia-se assim, não numa distinção entre o público e o privado como é normal noutro tipo de programa, mas no momento de passagem do mundo profano para o sagrado. Esta passagem é feita através da transição entre ambientes distintos – desde o espaço aberto e descoberto do adro, em contacto com a densa vegetação dos jardins exterior, passando pelo espaço exterior coberto do alpendre onde se insere o baptistério envidraçado, e antes de finalmente se entrar para o espaço interior do templo, o vestíbulo, espaço semi-interno protegido por portas envidraçadas, onde o pavimento exterior do adro penetra. A localização do baptistério acompanha assim a ideia de que o fiel, antes de entrar para o mundo sagrado, tem que passar pelo baptismo, o primeiro sacramento, praticado na pia baptismal, aqui de desenho purista em mármore branco.



63. Fachada da Casa
Bianchi

“Desde sempre campo experimental de eleição para os arquitectos, laboratório a pequena escala permitindo investigações ao nível da aplicação de novos materiais ou tecnologias, propostas de outros modos de vida com diferentes espacialidades, a moradia individualizada, para proprietários mais ou menos abastados, continuará a ser, principalmente para os arquitectos mais jovens, a ocasião privilegiada para as afirmações de linguagem ou de tendência que se podem realizar de imediato e publicar a seguir. [...] O programa da vivenda, porque destinada normalmente, ao contrário da habitação colectiva, a um cliente “não anónimo”, quando se trata de ensaiar novos códigos linguísticos ou diferentes espacialidades, requer um encomendador, se não culto, pelo menos disposto a aceitar as novas propostas do profissional.” (Tostões, 1997: 52)

Na Ilha da Madeira Chorão Ramalho projectou alguns exemplares nestas condições, apenas tendo sido construídos dois deles: a moradia Bianchi, de projecto de 1959, num contexto urbano, em pleno centro do Funchal; e a moradia Coronel Homem da Costa, de 1965, na época isolada em local remoto, numa encosta do Caniçal.

Em ambos os casos, Chorão Ramalho demonstra uma atitude de total compreensão dos desejos e necessidades do cliente, retribuída pela aceitação e colaboração destes em relação às soluções que o arquitecto propõe. Em relação à Casa Bianchi, Chorão Ramalho refere que teve *“a aceitação e a compreensão perfeita do proprietário”*, salientando que *“primeiro é preciso que o arquitecto procure entender o cliente, a maneira como ele vive, o que é que lhe convém, porque, a partir da maneira de viver de cada um, pode-se sempre fazer uma coisa com interesse.”* (Ana Tostões in, Freitas, 2010: 79) É de referir que foi na sequência deste bom entendimento e cumplicidade entre arquitecto e cliente que Chorão Ramalho recebe, em 1967, a encomenda para o Hotel Quinta do Sol. Na moradia de férias Coronel Homem da Costa, a implantação do edifício é estabelecida em função das vistas, constituindo *“conforme o desejo do proprietário, um excelente miradouro sobre o mar e a zona da Costa Sul que vai desde Machico até à Ponta de S. Lourenço”* (Toussaint, 1997: 25), no extremo Nascente da Ilha.

Moradia Coronel Homem da Costa

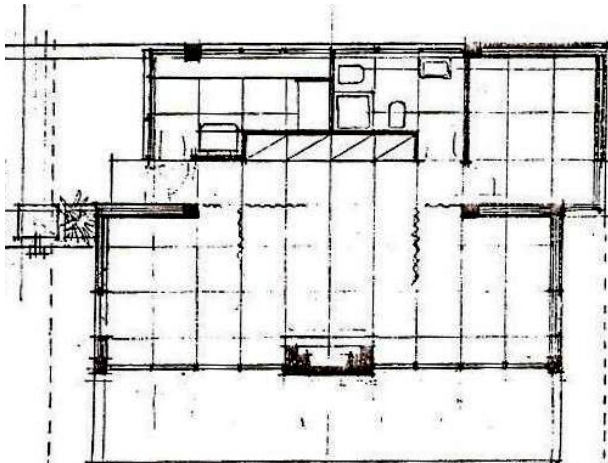
Concebida para o Coronel Fernando Homem da Costa, Presidente da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal e Presidente da Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira, esta moradia, *“debruçada sobre a paisagem permanecerá sempre na memória de quem a visita.”* (Mestre, 1997: 25) Projectada meia década mais tarde que a Casa Bianchi, apresenta soluções que, à sua semelhança, evocam aspectos da arquitectura popular madeirense, embora aqui numa solução mais descontraída, adaptada a condição de moradia temporária, *“destinada a casa de férias, ou melhor, de fins-de-semana”* (Toussaint, 1997: 25) e ao clima que, extremamente seco e árido, se destaca do resto da Ilha, aproximando-se mais ao do Porto Santo, local de férias de eleição do povo madeirense.



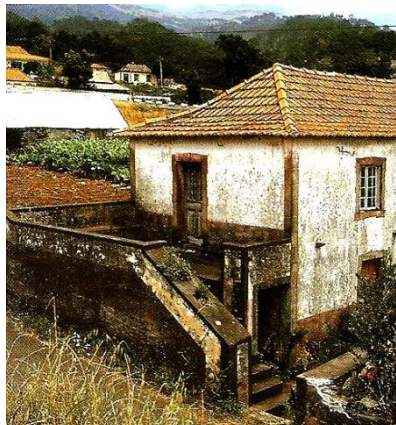
64



65



66



67

- 64. Moradia Coronel Homem da Costa (fachada Poente – entrada principal)
- 65. Fachada Sul da época (ainda com o pátio coberto no piso inferior)
- 66. Planta piso de entrada
- 67. Escada exterior de uma casa elementar de dois pisos na Fajã da Ovelha

Nesta moradia a linguagem moderna é bastante expressiva, verificada na cobertura em forma de borboleta e nos rasgos horizontais que ocupam todo o comprimento da fachada e, já como na casa Bianchi, na fragmentação do volume em planos horizontais distintos. Dos planos horizontais destaca-se a já referida laje da cobertura em borboleta que, pela impressão de estar elevada em relação às paredes laterais, aparenta mais leve e reforça a sua horizontalidade no conjunto; e a pérgola, espécie de alpendre em xadrez de madeira que antecede a entrada da casa e que subtilmente não chega a tocar na fachada. A utilização da pérgola, em memória das latadas que cobriam os quintais das casas vernáculas da Ilha, é mais expressivamente explorada na Casa Bianchi, seja na sua expressão mais popular, em madeira, num pátio intimista no tardo da casa, seja na interpretação moderna em grelha axadrezada em betão armado, na fachada principal. A par deste elemento que, participando na transição entre exterior e interior, evoca o espaço de porta, muito vivenciado pelo madeirense, surge no piso inferior um espaço semiexterior coberto de apoio à área da piscina. Originalmente este espaço seria totalmente aberto, adquirindo a mesma utilização das típicas casas de fresco que, como veremos de seguida na Casa Bianchi, recebem especial valorização, interpretadas de forma contemporânea no volume da entrada principal. Actualmente, o espaço foi encerrado por uma parede cega, perdendo-se a sensação de prolongamento do exterior para o interior, conceito a que o arquitecto dava especial atenção.

Interiormente, a organização espacial apresenta pouca rigidez, com espaços de pequenas dimensões, fluídos e flexíveis, permitindo grande liberdade de utilização. Entendendo *“a natureza descontraída de uma casa de férias e, ciente do clima ameno da Região”* (Nunes, 2008: 135), a transição entre os pisos é feita pelo exterior, *“como na generalidade das tipologias antigas, solução de que apenas se detectaram excepções pontuais”* (Mestre, 2002: 155) aquando do levantamento feito por Victor Mestre, num espírito de continuidade e ampliação do Inquérito ao Arquipélago da Madeira.

Será no tratamento dos espaços exteriores que Chorão Ramalho vai utilizar mais abundantemente os materiais pétreos da Ilha, verificados no empedrado em calhau rolado no pavimento, e lajetas de pedra basáltica cinzenta na escada. No volume edificado, apenas se destaca em cantaria vermelha do Caniçal a chaminé, que à semelhança da casa Bianchi, é o único elemento vertical no conjunto predominantemente horizontal. De referir ainda é a solução engenhosa das duas gárgulas escultóricas que possuem corrente de ferro para controlar a água das chuvas, conduzindo-as num caso para uma floreira e noutro para um tanque de rega situado no jardim e tratado como um espelho de água. Este será um truque japonês, que Chorão Ramalho utiliza frequentemente nos seus projectos e que aqui é de extrema valia, uma vez que na época em que foi concebida, a moradia se encontrava num local ermo e árido.

Desta forma, concluímos que em ambas as casas são exploradas soluções que, apesar de distintas, evocam a mesma memória da arquitectura popular e vernacular madeirense. Os aspectos atrás descritos resumem o que se irá aprofundar de seguida em relação à Casa Bianchi. No entanto, pode-se dizer que na moradia Coronel Homem da Costa estas constituem uma leve lembrança, apenas perceptíveis numa análise mais profunda da obra já que, à primeira vista, a moradia Coronel Homem da Costa apresenta uma linguagem arquitectónica baseada essencialmente na introdução dos códigos da arquitectura moderna. Será pois na casa Bianchi, curiosamente a moradia que se encontra inserida no centro urbano do Funchal, aparentemente num contexto menos conectado com a tradição, que Chorão Ramalho *“irá retomar o tema da «casa regional», não no sentido da casa tipológica e formalmente fixada em modelo reproduzível.”* (Mestre, 2002: 303)



68



69



70

- 68. Implantação da casa Bianchi – Estrada Monumental
- 69. Casa Bianchi vista da Estrada Monumental
- 70. Casa Bianchi antes da amputação do terreno

Localização / Implantação

Considerada como *“uma das mais belas casas construídas por um Arquitecto Português”, “uma autêntica jóia da arquitectura unifamiliar”,* (Mestre, 1997: 25) a casa Bianchi encontra-se localizada na Estrada Monumental, actual Avenida que faz a ligação entre o centro do Funchal e toda a zona hoteleira junto à costa, até Câmara de Lobos. Mais recentemente, por razões urbanísticas, a Avenida sofreu um alargamento, com consequências desastrosas para a moradia, uma vez que esta ampliação “amputou” quase um terço da área total do lote em que esta se implantava, obrigando à fragmentação de um dos elementos que mais fielmente traduziam a memória da arquitectura popular e vernacular madeirense – o volume que parece sair, quase como uma “gaveta”, do interior do piso térreo junto ao muro Nascente e que constitui uma interpretação das tradicionais casas de fresco (denominadas localmente por “casinhas de prazer”) madeirenses.

Alertamos que o estudo da moradia irá ser feito de acordo com o projecto original, não deixando no entanto de fazer um apontamento das alterações que foram feitas aquando da ampliação da Avenida e suas consequências para o conjunto, de modo a obter uma melhor compreensão da obra.

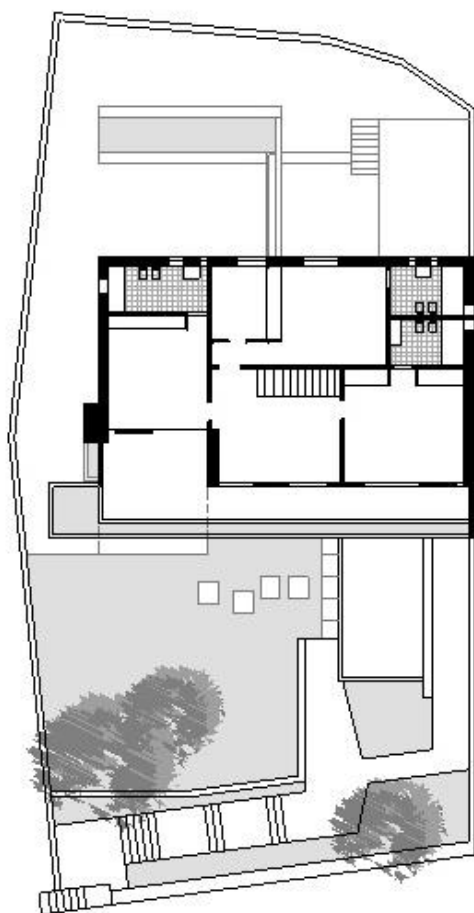
O lote, com 631m², é relativamente estreito, sendo o seu comprimento quase o dobro da largura. A casa encontra-se implantada na zona mais a Norte do lote, numa cota mais alta, permitindo uma melhor visibilidade sobre o mar e maior privacidade em relação à rua, na cota mais baixa. Também determinante para a sua implantação foi a existência de um muro de suporte da propriedade vizinha a Este que não podia ser alterado, e ao qual a casa se encosta, de maneira a *“atenuar a sensação esmagadora desse paredão, não só em relação ao próprio lote, mas também em relação ao conjunto panorâmico para quem percorre a Estrada Monumental”* (Chorão Ramalho, cit. in Freitas, 2010: 79), e ainda libertar as restantes frentes da moradia, garantido um maior aproveitamento do terreno, de declive acentuado. Em torno da casa, o terreno é tratado em socacos suportados por muros de pedra aparelhada, numa alusão aos tradicionais poios madeirenses, solução engenhosa que permite vencer o forte desnível do terreno de forma harmoniosa, integrada na paisagem e no contexto da Ilha.

Volumetria

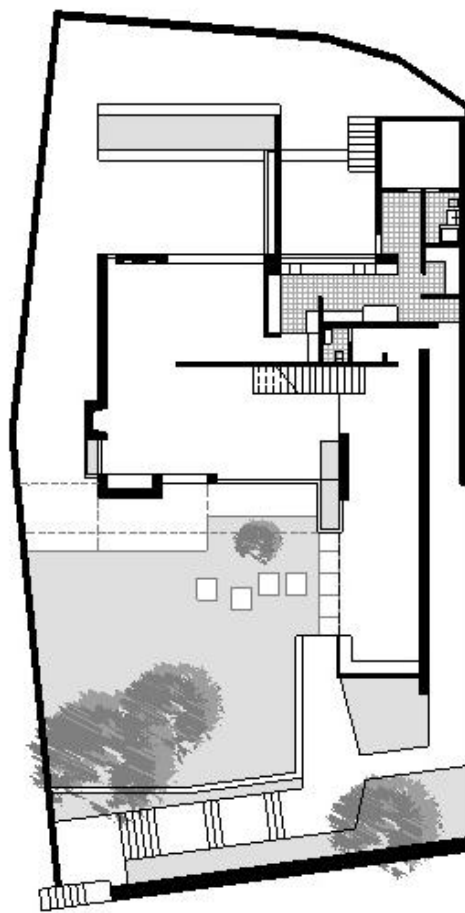
A casa Bianchi surge numa composição de planos horizontais, limitados a Nascente e a Poente por dois únicos elementos verticais – respectivamente, o muro de suporte da propriedade vizinha e a chaminé revestida a cantaria regional de tons avermelhados. Dos planos horizontais destacam-se, para além das lajes de piso e cobertura da casa propriamente dita, um alpendre com grelha geométrica perfurada, espécie de pérgola moderna em betão armado, e a casa de prazer, elementos que se soltam do volume principal, avançando perpendicularmente em relação ao plano da fachada Sul.



71



72



73

71. Espaço de entrada na
«casinha de prazer»

72. Planta rés-do-chão

73. Planta 1º Piso

As lajes em betão à vista encimam planos praticamente todos envidraçados, com vãos emoldurados a madeira que ocupam todo o pé-direito dos dois pisos. No piso superior, os vãos são protegidos exteriormente pelos típicos tapa-sóis em madeira pintados a verde-garrafa, enquanto no piso térreo a protecção solar dos espaços de estar é feita através da varanda em consola do piso superior, não havendo a necessidade de se colocarem persianas, o que permite uma relação mais directa entre o interior e o exterior. No piso inferior, os tapa-sóis compõem os planos encerrados da casa de prazer, de maneira a criar um espaço exterior mais privado, arejado e, como o nome original dado a este tipo de construção propõe, fresco.

A varanda possui uma simples guarda de prumos de ferro e corrimão em madeira, num diálogo coerente com a casa de prazer, cuja estrutura assenta em pilares e vigas metálicas. Na base apresenta uma floreira, que, em conjunto com a cobertura ajardinada, cria uma harmoniosa integração com a envolvente, como se as duas lajes da moradia, a da varanda mais avançada que a da cobertura, simplesmente constituíssem mais dois socalcos no terreno.

Organização Espacial e Relação com o Exterior

No acesso ao interior podem-se considerar três entradas: uma pela “casa de prazer”, que dá acesso a um pequeno vestíbulo com ligação à sala de estar e a uma casa de banho; uma entrada que acede directamente à sala de estar, protegida pela varanda do piso superior em consola e pela pérgola que surge no piso superior, um pouco abaixo do plano da cobertura, para proteger o *“alpendre rotulado”* (Tostões, 1997: 62); e a entrada de serviço, com um corredor situado por trás da “casa de prazer” que garante o acesso directo à cozinha. Com a demolição parcial da casa de prazer imposta pela ampliação da Estrada Monumental, a entrada de serviço tornou-se disfuncional, com uma abertura para a estrada mas de acesso inacessível uma vez que se encontra numa cota superior, tendo o seu corredor de acesso sido provavelmente utilizado para uma ampliação da dita casa, de modo a tentar “repor” algum do espaço “roubado”.

O vestíbulo atrás referido faz a transição entre o espaço interior e o espaço coberto da casa de prazer através do prolongamento, tanto do pavimento em calhau rolado, como da parede a Nascente revestida a pedra regional polida de diferentes tonalidades. A separar o vestíbulo da sala de estar existe ainda um pano vertical isolado, revestido a madeira em listras diagonais, que surge no exterior e, acompanhado por um canteiro ajardinado, penetra no interior da sala.

A sala de estar surge como espaço central na composição do piso térreo, funcionando simultaneamente como zona de entrada, de estar e comer, e de distribuição para os restantes compartimentos da casa em ambos os pisos. Neste espaço amplo e flexível, cada função aparece associada a zonas específicas, assinaladas por elementos que caracterizam cada actividade. *“Assim, encontramos a pérgola na zona da entrada principal, a escada de acesso ao piso superior que se prolonga pela primeira parte da sala e que surge como oportunidade de introduzir a zona de comer, aberta sobre o lado posterior da casa. Também a lareira parece identificar o local da principal zona de estar.”* (Ramos, 2010: 335)



74



75

- 74. Vista interior da sala comum com a lareira na parede de cantaria (vermelha) do fundo
- 75. Sala comum com vista para o espaço de transição entre exterior e interior

A parede em que se inscreve a lareira é revestida a cantaria regional de tons avermelhados, igual à que cobre a chaminé no exterior. Esta parede limita a casa a Poente e estende-se desde a zona de estar e entrada até à zona de comer, não chegando a tocar na parede Norte, quase totalmente rasgada por um amplo vão que dá acesso a um pátio intimista. Esta subtilidade de soltar a parede Norte da Poente, tendo a segunda como barreira física e visual, terá a ver com a relação com o exterior, numa tentativa de impulsionar o percurso para o pátio Norte, preparando, já a partir do momento de entrada, a percepção da existência do dito pátio, tratado de maneira a criar um ambiente distinto dos restantes espaços exteriores. Ao contrário do espaço exterior de entrada, amplo, ajardinado e repleto de vegetação, exposto à intensa luminosidade do Sul; este pátio é mais frio e ensombrado, também ele protegido por uma pérgola (esta menos expressiva que a interpretada na fachada principal e mais de acordo com a sua expressão popular), com pavimento permeável e vegetação mais contida, presente num único canteiro que participa na conformação do espaço.

Também a zona de serviço, localizada no extremo Nordeste do terreno junto ao muro de suporte da propriedade vizinha, constituída por uma cozinha com acesso directo à zona de refeições, zona de arrumos, tratamento de roupa, quarto e casa de banho destinada aos empregados, está associada a um espaço exterior próprio.

Na sala de estar a escada, centro físico da casa, dá acesso, no piso superior, a uma pequena zona de estar, aberta para a varanda, que funciona como espaço distribuidor para um escritório e três quartos, todos com casa de banho própria e cada um deles virado para uma das três frentes da casa. A varanda, de grandes dimensões, estende-se por todo o comprimento da fachada, ganhando maior profundidade no alinhamento do quarto orientado a Poente, permitindo a criação de um pequeno espaço exterior sob a expressiva pérgola de betão que surge na cobertura.

Desta forma, todas as divisões apresentam espaços exteriores adjacentes, tanto no piso térreo com os dois pátios e jardim de entrada, como no piso superior, com a varanda. É ainda possível aceder a todos estes pátios pelo exterior, através de percursos acompanhados por espaços ajardinados que contornam a casa pelo lado Poente, contribuindo para a liberdade e flexibilidade no modo de viver e se movimentar na casa.



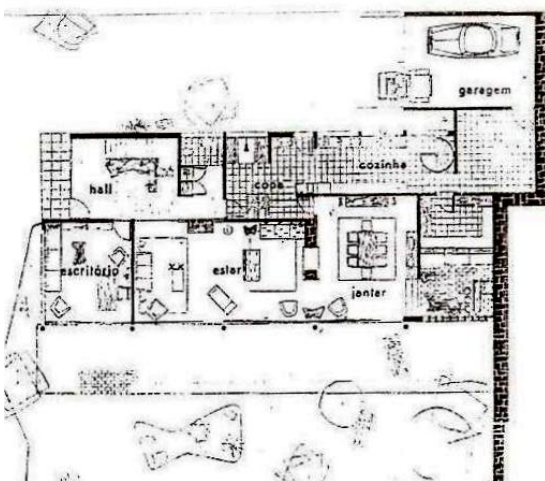
76



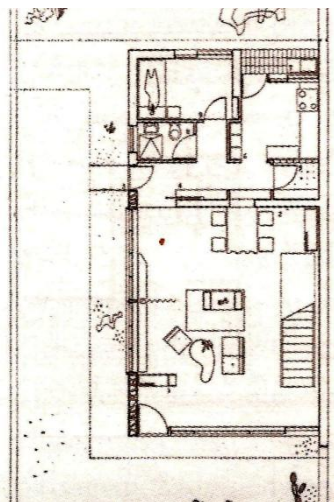
77



78



79



80

- 76. Casa Robie de Frank Lloyd Wright (1919)
- 77. Casa da Cascata de Frank Lloyd Wright (1936)
- 78. Casa Bianchi
- 79. Planta rés-do-chão Casa Rangel de Lima de Maurício de Vasconcelos (1951)
- 80. Planta rés-do-chão Casas geminadas de Matos Veloso (1953)

Linguagem Arquitectónica

“A tentativa de articular na arquitectura moderna portuguesa moderno e tradição, como temos vindo a referir, conduz a profundas transformações não só formais, mas também de ordem metodológica na elaboração do projecto [...]. Isto significa que vai alterar-se o processo como é elaborado o projecto e, particularmente, a forma como regista a realidade envolvente.” (Ramos, 2010: 268)

Exemplo disso é claramente a casa Bianchi, provavelmente a obra em que Chorão Ramalho mais profundamente explora o conceito de articular tradição e modernidade, aliado a uma ponderada relação entre interior e exterior. Para isso, recorre, para além da manipulação de materiais e técnicas construtivas locais, a uma interpretação moderna de determinados elementos da arquitectura popular e vernacular madeirense, como é o caso da pérgola em betão armado e da casa de prazer, dando especial atenção ao tipo de ambiente e utilização que originalmente pressupunham.

Tanto a pérgola como a casa de prazer constituem planos horizontais destacados numa composição volumétrica claramente moderna, lembrando a arquitectura de Frank Lloyd Wright onde se pode observar uma clara distinção entre os planos horizontais e verticais que se intersectam. Estes elementos não aparecem como meros apêndices pensados como um extra à moradia; muito pelo contrário, fazem parte integrante do projecto e seu princípio compositivo, valorizados não apenas volumetricamente, como também a nível programático e espacial, assinalando o momento de transição do exterior para o interior nas duas entradas principais da casa.

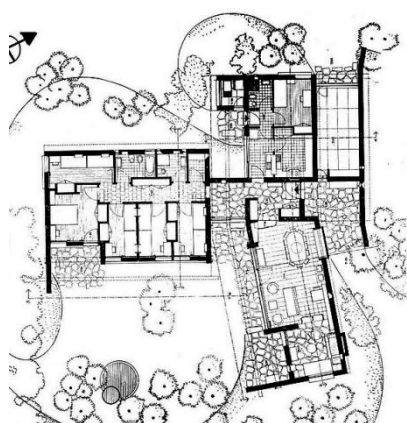
A própria organização interior, tendo a sala de estar como espaço dominante, com simultaneamente zona de entrada, de estar, de comer e de distribuição, revela indirectamente a íntima relação entre tradição e modernidade que Chorão Ramalho confere aos seus projectos.

A noção de flexibilidade na criação de um único espaço com distinção empírica entre as zonas destinadas a diferentes funções revela sinais da sua modernidade, acompanhando as transformações do espaço doméstico que se observavam na época. *“Sabemos que na década de 50, a sala comum é já um elemento vulgar na organização da casa. Contudo, ela passará a assumir em determinados projectos o protagonismo do anterior átrio central. A sala comum irá ampliar a ideia de flexibilidade no uso dos espaços domésticos, transformando-se no espaço principal, quer pela sua área quer pela sua importância que subordina a compartimentação dos outros espaços da casa.”* (Ramos, 2010: 334) Esta solução de planta centrada num espaço dominante pode ainda ser observada em outras obras da mesma época, como são exemplos a casa Rangel de Lima, de Maurício de Vasconcelos, em 1951, e as casas geminadas, de Matos Veloso e E. R. Matos, em 1953. Se tivermos estas três obras em comparação, é possível entender a casa Bianchi como uma espécie de síntese que vem finalizar a época, indo buscar referências a ambos os exemplos, traduzidas numa composição de elevada coerência e consolidação.

Em ambos os casos, tal como na casa Bianchi, a sala comum aparece como espaço dominante, separada fisicamente da área de serviço na zona central da habitação, e da zona privada dos quartos no piso superior. Na casa Rangel de Lima, a entrada principal dá acesso a um vestíbulo que comunica amplamente com a sala comum, com simultaneamente zona de estar e de comer, mas separadas visualmente pelo plano que contém a lareira. Já nas casas geminadas de Matos Veloso e E. R. Matos, a entrada dá acesso directamente à sala comum, espaço único e flexível *“onde podem decorrer diferentes actividades que marcam o ritmo da vida doméstica, aspecto claramente observado pelos arquitectos que, ao apresentarem a planta mobilada, deixam acentuar essa intenção.”* (Ramos, 2010: 335)

Na casa Bianchi, Chorão Ramalho conjuga as duas hipóteses com a utilização de duas entradas, uma que acede directamente à sala comum, marcada pela pérgola, e outra pela casa de prazer que dá acesso a um vestíbulo. A escada de acesso ao piso superior, centro físico da habitação, não se localiza inteiramente no vestíbulo como na casa Rangel de Lima, nem tem acesso a partir da sala comum como nas casas geminadas; antes atravessa os dois compartimentos, surgindo no vestíbulo, onde se lhe acede, e estendendo-se pela sala comum, agarrada ao plano que faz a distinção entre a zona de estar e de comer.

Para além do prolongamento da parede da escada para distinguir as duas zonas principais da sala comum, tal como acontece nas casas geminadas com o plano que contém a lareira, o arquitecto recorre a uma *“confrontação entre planos geométricos soltos, desenho caro à linguagem moderna”* (Ramos, 2010: 284), que conformam e dividem empiricamente os espaços – um que protege o vestíbulo e outro que deixa antever o pátio intimista da zona de comer. Este tipo de solução podia já ser observado na casa de férias em Ofir, de Fernando Távora, em 1957, *“onde uma parede branca, solta do tecto, protege a sala da entrada principal. Solução semelhante é usada também para separar a sala do recanto da lareira.”* (Ramos, 2010: 284) Na casa Bianchi, porém, os planos não aparecem soltos em relação à cobertura, mas aparentemente isolados no espaço. O plano que distingue o vestíbulo da sala comum participa na continuidade entre o exterior e o interior, onde penetra, acompanhado por um canteiro ajardinado; já o plano da zona de comer, apenas aparentemente isolado uma vez que se encontra ladeado por vãos envidraçados, permite a percepção do pátio intimista desde a zona de entrada, sem no entanto colocar em causa a privacidade pretendida.



81



82

81. Planta Casa de Férias em Ofir de Fernando Távora (1957)
82. Vista da entrada

Numa outra vertente, é possível estabelecer relações entre este tipo de organização espacial e a arquitectura popular, se tivermos em conta que *“o desenho da casa centrada num espaço ou num conjunto de infra-estruturas centrais está presente nas construções populares e rurais”* (Ramos, 2010: 311), só comprovando o que Fernando Távora, uma década antes, anunciava: *“a casa popular fornecer-nos-á grandes lições quando devidamente estudada, pois ela é a mais funcional e a menos fantasiosa, numa palavra, aquela que está mais de acordo com as novas intenções.”* (Távora, 1947: 11) Nas construções populares madeirenses é, no entanto, a cozinha que ganha o protagonismo de espaço central e polivalente, garantindo as funções actualmente experienciadas na sala comum, exceptuando, claro está, o acto de cozinhar. *“A cozinha, mesmo quando distante da casa, é o centro vivencial. Aqui se preparam e confeccionam os alimentos e se tomam as refeições. Também aqui se executam alguns trabalhos domésticos, como bordar, coser roupa e fiar, entre outros, e se preparam os trabalhos ligados à lavoura, como preparar pinhas de maçarocas, libertar o feijão seco da vagem, preparar as batatas para a terra, limpar os inhames, etc.”* (Mestre, 2002: 120)

Desta forma, podemos concluir que na casa Bianchi, *“obra paradoxalmente delicada e vigorosa”*, Chorão Ramalho vai buscar referências directamente à habitação popular e rural, revelando sinais *“de um novo entendimento do projecto, que sem deixar de ser contemporâneo anuncia preocupações de contextualização”*. A obra pressupõe, portanto, *“um «novo» vernáculo, de integração e interpretação de soluções arquitectónicas e de elementos de construção ou técnicas regionais”*, (Tostões, 1997: 62) actuando quase como uma chamada de atenção, uma espécie de “manifesto” que antecede o que o Inquérito, publicado dois anos mais tarde, viria revelar - *“o património rico da arquitectura popular”* e *“a acuidade das construções populares, isto é, a sua forma como resposta realista ao lugar, aos materiais, aos usos e costumes, e à necessidade de sobrevivência do homem. Esta perspectiva deixa evidente que a casa popular não pode ser estilizada, como era reivindicado na polémica da Casa Portuguesa, e também que a sua passagem para o projecto, pela confrontação entre tradição e moderno, será realizada pelos aspectos seminais da sua cultura edificatória, e não pela manipulação de aspectos formais.”* (Ramos, 2010: 275)

Materiais e Aspectos Formais

A casa Bianchi utiliza essencialmente os mesmos materiais que a Igreja do Imaculado Coração de Maria – o betão aparente da estrutura e a cantaria avermelhada e arroxeadada, em contraste com as paredes rebocadas e pintadas de branco nas fachadas do edificado, e o empedrado em seixo rolado e muros em pedra basáltica da região no tratamento exterior. Porém, aqui os materiais são utilizados de formas distintas e com objectivos diferentes, de acordo com o contexto e programa em que se inserem: na Igreja do Imaculado, os materiais, tanto o “moderno”, o betão armado, como o “tradicional”, a cantaria vermelha, conjugam-se para criar uma forte composição plástica, expressão da importância do templo que viria a ser, depois da Sé, o mais grandioso do Funchal; já na casa Bianchi os materiais são utilizados para conformar e caracterizar determinados espaços, tendo em conta as actividades a que se destinam; ou, nos casos específicos da casa de prazer e da pérgola, uma com estrutura metálica e outra em betão armado, para demonstrar que constituem interpretações modernas dos exemplos do passado, e não meras reproduções de elementos formais da arquitectura popular madeirense.



83



84



85



86



87



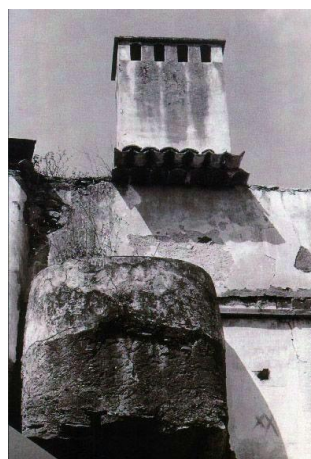
88



89



90



91

- 83. Casa de prazer na Casa Bianchi
- 84. Idem.
- 85. Casa de prazer de madeira com sucessão de tapa-sóis e rematada por um lambequim na Rua João de Deus
- 86. Casa de prazer em alvenaria de pedra rebocada na Rua Conde Carvalhal
- 87. Casa de prazer totalmente concebida em tapa-sóis de madeira verde-garrafa na Rua Conde Carvalhal
- 88. Casa de prazer em xadrez de madeira na Rua Conde Carvalhal
- 89. Chaminé Casa Bianchi
- 90. Chaminé quadrangular na Calheta
- 91. Chaminé e forno na Rua dos Aranhas, no Funchal

A caracterização de espaços pode ser verificada, por exemplo, na casa de prazer, no momento em que esta se prolonga para o interior através da penetração tanto do pavimento em calhau rolado como da parede em aparelho de pedra basáltica irregular. Esta tentativa de prolongar o exterior para dentro de casa, ganha consistência quando os materiais que se introduzem no interior acarretam desde já uma conotação exterior, como é o caso do calhau rolado que, pelo seu baixo custo, era normalmente utilizado no pavimento dos quintais das casas vernaculares da Ilha, e os muros em aparelho de pedra regional que eram utilizados nos muros de suporte dos típicos socalcos madeirenses. Ainda em relação à casa de prazer, é de destacar a viga em betão armado que reforça a horizontalidade da fachada Sul e que, subtilmente, é perfurada pela estrutura metálica.

Já no interior, na sala comum, o material predominante é a madeira, que aparece no revestimento do tecto, da escadaria, e de diversas paredes, em contraste com o pavimento em alcatifa. Também de madeira são todas as caixilharias da habitação e os tapa-sóis madeirenses, pintados a verde-garrafa, a cor mais comum na arquitectura vernacular. A parede que contém a lareira destaca-se no espaço pelo revestimento à já mencionada cantaria regional de tons avermelhados, o mesmo material que reveste exteriormente a chaminé, numa correcta correspondência entre o exterior e o interior. A chaminé, plano vertical de grande expressividade no conjunto, lembra as utilizadas nos casos mais antigos da arquitectura popular, onde *“podemos apreciar a sua dimensão e robustez, adivinhando-se a generosidade de espaço que gerem na zona inferior, onde se localizam a boca do forno, o lar, a bancada do fogão do bolo do caco, cabendo tudo sob a saia da chaminé.”* (Mestre, 2002: 184)

O Carácter e a Memória

Temos vindo a observar, durante a análise desta obra, a importância que Chorão Ramalho confere a certos elementos que evocam aspectos da arquitectura do passado, num fiel respeito pela memória e tradição madeirense.

É o caso da pérgola em betão armado que surge na fachada principal para marcar o momento de entrada e de transição entre o exterior e interior, numa alusão às latadas que cobriam as entradas das casas populares, criando um espaço ensombrado e fresco onde as pessoas geralmente se sentavam a conversar, a bordar, ou mesmo a preparar as mais variadas actividades ligadas à lavoura, “unindo o útil ao agradável”.

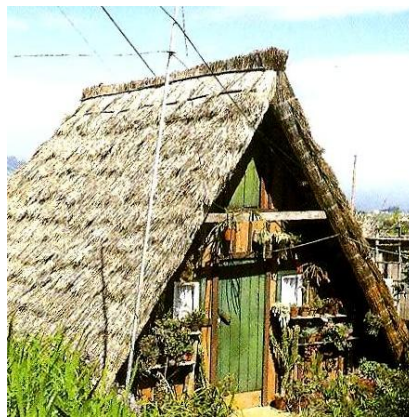
O mesmo acontece com a recriação da casa de prazer, embora neste caso Chorão Ramalho tenha introduzido certas diferenças de modo a adequá-la à composição geral que se apoia fundamentalmente nas relações entre espaços interiores e exteriores. As antigas casas de prazer, ou casas de fresco, eram normalmente construções isoladas, lugares de descanso e convívio, localizadas num recanto do jardim, geralmente mais próximo da rua, no local com melhor vista para a paisagem e, quando possível, para o mar. Estas não tinham, portanto, necessariamente a ver com o momento de entrada no interior da casa; quanto muito, as visitas paravam naquele espaço antes de se encaminharem para a habitação. Na casa Bianchi, a casa de prazer surge afastada da rua, numa cota mais elevada para melhor aproveitar as vistas, mas encostada à casa com a qual estabelece relação directa, acrescentando a função de espaço coberto de transição entre exterior e interior que prepara a entrada, sem perder porém a sua função original de, como o nome utilizado

localmente indica, “prazer” ou lazer. Há também que ter em mente que as casas de fresco eram normalmente utilizadas em casas com terrenos de grandes dimensões, o que não é o caso desta moradia. Neste caso, só após a ampliação da Estrada Monumental que, como já vimos, amputou a casa de prazer, é que esta acabou por forçosamente tomar a posição mais usual, num recanto do terreno, aberta para a rua.

Ainda a par destas relações mais directas, Chorão Ramalho integra no edifício aspectos que, não tendo necessariamente a ver com as construções populares, remetem para a maneira madeirense de se apropriar da casa e do território. É o caso das floreiras que na arquitectura popular eram aplicadas posteriormente numa atitude compositiva, a par do *“gosto pela cor, apresentando assim combinações cromáticas contrastantes com as flores, que se encontravam colocadas em vasos suspensos nas fachadas”* (Mestre, 2002: 109), e que aqui surgem integradas na estrutura que suporta a varanda, numa solução idêntica à da já analisada casa paroquial da Igreja do Imaculado Coração de Maria.



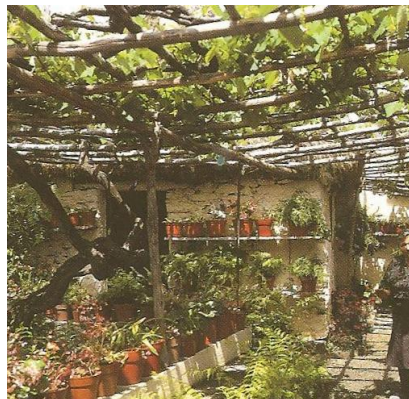
92



93



94



95



96



97

- 92. Latada de uma casa elementar com cobertura de palha nos Canhas
- 93. Floreira na fachada de uma casa de meio-fio em Santana
- 94. Latada de uma casa elementar com cobertura de palha no Caniço
- 95. Latada em Machico
- 96. Mulheres a bordar no “espaço de porta” de uma casa de colmo em Santana (finais do século XIX)
- 97. *Idem.*

Relação Interior / Exterior

Na Ilha da Madeira, Chorão Ramalho *“desenvolveu um especial interesse pelos espaços de transição, conceito perfeitamente adequado à atmosfera das ilhas, jogando com a relação entre interior e exterior, entre público e privado.”* (Tostões, 2010: 7)

Na casa Bianchi este conceito é fortemente explorado, mais uma vez procurando relações íntimas com a arquitectura popular e a maneira de habitar madeirense. De facto, é na interpretação dos elementos da arquitectura popular e vernacular da Ilha – seja a pérgola, a casa de prazer ou o alpendre – que se formam todos os espaços de transição entre interior e exterior. Este aspecto só vem revelar a diversidade de elementos na arquitectura popular que garantem espaços exteriores vivenciais, *“decorrentes de todas as tipologias madeirenses”* (Mestre, 2002: 97), introduzidos ora na própria construção, ora nos jardins, nas hortas, pomares, e nas vinhas que, na Madeira, são caracterizadas pelas ditas pérgolas, latadas baixas denominadas localmente por *“corredores”* ou, quando localizadas junto ao mar, conhecidas por *“de pé rente ao chão”*. (Mestre, 2002: 260) Aparecem-nos assim nas construções populares os alpendres que normalmente acentuam a fachada simétrica das casas, as latadas e as pérgolas que prolongam do espaço da entrada pelo terreno, e ainda por vezes nos limites do terreno os caramanchões, considerados por Victor Mestre como um possível *“parente pobre”* das casas de prazer, já correspondendo *“de modo modesto, [...] a uma zona exterior resguardada para lazer e convívio, para além de ser um local fresco em que se cultivavam plantas mais delicadas”*. (2002: 182)

Desta forma percebe-se que, na Ilha da Madeira, *“a vida da família é «à porta» da cozinha e por vezes à porta da «casa dos quartos». Vive-se na «fronteira» do espaço interior coberto e do espaço exterior abrigado. [...] Mesmo nas casas mais modestas, esta forma de habitar o espaço exterior é uma característica generalizada a todas as tipologias.”* (Mestre, 2002: 120) A este espaço de *“fronteira”* Victor Mestre chama *“espaço de porta”*, referindo-o como um prolongamento de determinados compartimentos, normalmente a cozinha, enquanto lugar polivalente. (2002: 120) Na casa Bianchi, o conceito de *“espaço de porta”* é desenvolvido nas duas entradas da sala comum, aqui o espaço polivalente, através da pérgola, do alpendre e da casa de prazer; e no piso superior, através da varanda que se aprofunda sob a pérgola, num prolongamento da pequena zona de estar interior que distribui para os quartos.

Lembramos ainda que, a enfatizar a importância da relação da casa com o exterior, todas as zonas da casa, seja a social, a de serviços ou a privativa no piso superior, têm um espaço exterior próprio associado, que, como já vimos, é tratado de maneira distinta. Este tratamento é feito através de certos pormenores e subtilezas que adicionam sensações de prolongamento dos espaços exteriores para dentro da habitação e vice-versa. Exemplo disto é o prolongamento do pavimento e da parede exterior da casa de prazer para o vestíbulo, e o pano revestido a madeira que participa simultaneamente dos espaços exterior e interior, acompanhado por um canteiro ajardinado que penetra no interior da sala comum. Ainda de referir é o tecto em madeira da sala que se estende para o alpendre exterior, cuja direcção das ripas, perpendiculares à fachada, contribui para a noção de prolongamento entre o espaço interior e o exterior. É esta *“riqueza de pormenores e de situações criadas”* que, ora demonstrando a contemporaneidade do seu tempo, ora demonstrando a afinidade com a arquitectura popular e vernacular madeirense, garantem à casa Bianchi *“um ambiente de extrema poética”* (Tostões, 1997: 62), perfeitamente integrado no contexto da Ilha.



98. Recuperação das cantarias manuelinas no cunhal da Assembleia Legislativa Regional

“A recuperação de edifícios antigos adaptando-os a nova utilização é certamente a melhor forma de conservar o património construído, vitalizando-o ao integrá-lo na orgânica da sociedade actual. Mas a adaptação de qualquer edifício antigo a uma utilização completamente diferente daquela para que foi construído não é tarefa fácil nem pacífica. Tem de envolver compromissos e opções que serão mais delicadas e polémicas quanto, nesse edifício [antiga Alfândega do Funchal] que foi classificado de monumento nacional, se sobrepõem já duas épocas a que correspondem dois estilos. Há que conciliar as partes antigas a respeitar, conservar e restaurar, com aquelas que serão construídas de novo e que, além de corresponderem a outro programa, deverão naturalmente identificar-se com a época actual.” (Chorão Ramalho, cit. in Freitas, 2010: 97)

A Assembleia Legislativa Regional é a última obra de Chorão Ramalho projectada na Ilha da Madeira, e a única que surge de uma intervenção num imóvel histórico classificado como Monumento Nacional desde 1940 – a antiga Alfândega do Funchal. *“A adaptação da antiga Alfândega para edifício da Assembleia Legislativa Regional foi o projecto que deu a Chorão Ramalho mais trabalho, que lhe acarretou mais problemas e causou mais preocupações.”* (Freitas, 2010: 97) O emblemático edifício, de grande importância política e cultural e valor arquitectónico, com vestígios de várias épocas a conservar e restaurar, e neste caso “reorganizar”, condicionava já de si qualquer intervenção arquitectónica. Ao se decidir pela instalação da Assembleia Regional – órgão representativo da população da Região Autónoma – no imóvel, acrescentou-se a responsabilidade de prestar devido respeito e homenagem ao símbolo da autonomia e ao povo madeirense, a quem o edifício se destina.

Tendo sido Delegado do Sindicato Nacional dos Arquitectos no Conselho Consultivo da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais do Ministério das Obras Públicas, entre 1968 e 69, Chorão Ramalho *“acompanhou de perto as directrizes de recuperação da «Carta de Veneza»”* (Freitas, 2010: 99) que, aprovada em 1964 no II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos, definia logo no primeiro artigo o conceito de monumento histórico como abrangendo *“não só os trabalhos de simples arquitectura, mas também o enquadramento urbano ou rural onde se encontram as evidências de uma civilização em particular, um desenvolvimento significativo ou um acontecimento histórico. Isto aplica-se não só às grandes obras de arte, mas também a obras mais modestas do passado que adquiriram significado cultural com a passagem do tempo.”* (Carta de Veneza: Artº 1º)

Ainda antes da encomenda para a Assembleia Legislativa Regional e da própria aprovação da Carta de Veneza, o arquitecto antecipava os princípios determinados no documento em relação ao património edificado, definido já em 1931 na Carta de Atenas como um testemunho do passado que devia ser respeitado pelo seu valor histórico ou sentimental e pela sua virtude plástica, condenando desta forma o emprego de estilos do passado que ocasionariam descrédito aos testemunhos autênticos que se tencionavam preservar. Na Madeira, projectou várias obras que, mais nobres ou mais modestas, se inserem já neste espírito de respeito pelo património cultural, de resto já demonstrado na constante introdução de referências retiradas da arquitectura popular e vernacular da Ilha.



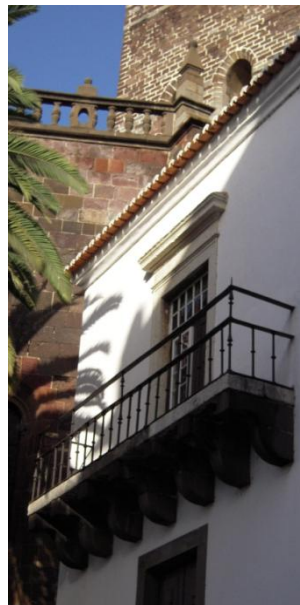
99



100



101



102



103

- 99. Edifício de escritórios na Rua João Gago
- 100. Pormenor da janela
- 101. Edifício do Cabido da Sé do Funchal
- 102. Pormenor da janela
- 103. Maqueta do Hotel Quinta de São João

Edifício Henrique e Gouveia

Na primeira obra que projectou para a Ilha em 1946 – um edifício de escritórios para a Firma Henrique e Gouveia localizado nas traseiras da Sé, na Rua João Gago –, Chorão Ramalho não intervém directamente no património edificado, porém, pela sua proximidade com a Catedral, considerada como elemento a valorizar e destacar, o arquitecto considerou a sua integração com esta como factor primordial na composição arquitectónica.

À semelhança do edifício do Cabido da Sé que lhe fica em frente, a fachada apresenta, ao nível do primeiro piso, *“janelas de sacada assentes sobre mísulas, com molduras em cantaria regional, apresentando lintéis de cornija e resguardadas por simples guardas de ferro fundido.”* (Freitas, 2010: 59) No piso térreo, destinado a comércio, e no último, numa tentativa de *“desafogar a torre do Banco Madeira”*, (Chorão Ramalho, cit. in. Freitas, 60) edifício vizinho e hoje Banco Santander Totta, a fachada é revestida a cantaria regional cinzenta, ficando o resto pintado a branco. As restantes janelas são protegidas pelos tradicionais tapa-sóis verde-garrafa madeirenses, também estas com molduras em cantaria regional, aproveitadas do edifício demolido que substituiu.

“A fachada acaba por expressar uma linguagem de raiz maneirista, lembrando a arquitectura chã portuguesa, consequência quer da reutilização das cantarias das aberturas, cuidado assinalável e pouco comum na época, quer da localização do imóvel, mesmo nas traseiras da Sé, optando-se pela relativa reabilitação da fachada em vez de opções mais radicais e contemporâneas.” (Freitas, 2010: 60) Esta primeira abordagem do arquitecto na Ilha, tímida mas respeitosa revelando pouco da linguagem muito própria que vai adoptar durante a sua estadia, em nada se compara com a utilizada na Assembleia Legislativa Regional que, enquanto *“sua derradeira [e última] grande obra”*, vai coroar *“uma profícua carreira profissional.”* (Freitas, 2010: 97)

Hotel Quinta de São João

No projecto que fez para o Hotel Quinta de S. João, encomendado em 1965 pela família Bettencourt Câmara, Chorão Ramalho *“preservava a vetusta Quinta de S. João, antigo solar dos viscondes de S. João, um dos poucos palacetes funchalenses que apresentava uma linguagem assumidamente barroca, com fachada principal de empena curva apresentando escadaria cenográfica de dois lanços, janelas de grossas molduras com frontões curvos e capela adossada a Norte.”* (Freitas, 2010: 71)

O volume do Hotel, de cinco pisos, adossar-se-ia à Quinta de S. João através de um corpo mais baixo e ligeiramente recuado em relação à fachada. Com cobertura plana e largas varandas em balanço sobre o volume de transição, o novo edifício, de linguagem contemporânea sóbria e limpa, destacar-se-ia do Solar sem, no entanto, lhe retirar importância, deixando-o em primeiro plano e recuando para o jardim. De referir ainda é o respeito que o arquitecto demonstra em relação às preexistências, não só no imóvel histórico, como também nos espaços exteriores dos jardins *“com a sua alameda de jacarandás e a sua centenária araucária a Sul.”* (Freitas, 2010: 72)

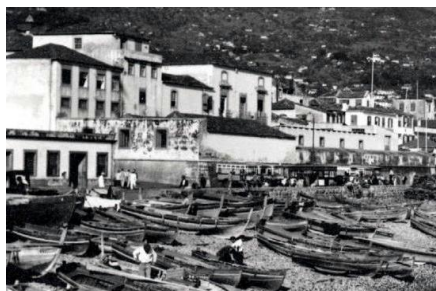
Lamentavelmente este edifício nunca chegou a ser construído, tendo-se demolido a antiga Quinta para dar lugar a um hotel monumental, com escala desenquadrada do sítio, *“salvando-se desta lamentável opção algum do magnífico espólio da capela depositado no Museu de Arte Sacra do Funchal.”* (Freitas, 2010: 72)



104



105



106



107

- 104. Implantação da Assembleia Legislativa Regional
- 105. Casas da Alfândega (década de 30)
- 106. *Idem.*
- 107. Desenho de Bartolomeu João (autor da obra) de 1654

Implantação / Localização

A Assembleia Legislativa ocupa um quarteirão um pouco abaixo da Sé, limitado a Sul pela Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses, a Nascente pelo Largo da Alfândega e por mais duas ruas pedonais, a Rua da Alfândega a Norte e a Rua Dr. António José de Almeida a Poente, o largo passeio pedonal em frente à Sé.

O novo volume encosta-se ao antigo edifício da Alfândega a Sul, implantado num antigo fosso do século XVII, cujas muralhas foram colocadas à vista aquando das escavações para a obra. O volume, já de si mais baixo, enterra-se para permitir a leitura da fachada antiga, sendo todo ele praticamente cego para a Avenida e para o mar, abrindo-se para o referido fosso a Norte.

O Edifício Antigo

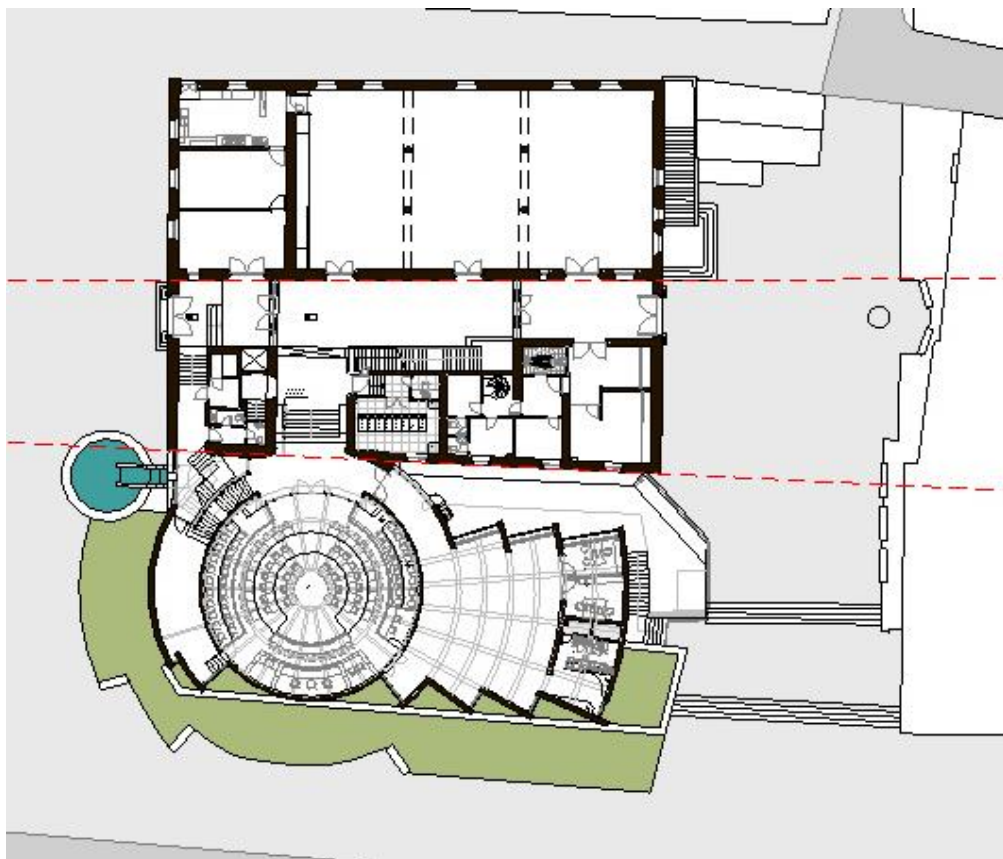
Originalmente as casas da Alfândega, mandadas construir no final do século XV por D. Manuel, ainda Duque de Beja e administrador da Ordem de Cristo, tinham contacto directo com o calhau da praia, integrando-se no centro político-administrativo construído no chamado Campo do Duque, onde se localizava também a Sé e a então Casa da Câmara.

O edifício original, terminado em 1519, terá passado por várias alterações ao longo dos séculos. As primeiras obras terão ocorrido ainda no século XVII com a construção de um reduto para defender o desembarcadouro das fazendas. O principal elemento desta fortificação seria a construção de uma portaria para controlar o contrabando, cuja porta se pode ver no desenho de Bartolomeu João, autor da obra.

Das restantes alterações destacam-se as levadas a cabo em consequência dos estragos profundos resultantes do terramoto de 1748. Aproveitaram-se as obras para ampliar o edifício da Alfândega para Sul sobre os antigos armazéns cobertos, e colocaram-se as amplas janelas em calcário de Moleanos que actualmente caracterizam a fachada do edifício antigo, vindas provavelmente dos estaleiros lisboetas montados para a recuperação da baixa pombalina.

Meio século mais tarde ocorreria outra catástrofe que contribui para a revisão do centro da cidade e da Alfândega. A 9 de Outubro de 1803 abateu-se sobre o Funchal um grande temporal que provocou a mais terrível aluvião da história da Ilha. Só na parte baixa da cidade terão morrido 200 pessoas, calculando-se um total de 600 mortes em toda a Madeira. Nesta fase aumentou-se a bateria da Alfândega para criar uma extensa praça sobre o calhau em frente ao edifício, no local do fosso onde actualmente se implanta o novo volume. Durante todo o século foram sendo implantados neste terrenos diversos armazéns, que no século XX ocupavam já toda a orla marítima. Com a ampliação do porto do Funchal e criação da Avenida do Mar mandadas construir por Fernão Ornelas, então Presidente da Câmara do Funchal, os serviços da Alfândega foram desmultiplicados em edifícios erguidos ao longo da muralha primitiva da cidade.

Em 1940, quando foi classificado como Monumento Nacional, a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais organizou uma campanha de obras que visava recuperar o edifício, dando primazia ao núcleo manuelino. As obras, que ocorrem a partir da década de 50 até 1967, recuperaram as fachadas e as salas manuelinas – a Sala dos Contos e a Sala do Despacho –, demolindo-se o conjunto de edifícios a Poente. Em 1966 foi erguida a fachada virada ao largo Dr. António José de Almeida, sendo remontado aí o portal da antiga Igreja do Campanário. Nesse mesmo ano, ao serem picados os rebocos das restantes fachadas, foram colocados a descoberto o pequeno portal manuelino virado à rua da Alfândega e os vestígios do portal manuelino térreo, virado ao pátio exterior da Alfândega.



108



109

- 108. Planta do piso térreo com as três fases de construção (a vermelho)
- 109. Vista Nascente da Assembleia a partir da Avenida do Mar

Intervenção

A entrada principal do edifício faz-se pelo Largo da Alfândega, na fachada virada a Nascente. A porta de entrada, localizada na parte nova do edifício antigo, é constituída por um portal maneirista, tendo-se deixado em vista o colunelo da antiga porta manuelina que se pode observar no desenho de Bartolomeu João que convenientemente marca a separação entre o edifício manuelino original e a ampliação ocorrida no século XVIII.

Na fachada oposta e no mesmo alinhamento que a porta principal abre-se uma entrada secundária com uma porta maneirista idêntica à principal que foi retirada da fachada Sul para se poder instalar o novo volume. A porta da Igreja do Campanário que lá se encontrava foi removida, parecendo *“legítimo e preferível substituir uma porta pela outra mantendo no edifício como porta exterior aquela que sempre lhe pertenceu embora deslocada para a fachada Poente.”* (Chorão Ramalho, 1983)



110



111

Ambas as entradas dão acesso a um pátio interior reciado com cobertura envidraçada, conformando *“assim um espaço de transição que liberta a antiga fachada Sul do século XVI, tanto em extensão como em toda a altura.”* (Chorão Ramalho, cit. in Freitas, 2010: 101) Hoje o pavimento foi alterado estando todo feito a cantaria; porém, na intervenção de Chorão Ramalho deveria ser calcetado a calhau rolado do mar, no mesmo desenho que o Largo da Alfândega, intercalado com lajetas de cantaria regional cinzenta.

No pátio vêem-se os três portais de arco quebrado em cantaria regional vermelha da época manuelina, dos quais dois se podem observar no desenho de Bartolomeu João. Os arcos dão acesso ao Salão Nobre da Assembleia, antiga Sala do Despacho, uma ampla sala suportada por duas fiadas de colunas de fuste oitavado com capitéis esculpidos com motivos vegetalistas, articulando-se em arcos de volta perfeita em cantaria regional do Cabo Girão. Nesta sala, *“cujos tectos eram apenas rebocados e caiados foram montados tectos de madeira de carvalho, apenas encerado, com desenho actual mas utilizando elementos inspirados nos tectos [de alfarge mudéjares] do 1º andar”* (Chorão Ramalho, cit. in Freitas, 2010: 98) das antigas Salas dos Contos e actuais Salas de Presidência e Reuniões e Biblioteca.

110. Portal maneirista e colunelo manuelino na fachada Nascente

111. Portal maneirista e arranque das cantarias na fachada Poente



112



113



114



115



116



117

- 112. Vista do pátio interior da Assembleia
- 113. *Idem.*
- 114. Vista do pátio interior a partir do terceiro piso
- 115. Salão Nobre (antiga Sala do Despacho)
- 116. Sala de Reuniões (antiga Sala dos Contos)
- 117. Biblioteca (Antiga Sala dos Contos)

Na sequência desta sala encontra-se um compartimento utilizado como copa de apoio a recepções, que originalmente teria correspondido às instalações do provedor do século XVI, ostentando para a rua da Alfândega um pequeno portal manuelino, descoberto nas obras de Janeiro de 1966, cujas cantarias se prolongam para as do cunhal.



118



119

Ainda no primeiro piso foram instaladas duas portarias e, em frente ao Salão Nobre, aproveitaram-se as compartimentações dos séculos XVII e XVIII para os serviços gerais de portaria da Assembleia. O acesso ao primeiro piso é feito por uma escadaria lajeada a cantaria e com guarda de ferro de desenho simples idêntico ao utilizado para as varandas das janelas pombalinas exteriores, originalmente pertencentes à zona mais recente do edifício antigo a que a escada se agarra.

Nas obras de 1967 estas janelas prolongaram-se para a fachada Poente e, na intervenção de Chorão Ramalho, repetiram-se ao longo da fachada virada ao mar. *“Poderá ser discutível a solução adoptada [...] em que se repetem os elementos (os vãos) das outras fachadas, reproduzindo-os para completar o edifício, mas esta orientação parece legítima na medida em que se respeitam e se dá continuidade às características dominantes exteriores do edifício. Assim, ele passará sem dúvida, a ter uma unidade, harmonia e proporções que irão individualizá-lo como edifício público representativo na panorâmica geral da Avenida do Mar.”* (Chorão Ramalho, cit. in. Freitas, 2010: 100)

Simultaneamente, manteve as gárgulas esculpidas do edifício manuelino sobre a rua da Alfândega, assim como as carrancas da fachada Nascente, indicando a existência de um alpendre de madeira que não aparece representado no desenho de 1654.

No segundo piso instalaram-se os órgãos de direcção da Assembleia nas já referidas Salas dos Contos com os seus tectos mudéjares, que tiveram de ser todos escorados para retirar a estrutura de madeira e substituí-la por uma estrutura metálica, à qual foram novamente fixados. Enquanto estas salas ocupam toda a altura do edifício, as da ala Sul foram divididas para se criar um terceiro piso destinado a albergar os gabinetes dos deputados, acedido através de escadas independentes. Ambos os pisos abrem-se na zona de circulação em mezanino sobre o pátio interior, ostentando o último floreiras com corriolas e fetos que pendem para o piso intermédio.

- 118. Janela Pombalina da segunda fase de construção
- 119. Portal manuelino com arranque das cantarias para o cunhal



120



121



122



123

- 120. Vista do volume novo da Assembleia Legislativa Regional
- 121. Cascata no Largo Dr. António José de Almeida
- 122. Fachada cega do novo volume
- 123. Volume novo no antigo fosso da Alfândega

O Novo Volume

Volumetricamente, o novo corpo é constituído pelo cilindro da Sala do Plenário e por volumes radiais que o envolvem, todo ele revestido a calcário de Moleanos de duas tonalidades formando listras. Completamente encerrado para o mar e para a Avenida, não permite o acesso ao exterior senão através do pátio interior do edifício antigo ou dos escritórios que se abrem para o antigo fosso da Alfândega no piso inferior enterrado. As únicas aberturas viradas a Sul encontram-se entre os panos dos “raios”, e permanentemente fechadas por tapa-sóis verticais verde-garrafa, apenas garantindo uma luz ténue e um ambiente íntimo no interior.

Na cobertura, o edifício é ajardinado com canais de água caindo numa cascata construída em betão armado para um tanque revestido a cantaria regional cinzenta no Largo Dr. António José de Almeida, em alusão ao antigo sistema de levadas da Madeira e homenagem ao fruto do esforço e trabalho do povo madeirense. *“Além do aspecto decorativo, este jardim desempenha aqui um papel importante como isolador térmico da cobertura. Mas a solução foi determinada ainda por outra razão de ordem técnica, que é a de obter o arrefecimento da água utilizado no sistema de ar condicionado. O longo percurso de água e a sua movimentação com repuxos, substitui a «torre de refrigeração» normalmente utilizada para aquele efeito que é sempre de difícil integração dado o seu inevitável volume e aspecto e o ruído permanente.”* (Chorão Ramalho, cit. in Freitas, 2010: 100-101)

Para a Sala do Plenário optou-se pela utilização da madeira para revestir as paredes interiores e o tecto, e as cores da Região – o azul e o amarelo – na alcatifa do pavimento e nos estofos das cadeiras dos deputados, respectivamente. Para a cobertura criou-se uma estrutura radiante que, à semelhança da solução adoptada no baptistério da Igreja do Imaculado, permite a iluminação zenital do interior e eleva-se expressivamente para o exterior.



124

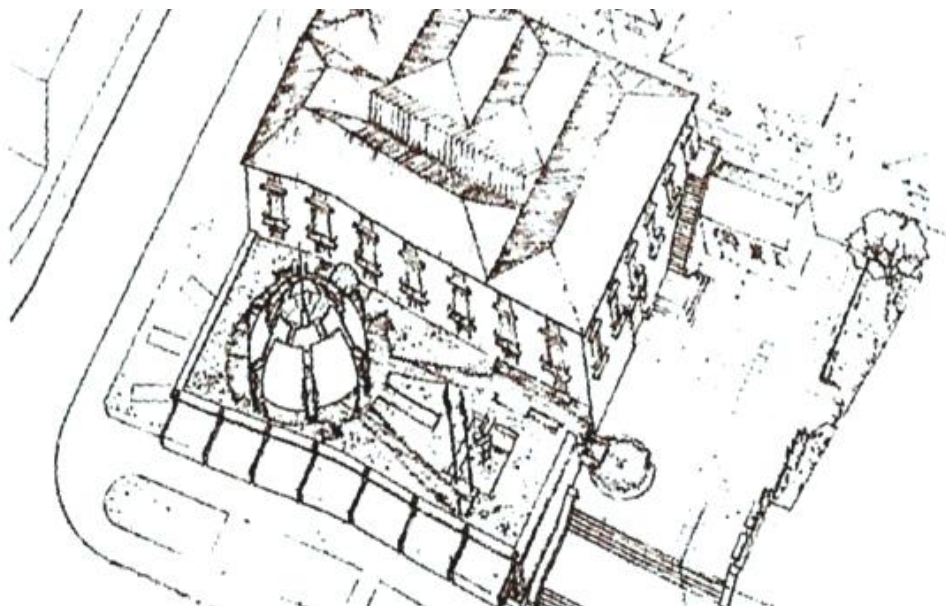


125

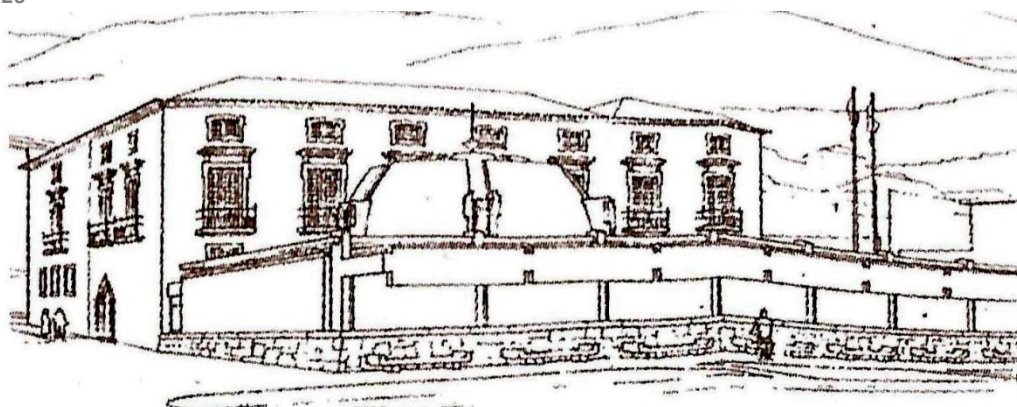
O hemiciclo é envolvido por um corredor circular que se abre num amplo espaço de convívio – os chamados “Passos Perdidos” – com um pequeno bar de apoio. Este espaço encontra-se todo decorado com mobiliário moderno e serigrafias de autores contemporâneos conhecidos, como por exemplo a tapeçaria de Júlio de Resende que, dialogando com a arquitectura, apresenta uma composição circular com *“o significado profundo de «irradiação» tomada consciente e deliberadamente. «Irradiação» de vitalidade no seu mais amplo sentido, não apenas no domínio de toda uma produção industrializada, mas igualmente, vitalidade mental. São aqui, as sugestões da flora, a produção frutífera, combinadas com sugestões gráficas da estrutura do pensamento que se interrogam perante as formas estáticas da convenção e do dogmatismo.”* (Resende, 1987)

124. Cobertura da
Sala do Plenário

125. Sala do Plenário



126



127



128

- 126. Desenho da primeira solução para o novo volume da Assembleia
- 127. *Idem.*
- 128. Embaixada de Portugal em Brasília

Linguagem Architectónica

Ao conceber um novo volume de linguagem claramente modernista, depurada e neutra, Chorão Ramalho pretende que este se destaque do conjunto sem no entanto se sobrepor ao existente, numa clara afirmação entre o que é o novo e o antigo. *“O cilindro da Sala do Plenário e os volumes radiais que o envolvem são elementos integralmente novos na composição do conjunto e por isso intencionalmente sóbrios e despojados de pormenores que sugiram qualquer estilo ou tendência formal. Têm coerentemente uma expressão arquitectónica actual marcando assim a época da reconversão do conjunto para instalar a Assembleia Regional da Madeira.”* (Chorão Ramalho, cit in. Freitas, 2010: 101)

O volume inicialmente seria de planta rectangular, com uma composição de diversas palas na fachada Sul semelhantes às utilizadas no seu projecto para a Embaixada de Portugal em Brasília, criando uma zona sombreada de percurso e paragem, com extensos bancos virados para o mar. A solução actual surgiu quando, durante as escavações, se descobriu os dois troços da muralha do antigo Reduto da Alfândega, tendo-se optado pela evidência destes elementos e, em consequência, alterado a cascata que se encontrava no Largo da Alfândega para a fachada oposta.

Para além da clara distinção entre o volume novo e o pré-existente, o arquitecto procura separar as duas fases de construção através da cobertura envidraçada no interior, e da evidência de diversos elementos na fachada. Desta forma, é possível observar nas fachadas Nascente e Poente as três fases de construção: o edifício primitivo manuelino com os seus cunhais de cantaria regional, a ampliação do século XVII e XVIII com os portais maneiristas e as altas janelas pombalinas, e, por fim, o edifício moderno de linguagem sóbria e neutra. Note-se que na fachada Poente, no mesmo alinhamento com o colunelo do portal manuelino, colocaram-se em vista as cantarias do edifício primitivo, marcando o local exacto da separação entre as duas fases de construção da antiga Alfândega.

“O conjunto inaugurado em 1987 resulta numa feliz harmonia em que um diálogo perfeito é estabelecido entre as diversas épocas arquitectónicas, enriquecedor do de que melhor existe em arquitectura civil tardo-gótica/manuelina na Ilha da Madeira. [...] Foi este arquitecto e foi este o primeiro imóvel da Região Autónoma da Madeira que mostraram claramente uma correta ética de reabilitação históricos, só possível à maturidade atingida por uma carreira culta e inabalável.” (Freitas, 2010: 101-102)

Depois da intervenção de Chorão Ramalho, a Assembleia já foi sujeita a uma nova fase de obras que, felizmente, deram continuidade à solução do arquitecto numa atitude de respeito e concordância com o seu projecto, sem introduzir grandes alterações. A intervenção visou principalmente a renovação da Sala do Plenário e, no exterior, retiraram-se os canais de água na cobertura que estavam a originar problemas de infiltrações no interior.

Materiais

Segundo o artigo 12º da Carta de Veneza (1964), *“os elementos destinados a substituir as partes em falta devem integrar-se harmoniosamente no conjunto, distinguindo-se sempre as partes originais, a fim de que o restauro não falseie o documento de arte e de história.”*

No edifício antigo, Chorão Ramalho faz esta distinção através da manipulação de materiais, utilizando essencialmente o betão aparente, o material moderno de eleição da arquitectura do século XX, demonstrando claramente o que faz parte da intervenção em contraste com o material original. Veja-se o exemplo da antiga Sala do Despacho onde *“foram retiradas as camadas de tinta e caições que recobriam os pilares, arcos e guarnecimentos de cantaria. [...] Muitas das cantarias apresentavam-se bastante danificadas mas mantiveram-se na generalidade tal como foram encontradas, substituindo-se apenas [por betão aparente] aquelas que sendo estruturais e estando fracturadas ou em decomposição poderiam vir a afectar a estabilidade do edifício.”* (Ramalho, 1983)



124

No volume novo, Chorão Ramalho, em vez da usual utilização de materiais da região, compõe plasticamente o edifício com calcário de Moleanos, num diálogo coerente com as molduras das janelas pombalinas do edifício antigo. Os materiais da região aparecem no edifício antigo, através da utilização da cantaria regional cinzenta e do calhau rolado do mar nos pavimentos do pátio interior.

O Carácter e a Memória

Para além dos elementos que Chorão Ramalho coloca a descoberto na fachada – o arranque das cantarias nos cunhais, as carrancas do que deveria ter sido um alpendre e o colunelo do portal manuelino na fachada Nascente – e da recuperação dos tectos mudéjares no interior, destacam-se ainda na fachada manuelina do pátio interior a descoberta de duas janelas, reconstituídas num apontamento da memória, sem recorrer no entanto a réplicas enganadoras.



130



131

- 129. Recuperação de um pilar da Antiga Sala do Despacho
- 130. Reconstrução de uma janela manuelina
- 131. *Idem.*

Uma das janelas pertenceria à antiga Sala dos Contos e actual Biblioteca, aberta para o mar com quatro metros de altura e, provavelmente, repartida por um pinázio em cruz, ao gosto do século XVI. Na outra, também ao gosto mudéjar, geminada com pinázio central, pode ler-se a inscrição “Fez-se a reconstituição deste vão com cantarias encontradas sob rebocos e implantou-se neste local em 1984.”

Ainda no novo volume destaca-se a introdução dos canais de água na cobertura a cair para uma cascata na fachada Poente em alusão às levadas madeirenses que habilidosamente transportam a água de uma costa à outra da Ilha.

Relação Interior / Exterior

Numa clara valorização do edifício antigo, o novo volume fecha-se completamente para o mar e para a Avenida, apenas aberto nos Passos Perdidos e nos escritórios para o fosso. Na fachada Sul, as vistas ficam assim atribuídas ao edifício antigo que se abre para o mar e para a cobertura ajardinada do novo volume com os já referidos canais de água.



132



133



134

132. Passos Perdidos

133. Vista exterior para o fosso da Alfândega

134. Vista dos escritórios para o fosso da Alfândega

O restante edifício abre-se principalmente para o pátio interior que, no prolongamento do exterior, é calcetado ao tradicional calhau rolado do mar em desenho de escamas de peixe, no mesmo tratamento que o pavimento do Largo da Alfândega.

O LEGADO

Uma Herança com Futuro



1. Central Térmica do Funchal – Casa da Luz

A Marca de Raúl Chorão Ramalho na Ilha da Madeira

“A obra de Chorão Ramalho marca presença na Madeira atravessando décadas. Quase sempre com uma qualidade e sábio entendimento do lugar, a obra deste arquitecto acabará por influenciar gerações futuras de arquitectos que aí trabalham. Por esta razão elegemos o arquitecto Raúl Chorão Ramalho como o arquitecto do séc. XX na Madeira.” (Luís Vilhena, *cit in.* Nunes, 2008: 21)

As obras estudadas anteriormente foram escolhidas para demonstrar a íntima relação que o arquitecto estabeleceu com o território madeirense, e as diversas soluções que explora para as integrar de maneira harmoniosa na paisagem e no contexto cultural da Ilha. Na Igreja do Imaculado Coração de Maria deu especial atenção ao tratamento dos materiais pétreos da Ilha que compõem plasticamente o edifício, revelando, à semelhança do que tão bem caracteriza a arquitectura popular madeirense, *“a sabedoria do desenho «mínimo» (e o saber fazer com «menos» recursos é hoje cada vez «mais» significar capacidades e inteligência) e um seguro conhecimento das técnicas e dos materiais – que é um dos saberes mais ameaçados na aprendizagem da arquitectura actual.”* (Fernandes, 2006: 124) Na Casa Bianchi procurou estabelecer relações directamente ligadas à casa popular enquanto elo de ligação de um povo com a Natureza, reinterpretando o espaço vivencial exterior das latadas das casas rurais, os tradicionais poios madeirenses, e ainda as típicas “casinhas de prazer” que aparecem debruçadas sobre os extensos muros rosados que caracterizam a paisagem do Funchal. Finalmente na Assembleia Legislativa, sua última e derradeira obra, iniciou uma ética de recuperação e reabilitação até então sem exemplo na Ilha, procurando preservar a memória de várias épocas passadas e, ainda em espécie de tributo ao esforço do madeirense, reinterpretando os tradicionais sistemas das levadas numa cascata que cai para o Largo da Sé, no centro do Funchal, aberto para a Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses. A obra de Chorão Ramalho na Ilha, no entanto, dificilmente se esgota aqui, tendo-se considerado coerente referir ainda alguns dos seus projectos que, sempre obedecendo aos princípios de contextualização e integração no local, se tornaram edifícios emblemáticos na Ilha, participando diariamente da vida dos madeirenses.

Em Meio Urbano: Centro do Funchal

As suas obras encontram-se espalhadas um pouco por toda a Ilha, porém, é no Funchal, pela quantidade e distância com que se aproximam umas das outras, dialogando coerentemente entre si, que melhor se verifica a marca muito própria da arquitectura de Chorão Ramalho. Em pleno centro do Funchal, a caracterizar, juntamente com a Assembleia Legislativa, a frente de rua da Avenida do Mar, podemos observar diversas obras com o seu reconhecido cunho pessoal, composições modernas marcadas pela utilização do betão aparente, das cantarias regionais e dos típicos tapa-sóis verde-garrafa, encontrando-se perfeitamente integradas na envolvente. Desde, no extremo Nascente da Avenida, a Central Térmica do Funchal, conhecida como Casa da Luz, passando por diversos edifícios de serviços, como o Edifício Freitas Martins e o edifício Blandy, os dois em quarteirões adjacentes ao da Assembleia Legislativa (o primeiro a Nascente e o segundo a Poente, na porta de entrada para o cais do Funchal), e acabando no que deveria ser o Centro Comercial do Infante, infelizmente não construído.



2



3



4



5



6



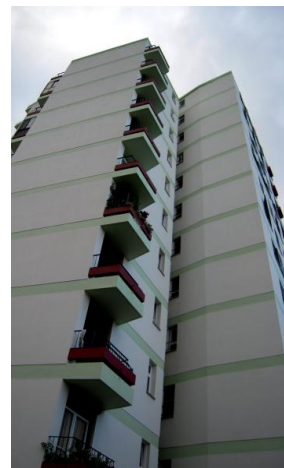
7



8



9



10

2. Edifício João de Freitas Martins
3. Edifício Blandy
4. Hotel Quinta do Sol
5. *Idem.*
6. Hotel Madeira
7. Caixa de Previdência do Funchal - Policlínica
8. Caixa de Previdência do Funchal - Edifício Administrativo
9. Caixa de Previdência do Funchal – Torre Habitacional
10. *Idem.*

Com as mesmas características destacamos na entrada Oeste para o centro do Funchal, no alargamento entre a Estrada Monumental, a via nobre da hotelaria no Funchal, e a Rua Dr. Pita, o Hotel Quinta do Sol, com projecto inicial de 1965. Nesta obra, Chorão Ramalho utiliza exaustivamente os típicos tapa-sóis verde-garrafa numa composição plástica expressiva de carácter quase escultórico. A mesma atitude pode ser observada no Hotel Madeira, projectado cinco anos mais tarde, onde os tapa-sóis contribuem para a expressividade plástica da fachada do edifício, embora neste caso de cor vermelha. No Hotel Quinta do Sol, no entanto, destacamos a sua utilização na cor que melhor caracteriza a arquitectura da Ilha, como contributo para a harmoniosa integração paisagística do Hotel, implantado numa extensa mancha verde pertencente ao profundo e arborizado vale do Ribeiro Seco a Nascente e à Quinta Magnólia a Norte.

Ainda no centro do Funchal, mas já transitando para a zona de habitação dispersa, Chorão Ramalho projectou o Conjunto da Caixa de Previdência do Funchal, constituído pelo edifício da Policlínica, um Complexo com Serviços Administrativos, e ainda um edifício habitacional em altura, o primeiro em torre construído no Funchal. Note-se que, na época, a única torre existente na cidade era a da Sé Catedral. Hoje, as duas coexistem pacificamente, diminuindo de certa forma a audácia que esta intervenção representou na altura, só possível à firmeza de um arquitecto determinado em suas convicções. Chorão Ramalho compreendeu a vantagem do recurso à habitação em altura numa cidade como o Funchal, sendo possível, devido à sua topografia, a visibilidade dos edifícios a partir da linha de costa, junto ao mar, e de diversos pontos nas zonas mais altas. Neste caso, a habitação em altura apresentou-se como solução favorável, apenas obstruindo parcialmente as vistas das habitações situadas a Norte para a paisagem e para o mar, ao contrário do que aconteceria no caso de uma construção disposta horizontalmente, ainda que de menor altura. Atendendo ainda aos modos de habitar característicos da Madeira onde predominam as moradias unifamiliares, normalmente usufruindo de um jardim mesmo que de dimensões reduzidas, o arquitecto providenciou amplas varandas calçetadas com o tradicional calhau rolado do mar e, no piso térreo, extensos espaços ajardinados pontuados por esculturas da autoria de diversos artistas plásticos seus contemporâneos, uns constituindo coberturas dos volumes de serviço e outros dispostos em socalcos em memória dos tradicionais poios madeirenses. Todo o tratamento dos espaços exteriores em socalcos permitem vencer de forma engenhosa e harmoniosa a incrível pendente do terreno, tornando os vários percursos entre a cota alta e a cota baixa uma experiência dinâmica e extremamente agradável. Quanto a este aspecto, atrevemo-nos a reproduzir as palavras de Fernando Távora acerca da arquitectura de Frank Lloyd Wright, aplicando-as à de Chorão Ramalho: *“Onde começa a arquitectura e acaba a escultura ou a pintura nos edifícios de Wright [e, neste caso, Chorão Ramalho]? E onde acaba a arquitectura e começa o paisagismo ou o urbanismo? Ninguém sabe.”* (Távora, 1960: 96)

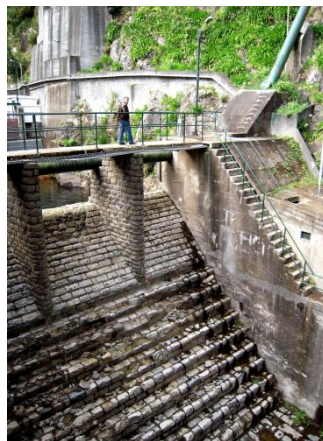
Desta forma, percebe-se a consistência que Chorão Ramalho alcançou em toda a sua produção arquitectónica no Funchal, sendo possível identificar, em cada uma das obras construídas, a sua marca, o seu cunho pessoal. Em praticamente todas, o arquitecto concebe composições marcadas pela utilização do betão aparente contrastando com os extensos panos brancos das fachadas, marco da arquitectura do seu tempo, e ainda do basalto ou das cantarias insulares, e outros tantos elementos típicos da arquitectura popular e vernacular da Ilha, como são exemplo os tapa-sóis verde-garrafa. Em contexto rural, como veremos, os materiais e elementos formais utilizados nos edifícios são basicamente os mesmos, porém, a sua manipulação resulta em ambientes completamente diferentes, mais de acordo com o contexto em que estão inseridos.



11



12



13



14



15



16

- 11. Central Hidroeléctrica da Serra de Água
- 12. *Idem.*
- 13. *Idem.*
- 14. Central Hidroeléctrica da Ribeira da Janela
- 15. Central Hidroeléctrica da Fajã da Nogueira
- 16. Moradias para operários da Central Hidroeléctrica da Fajã da Nogueira

Em Meio Rural

Em contexto rural, Chorão Ramalho desenvolveu todas as centrais hidroeléctricas existentes, e praticamente todos os edifícios complementares de distribuição de energia eléctrica a toda a Ilha. Nestes edifícios, Chorão Ramalho explorou profundamente o conceito de integração do edifício na envolvente, não no sentido de os tornar discretos, passando despercebidos na paisagem, mas, pelo contrário, admitindo a sua presença e dando por isso particular atenção à sua composição arquitectónica. Neste contexto destaca-se a Central Hidroeléctrica da Serra de Água com projecto datado de 1948; uma década depois, as Centrais da Ribeira da Janela e da Fajã da Nogueira; e ainda os inúmeros Postos de Transformação espalhados por toda a Ilha que, todos no mesmo modelo, se apresentam como pequenas torres paralelepípedicas revestidas a pedra basáltica da região.

Em relação às centrais, podemos observar uma clara evolução que reflecte o percurso geral do arquitecto na Ilha. Desde a Central da Serra de Água em 1948, em que, ainda que já com a utilização dos materiais tradicionais da região e da cobertura em telha, se afirma uma linguagem consonante com o Estilo Internacional; à Central da Ribeira da Janela que, implantada isoladamente no apertado leito da ribeira, junto ao mar, demonstra a clara preocupação da corresponder a forma do edifício ao programa, resultando numa composição plástica expressiva, marcada pela combinação entre os muros em aparelho de pedra basáltica da base e o betão aparente da estrutura modulada; e, finalmente, a Central da Fajã da Nogueira que, devido à sua delicada implantação no ventre da floresta endémica madeirense, viu a sua composição volumétrica simplificada. Desta última, é de realçar a cobertura ajardinada do edifício da central e câmara de carga que lhe fica em frente que, tratada como um extenso espelho de água, reflecte a vegetação exuberante envolvente, como que duplicando-a. Estes componentes demonstram a preocupação do arquitecto de “compensar” a paisagem, neste caso composta pela vegetação primitiva da Ilha, pela introdução de elementos estranhos à Natureza, o construído.

Numa cota mais elevada, com vista para a central e para o vale, encontram-se as moradias para os operários, sendo estas o elemento de maior esplendor de todo o conjunto hidroeléctrico. É um conjunto de casas geminadas de linguagem sóbria e geométrica, com os tradicionais tapa-sóis verde-garrafa e telhados de duas ou três águas em telha de canudo. A riqueza deste conjunto passa precisamente pela vista que se tem da cobertura. Esta é constituída por uma espécie de telhado único que se desmultiplica em várias partes para cobrir as diversas moradias, pontuadas através da sucessão de chaminés que atravessam a cobertura; e pela sua própria implantação acompanhando a forte pendente do terreno, fazendo lembrar os aglomerados de telhados vermelhos que se erguem pela encosta da Ilha acima.

Com estas obras, damos por terminada a apresentação da intervenção de Chorão Ramalho na Madeira. No Porto Santo destacamos apenas a Escola Primária da Vila Baleira pela utilização da tradicional cobertura em salão, permanecendo ainda hoje como solução viável, económica e adequada ao clima da Ilha. Alertamos, no entanto, que muito terá ficado por dizer e que, infelizmente, o que se apreende pelas imagens e pela descrição das obras é um mísero conhecimento do trabalho do arquitecto, ficando de fora o “sentir”, a percepção do ambiente enquanto valor abstracto, apenas presenciado no local. Para compreender na totalidade a obra de Raúl Chorão Ramalho, consideramos não haver opção melhor que uma visita à Ilha, um verdadeiro “museu” detentor do legado deste arquitecto que deu um inegável contributo de qualidade à arquitectura portuguesa da segunda metade do século XX, mantendo-se como referência arquitectónica no presente e, seguramente, no futuro.



17. Cais do Carvão
(estrutura antiga)

Uma Herança com Futuro: Considerações Finais

Fez este ano uma década que Raúl Chorão Ramalho faleceu. *“No final da sua vida, num ímpeto talvez induzido pela revolta que os graves problemas de visão e audição de que então padecia e que lhe coarctavam as animadas discussões que sempre fomentou com os amigos, destruiu muitos dos seus projectos em arquivo no atelier, defendendo que a obra construída falava por si e que só ela tinha alguma valia.”* (Freitas, 2010: 126)

Cremos poder afirmar que quanto a este aspecto, Chorão Ramalho encontrava-se parcialmente enganado. A sua obra construída representa realmente o seu legado “palpável”, visitável, porém, o seu contributo para a arquitectura contemporânea em geral, e especialmente para a Ilha da Madeira, vai um pouco mais além. Estamos em crer que muitos dos arquitectos cujo trabalho se destaca actualmente na Madeira terão sido directamente influenciados por Chorão Ramalho, com quem trabalharam. O seu pequeno atelier na Rua da Alegria terá funcionado como uma verdadeira escola de aprendizagem onde se encorajava a participação e o contacto íntimo entre os colegas, promovendo a formação de arquitectos plenos, seguros de si mesmos.

Note-se que na Ilha da Madeira, logo após as décadas de 60 e 70 marcadas maioritariamente pela obra de Chorão Ramalho, não se terão construído obras de arquitectura significantes, com excepção do Casino Park, com anteprojecto de Oscar Niemeyer, em 1966, e desenvolvimento e projecto final de Viana de Lima, em 1970, hoje uma das obras modernas mais emblemáticas na Ilha. É um período relativamente pobre para a arquitectura insular, tendo-se interrompido o ciclo de modernidade com a imitação descontextualizada de modelos tradicionais, dos quais apenas se destacam alguns míseros exemplares pós-modernistas. É, portanto, já só na década de 90 que vai surgir um novo fôlego na arquitectura madeirense introduzido por Gonçalo Byrne [1941], antigo colaborador de Chorão Ramalho, e Paulo David [1959], que deixa o atelier de Byrne em 1996 para regressar à Ilha, vindo a estabelecer gabinete próprio no Funchal em 2003.

De Gonçalo Byrne é o projecto para o Cais do Carvão, que inclui o Clube Naval e o Complexo do Cais do Carvão com Aquário e Estação de Biologia Marítima, ambos de 1994 localizados junto à costa na zona hoteleira do Funchal e com vistas, um para o outro, sobre o mar. Com preocupações semelhantes às de Chorão Ramalho, os princípios estruturantes do projecto visam a contextualização com a envolvente próxima e com a Ilha em geral, prolongando a lógica dos socacos em direcção à costa, onde o edifício se afirma em relação ao mar. De realçar que em ambos os edifícios, Gonçalo Byrne respeita as pré-existências mantendo, no Complexo do Cais do Carvão, a estrutura em pedra do antigo depósito de carvão datado do início da Revolução Industrial, bem como alguma da maquinaria existente da época, e no Clube Naval os muros de suporte em pedra basáltica em contacto com o mar e as rochas e a antiga casa da “Quinta da Calaça”, recuperada e adaptada para funcionar como porta de entrada do Clube. Note-se ainda que no caso da Estação de Biologia Marítima, um volume branco austero e sóbrio assente sobre a massa rochosa junto à costa, o arquitecto revestiu a base a pedra basáltica da região, contribuindo para a sua integração na envolvente.



18



19



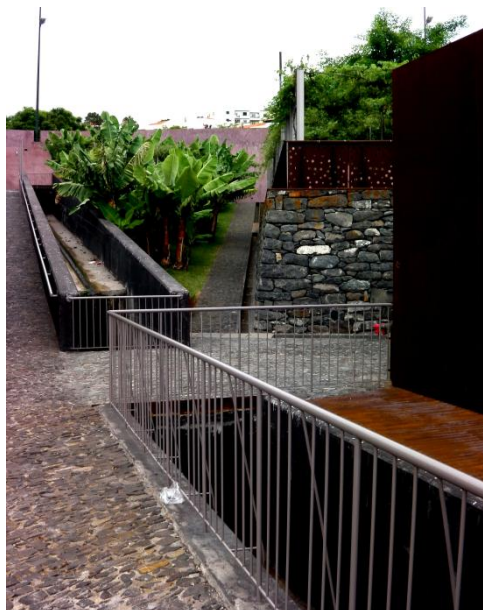
20



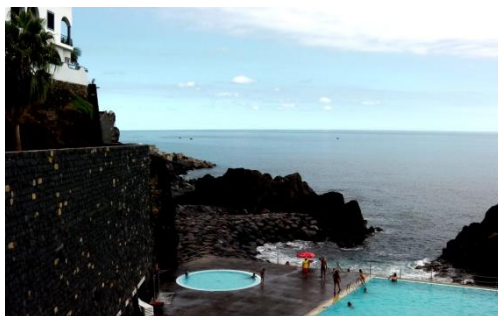
21



22



23



24



25

- 18. Clube Naval com a casa da antiga "Quinta da Calaça"
- 19. Clube Naval
- 20. Cais do Carvão (maquinaria antiga)
- 21. Estação de Biologia Marítima (Complexo do Cais do Carvão)
- 22. Complexo das Salinas - Restaurante
- 23. Complexo das Salinas – percursos e jardins exteriores
- 24. Complexo Balneário das Salinas
- 25. Moradia no Caniço ("casinha de prazer")

Na página ao lado:

- 26. Pavilhão do Vulcanismo

Em relação ao seu discípulo, Paulo David, não podemos deixar de referir o Centro das Artes da Casa das Mudas que, revestido integralmente a basalto da região e apresentando cobertura ajardinada, parece fundir-se na montanha actuando, tal como os típicos socalcos madeirenses, como uma topografia esculpida, subtilmente integrada na paisagem. É, no entanto, no Conjunto das Salinas, no Pavilhão do Vulcanismo, e ainda numa moradia no Caniço que a arquitectura de Paulo David mais fielmente se revê na linha de Chorão Ramalho, procurando a utilização de aspectos da arquitectura popular e vernácula da Ilha, interpretados na sua expressão contemporânea.

No Conjunto das Salinas, Paulo David eleva a reinterpretação dos socalcos madeirenses a um outro nível, tratando os jardins por eles contidos à semelhança dos espaços agrícolas concebidos na Ilha. Nestes jardins inserem-se bananeiras e vinhas em pérgolas, envoltas de caminhos ladeados por levadas, que penetram no percurso principal de acesso ao restaurante, de cor predominante castanha à semelhança da terra dos terrenos agrícolas que o envolvem. Ainda de referir é a promenade de acesso ao conjunto que, protegida por um grande muro de pedra basáltica à semelhança dos socalcos, impulsiona o olhar para o novo edifício do restaurante, estrategicamente localizado para enquadrar um antigo forno de cal que lhe fica ao lado.

No Pavilhão do Vulcanismo podemos observar igualmente uma aproximação à temática da agricultura, através do tratamento dos espaços agrícolas e dos socalcos, aqui muito presentes na envolvente próxima e encarados como elementos caracterizadores da Madeira. Nesta obra, introduz ainda um extenso tanque de água que recebe a água na cobertura, encaminhando-a para os jardins através de um conjunto de canais semelhantes às levadas. Tal como na Central Hidroeléctrica da Fajã da Nogueira de Chorão Ramalho, este tanque, tratado como um extenso espelho de água, reflecte a paisagem, duplicando-a.

Já na moradia que projectou em 1992 no Caniço, o arquitecto, certamente influenciado por Chorão Ramalho, reintroduz a memória das tradicionais “casinhas de prazer” com os típicos tapa-sóis madeirenses e, à semelhança do que aconteceu a muitas destas construções originais, adaptada para albergar a garagem.



Por fim destacamos Victor Mestre, último colaborador de Chorão Ramalho e autor do livro “A Arquitectura Popular da Madeira”, como já vimos, trabalho de continuidade e “ampliação” do Inquérito dos anos 50 à Ilha da Madeira, constituindo também ele, pelo exaustivo levantamento do património rural edificado, dos métodos construtivos utilizados na Ilha e materiais, e ainda técnicas de manutenção e reabilitação desse património, grande contributo para a arquitectura da Ilha, e suporte fundamental para a realização deste trabalho. Na Ilha concebeu ainda os projectos de reabilitação para o Solar do Ribeirinho em Machico (2005), para a Santa Casa da Misericórdia em Santa Cruz (2006), e, mais recentemente, o projecto de recuperação e ampliação do Lar do Vale Formoso (2011), respeitando sempre as preexistências dos imóveis e distinguindo o que faz parte da intervenção.



27



28

Queremos com esta análise de exemplos da arquitectura mais próxima do presente dar a entender que, se numa situação hipotética, todas as obras de Chorão Ramalho se perdessem, não deixaria de ter deixado largo legado, quanto mais não seja pelas noções de arquitectura que hoje em dia todos os arquitectos possuem, devedoras a este arquitecto e outros tantos da sua geração que lutaram por uma arquitectura mais contextualizada, integrada na envolvente próxima e no contexto alargado de uma região, atendendo aos materiais e às técnicas disponíveis no local, e procurando preservar e reabilitar o património edificado.

Na verdade, duas das suas obras já foram demolidas – a cervejaria Coral e o armazém e parque de materiais da antiga Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal – e outras tantas já foram sujeitas a intervenções que, felizmente, visaram dar continuidade aos pressupostos de Chorão Ramalho. A juntar aos projectos que não chegaram a ser construídos, constituem uma perda significativa para a arquitectura e para a Ilha, já que *“passados 40 ou 50 anos sobre algumas das suas obras, podemos comprovar, na sua maior parte, um envelhecer com dignidade e um valor intemporal, próprios de uma arquitectura de carácter.”* (Luís Vilhena, cit. in. Freitas, 2010: 114)

Aproveitamos estas últimas considerações para apelar a que, por respeito a um arquitecto que tanto contribuiu para a Ilha, se preserve e dê continuidade à sua obra. Ainda durante a concretização do presente trabalho, a Igreja do Imaculado Coração de Maria terá sido alvo de pichação, um acto de vandalismo que afectou uma grande parte da fachada Norte revestida a cantaria vermelha e da torre sineira. A única consequência favorável desse acto, se sequer pudermos colocar a questão nestes termos, terá sido o redobro da iluminação em torno do templo, agora ligada todas as noites, conferindo ao conjunto um ambiente inspirador, digno de ser visitado nas horas de escuridão.

27. Lar do Vale Formoso
recuperação

28. Lar do Vale Formoso
ampliação

Ainda a respeito da continuidade, esperemos que este trabalho venha a contribuir para uma melhor compreensão do trabalho de Chorão Ramalho na Madeira para que se evite uma reprodução descontextualizada de certas soluções por si utilizadas, tal como o próprio arquitecto reprovou e contestou vigorosamente, na sua época, em relação à imitação de elementos do passado. É o que tem acontecido na Madeira em relação às coberturas planas que se têm espalhado, muitas vezes sem sentido, pela Ilha, chegando mesmo a existir casas que originalmente foram projectadas com coberturas constituídas por telhados inclinados, para mais tarde, numa tentativa de “actualização” por parte dos proprietários, serem retirados. O mesmo se passa em relação à utilização excessiva de cor que, como já vimos, desde sempre foi elemento caracterizador da paisagem da Madeira, mas nunca em tons de lilás ou cor de laranja, como ainda hoje se pode encontrar nas zonas mais recônditas, onde se ergue muita construção clandestina. Sem fundamento, esta imitação descontextualizada não passará de mais uma moda, como tantas outras que ameaçaram a paisagem da Ilha da Madeira ao longo deste último século: a dos chalés de influência britânica ainda no século XIX; a dos arcos de entrada trazidas nos anos 60 pelos emigrantes vindos dos Estados Unidos e do Canadá; ou ainda, a moda que causou mais impacto, trazida nos anos 80 por emigrantes influenciados por tendências apreendidas nos países de acolhimento, o revestimento em azulejos e substituição dos jardins por pavimentos totalmente permeáveis que, por não obrigarem a manutenção, tiveram larga utilização. *“É altura, diz Elias Homem de Gouveia, [Presidente da Delegação da Madeira da Ordem dos Arquitectos] de se voltar à sensibilização já que, entre os cidadãos comuns, boa arquitectura é muito vulnerável às modas.”* (Caires, 2012)

É que, repare-se, foi precisamente o contrário que Chorão Ramalho tentou demonstrar: uma casa não é “ultrapassada” por aceitar aspectos da tradição; e muito menos é moderna por renegá-los, em detrimento de elementos “aparentemente modernos”. E se essa é uma noção que todos os arquitectos actualmente possuem, o povo, durante muito tempo “o maior arquitecto” da Ilha e ainda hoje, como vimos, actuando activamente na paisagem através da construção clandestina, não a tem. Aproveite-se os tempos que correm em Portugal, em que não há lugar para a arquitectura (muito menos para a “má” arquitectura), para reflectir e elucidar a comunidade para que, quando ultrapassada a lamentável situação do país, não se tenha que corrigir erros passados e a arquitectura possa, por fim, prosperar.

*“... aqui no estúdio, o estirador não tem nada em cima; cada dia é o mesmo nada...
Paio aqui como um arquitecto do imaginário”* (Bruno Taut, cit. in Figueiredo: 70)

Raúl Chorão Ramalho constitui assim um dos nomes ligados à arquitectura com mais importância para a Ilha, quer pela obra deixada, quer pela influência que provocou em arquitectos de gerações futuras. Na Madeira permanece ainda hoje no topo dos nomes ligados à arquitectura, com o maior número de projectos assinados e construídos. O seu contributo valeu-lhe recentemente a atribuição do seu nome a um arruamento – Travessa Arquitecto Chorão Ramalho – na freguesia de S. Martinho, onde se localiza, como pudemos ver, a sua primeira obra construída de raiz na Ilha e provavelmente uma das mais conhecidas, a Capela e Ossário do Cemitério de Nossa Senhora das Angústias.

Quanto a mim, ter-me-á certamente inspirado, e continuará seguramente como referência no futuro, venha eu um dia a trabalhar na Madeira (é esse o meu desejo), ou não. A Chorão Ramalho devo ainda o aprofundamento dos conhecimentos que tinha da Ilha e da sua arquitectura, tendo-me obrigado a olhar para a minha terra natal com atenção redobrada, resultando como que numa “redescoberta” da *“minha Madeira”*, que, com saudades, carregarei *“para a vida inteira”*. *

*Quando te deixei, Madeira
Eu trouxe como bagagem
Saudades p'rá vida inteira
E um beijo teu p'rá viagem
Agora moro ao abrigo
Desta Lisboa encantada
Que, quando sonho
contigo,
Parece cantar comigo
Esta canção magoada*

*Minha Madeira querida
Tão pequenina e garrida
Cheia de luz e de cor
Ilha de encanto e beleza
Linda terra portuguesa
Por quem quis ser trovador*

*Minha Madeira velhinha
És um ninho de andorinha
Vogando no mar sem fim
No meu cantar de saudade
Eu peço a Deus que te
guarde
Inteirinha para mim.*

* Fado “A Ilha da Madeira”,
de Maximiano de Sousa (Max)

Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas:

Almeida, Pedro Vieira de (1997) **A obra de Raúl Chorão Ramalho**. in *Exposição Raúl Chorão Ramalho – o Arquitecto*. Catálogo de Exposição. Casa da Cerca. Almada.

Amaral, Keil do (1947) **Uma Iniciativa Necessária**. Revista Arquitectura, nº 14. ICAT Lda. Lisboa.

David, Paulo (2012) **A Obra e o Homem**. Reportagem RTP Madeira (23 de Maio). [21:47]

Caires, Marta (2012) **Arquitectos que mudaram a Madeira**. in Diário de Notícias da Madeira (29 de Julho). Disponível em:
<http://m.dnoticias.pt/imprensa/revista/336995/337208-capa-arquitectos-que-mudaram-a-madeira> [acedido a 12 Setembro 2012]

Carta de Veneza (1964) II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos dos Monumentos Históricos. Disponível em:
<http://mestrado-reabilitacao.fa.utl.pt/disciplinas/ppereira/CartaVeneza.pdf>

Dias, Manuel Graça (2011) **Arquitectura Popular em Portugal: 50 anos depois. Emissão Rádio Notícias – TSF** (12 de Novembro). Disponível em:
http://www.tsf.pt/Programas/programa.aspx?content_id=918070&audio_id=2117410

Esteves, José & Mestre, Victor (1987) **A partir de uma conversa com o arquitecto Silva Dias a propósito do inquérito à arquitectura regional portuguesa**. Jornal de Arquitectos. Nº 128-219. Ordem dos Arquitectos. Lisboa. Antologia 1981 – 2004.

Fernandes, José Manuel (1993) **Edmundo Tavares e a Arquitectura do Funchal**. In Revista Ilenha (Agosto). Funchal.

Fernandes, José Manuel (2006) **Arquitectos do Século XX: da tradição à modernidade**. Editorial Caleidoscópio. Casal da Cambra.

Figueiredo, Jorge Luís (2010) **Arquitectura Religiosa Contemporânea: A Essência do Espaço Sagrado no Século XX**. FAUP. Porto. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura.

Freitas, Manuel Gaspar de (2010) **A Obra de Raúl Chorão Ramalho no Arquipélago da Madeira**. Editorial Caleidoscópio. Casal da Cambra.

Humphrey, Caroline. Vitebsky, Piers (1998) **Arquitectura Sagrada: Grandes Tradições Espirituais**. Ed. Temas e Debates. Lisboa.

Leal, João (2009) **Conferência Arquitecto Marques da Silva 2008 – Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre Arquitectura Popular no Século XX Português**. Fundação Marques da Silva. Porto.

Mestre, Victor (1997) **Raúl Chorão Ramalho: Uma Obra Superior**. in *Exposição Raúl Chorão Ramalho – o Arquitecto*. Catálogo de Exposição. Casa da Cerca. Almada.

Neves, Henrique Costa (2000) **Biodiversidade e património natural insular**. In *Revista Sociedade e Território – Madeira: Recursos para um Novo Desenvolvimento*. Nº 31-32. Porto.

Nunes, Ana Cristina Fernandes (2008) **Raúl Chorão Ramalho: Forma e Lugar**. FAUP. Porto. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura.

Papa Paulo VI (1963) **Sacrosanctum Concilium** Disponível em:
http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html [acedido a 16 de Fev. 2012]

Pereira, Nuno Teotónio (1996) **Chorão Ramalho: a Obra e a Pessoa**. In: *Escritos (1947-1996 selecção)*. FAUP Publicações. Porto.

Pereira, Nuno Teotónio (1987 [1981]) **A Arquitectura do Estado Novo**. In: [S.N.]. *O Estado Novo: das origens ao fim da autarcia 1926-1959*. 2º Vol. Fragmentos. Lisboa.

Pereira, Nuno Teotónio (2005) **Que fazer com estes 50 anos? O Congresso de 1948**. *Jornal de Arquitectos*. Nº 218-219. Ordem dos Arquitectos. Lisboa. Antologia 1981 – 2004.

Portas, Nuno (1957) **Dois Novos Edifícios Litúrgicos em Portugal**. *Revista Arquitectura*, nº 60.

Ramalho, Raúl Chorão (1952) **Projecto da Capela e Ossário para o Cemitério de Nossa Senhora das Angústias**. Memória Descritiva.

Ramalho, Raúl Chorão (1953) **A Arquitectura Moderna em Portugal**. *Jornal Ler, Jornal de Letras, Artes e Ciências*, nº 13 (Abril). Lisboa.

Ramalho, Raúl Chorão (1957) **Projecto do Templo do Imaculado Coração de Maria**. Memória Descritiva.

Ramalho, Raúl Chorão (1965) **Conjunto de Habitações no Funchal**. In *Revista Arquitectura*, nº 87 (Março/Abril). ICAT Lda. Lisboa.

Ramalho, Raúl Chorão (1983) **Assembleia Legislativa Regional**. Memória Descritiva.

Ramalho, Raúl Chorão (1983) **Hotel Quinta do Sol**. *Revista Arquitectura*. nº 151. ICAT Lda. Lisboa.

Ramos, Rui (2010) **A casa: arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português**. FAUP Publicações. Porto. 2010

Resende, Júlio (1987) **Tapeçaria para a Sala dos Paços Perdidos da Assembleia Legislativa Regional da Madeira**. Pequena Memória Descritiva.

Ribeiro, Orlando (1985) **A Ilha da Madeira até Meados do Século XX: Estudo Geográfico**. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Ministério da Educação. Lisboa. 1985.

Távora, Fernando (1947) ***Cadernos de Arquitectura - O Problema da Casa Portuguesa***. Editorial Organizações, Lda. Lisboa.

Távora, Fernando (1993[1960]) Diário de Viagem: ***Abril, 9, Sábado, 1960***. In [S.N.] ***Fernando Távora***. edit. Luiz Trigueiros. Blau. Lisboa.

Távora, Fernando (2002_[2001]) ***Prefácio***. In: Mestre, Victor. *A Arquitectura Popular da Madeira*. Editorial Argumentum. Lisboa.

Tostões, Ana (1997) ***Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50***. FAUP Publicações. Porto.

Tostões, Ana (2004) ***Em direcção a uma Arquitectura Religiosa***. In: [S.N.] *Arquitectura e cidadania: atelier Nuno Teotónio Pereira*. Catálogo de Exposição. Quimera. Lisboa.

Tostões, Ana (2010) Prefácio. In: Freitas, Manuel Gaspar de. ***A Obra de Raúl Chorão Ramalho no Arquipélago da Madeira***. Editorial Caleidoscópio. Casal da Cambra.

Toussaint, Michel (1997) ***Raúl Chorão Ramalho – Um percurso possível no pós-guerra***. *Jornal de Arquitectos*, nº 170 (Abril). Ordem dos Arquitectos.

Venturi, Robert (2003) ***Complejidad y contradicción en la arquitectura***. Gustavo Gili. Barcelona. [tradução livre]

Bibliografia Consultada:

Ilha da Madeira _Geral / Arquitectura Madeirense:

Livros:

Frutuoso, Gaspar (2008_[1580]) ***As Saudades da Terra***. Funchal 500 Anos: Funchal.

Gomes, J. Reis (1929) ***Casas Madeirenses***. Edição do «Diário da Madeira»: Funchal.

Mestre, Victor (2002) ***Arquitectura Popular da Madeira***. Editorial Argumentum: Lisboa.

Ribeiro, Orlando (1985) ***A Ilha da Madeira até Meados do Século XX: Estudo Geográfico***. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Ministério da Educação: Lisboa.

Silva, António Marques da (1994) ***Apontamentos sobre o quotidiano madeirense (1750 – 1900)***. Ed Caminho: Lisboa.

Caldeira, Abel Marques (2002) ***Falares da Ilha – Dicionário da Linguagem Popular Madeirense***. EEF – Editorial Eco do Funchal: Madeira.

Periódicos:

[S.N] (2000) ***Madeira: Recursos para um novo ciclo de desenvolvimento***. Revista Sociedade e Território. Nº 31/32. Dezembro 2000. Porto.

Carita, Rui (1994) ***As casas de salão do Porto Santo***. Revista do Diário de Notícias da Madeira. (4 de Setembro) Funchal. P. 7

Carita, Rui (1994) ***Remates de tectos madeirenses***. Revista do Diário de Notícias da Madeira (17 de Julho). Funchal. P. 7

Fernandes, Catanho (2005) ***Recuperação da arquitectura tradicional***. Revista do Diário de Notícias da Madeira (20-26 de Março). Funchal. P. 24-49

Passos, Élvio (2005) ***A hora da arquitectura tradicional***. Diário de Notícias (25 de Maio). Funchal. P. 2

Trabalhos Académicos:

Cunha, Natércio Fernandes (2009) ***A Arquitectura de Paulo David: a redefinição de um território***. FAUP: Porto. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura.

Leão, Fábio Rúben Vasconcelos Pestana (2009) ***Metodologia de restauro e conservação do património arquitectónico rural: um caso de uma casa elementar no sítio dos Canhas, Ponta do Sol. Ilha da Madeira***. FAUP: Porto. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura.

Agrela, Ruben Nicolau Baeta (2008) ***Projecto para um aldeamento turístico: integração de edifícios contemporâneos em meio rural***. FAUP: Porto. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura.

Páginas Web:

Campos, Paulo (2009) «**A Antiga Alfândega da Madeira**» - **ALRAM**. Disponível: <http://arquivohistoricomadeira.blogspot.pt/2009/03/antiga-alfandega-da-madeira-alam.html> [acedido a 23 Junho 2012]

Freitas, Emanuel Gaspar de (2007) **Casinhas de Prazer**. Trabalho realizado na Cadeira de Arte e Multimédia. Mestrado em Arte e Património da Universidade da Madeira. Disponível: <http://casinhasdeprazer.no.sapo.pt/> [acedido a 17 Março 2012]

Audiovisuais:

David, Paulo (2012) **A Obra e o Homem**. Reportagem RTP Madeira (23 de Maio [21:47])

Raúl Chorão Ramalho:

Livros:

[S.N] (1997) **Raúl Chorão Ramalho**. Catálogo de Exposição. Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea. Câmara Municipal de Almada: Almada

Fernandes, José Manuel (2006) **Arquitectos do Século XX – Da Tradição à Modernidade**. Caleidoscópio: Casal da Cambra.

Freitas, Emanuel Gaspar de (2010) **A Obra de Raúl Chorão Ramalho no Arquipélago da Madeira**. Editorial Caleidoscópio: Casal da Cambra.

Pereira, Nuno Teotónio (1996) **Chorão Ramalho: a Obra e a Pessoa**. In: Escritos (1947-1996, selecção). FAUP Publicações: Porto.

Pereira, Nuno Teotónio (1997) **Património de Segurança Social: As Sedes dos Serviços Regionais 1965/1993**. Secretaria de Estado de Segurança Social: Lisboa.

Tostões, Ana (1997) **Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50**. FAUP Publicações: Porto.

Periódicos:

Ramalho, Raúl Chorão (1953) **A Arquitectura Moderna em Portugal**. Jornal Ler, Jornal de Letras, Artes e Ciências, nº 13 (Abril). Lisboa.

Ramalho, Raúl Chorão (1958) **Capela e ossário; cemitério do Funchal (1951-1958)**. Revista Binário, nº 3 (Junho). Lisboa.

Ramalho, Raúl Chorão (1958) **Conjunto para a caixa sindical de previdência do distrito do Funchal (administração, serviços e habitação)**. Revista Binário, nº 8 – 9 (Novembro/Dezembro). Lisboa.

Ramalho, Raúl Chorão (1965) **Conjunto de Habitações no Funchal**. Revista Arquitectura, nº 87 (Março/Abril). ICAT Lda: Lisboa.

Ramalho, Raúl Chorão (1965) **Habitação no Funchal**. Revista Arquitectura, nº 87 (Março/Abril). ICAT Lda: Lisboa.

Ramalho, Raúl Chorão (1965) ***Prédio no Funchal***. Revista Arquitectura, nº 87 (Março/Abril). ICAT Lda: Lisboa.

Ramalho, Raúl Chorão (1968) ***A Central da Ribeira da Janela, Madeira***. Revista Arquitectura, nº 105-106 (Setembro/Dezembro). ICAT Lda: Lisboa.

Ramalho, Raúl Chorão (1972) ***Três Trabalhos do Arq. Raúl Chorão Ramalho***. Revista Arquitectura, nº 125. ICAT Lda: Lisboa.

Ramalho, Raúl Chorão (1983) ***Hotel Quinta do Sol***. Revista Arquitectura. nº 151. ICAT Lda: Lisboa.

Toussaint, Michel (1997) ***Raúl Chorão Ramalho – Um percurso possível no pós-guerra***. Jornal de Arquitectos, nº 170. Abril 1997. Ordem dos Arquitectos: Lisboa.

Trabalhos Académicos:

Freitas, Emanuel Gaspar de (2008) ***A Obra de Raúl Chorão Ramalho no Arquipélago da Madeira***. UMA: Madeira. Dissertação de Mestrado em Arte e Património.

Nunes, Ana Cristina Fernandes (2008) ***Raúl Chorão Ramalho: Forma e Lugar***. FAUP: Porto. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura.

Memórias Descritivas:

Ramalho, Raúl Chorão (1948) ***Moradias para funcionários da Central Hidroelétrica da Serra de Água***. Memória Descritiva.

Ramalho, Raúl Chorão (1948) ***Posto de Seccionamento da Ribeira Brava***. Memória Descritiva.

Ramalho, Raúl Chorão (1952) ***Capela e Ossário para o Cemitério de Nossa Senhora das Angústias***. Memória Descritiva.

Ramalho, Raúl Chorão (1955) ***Templo do Imaculado Coração de Maria***. Memória Descritiva do ante-projecto.

Ramalho, Raúl Chorão (1956) ***Central Elétrica do Funchal***. Memória Descritiva do ante-projecto da III Fase.

Ramalho, Raúl Chorão (1957) ***Templo do Imaculado Coração de Maria***. Memória Descritiva.

Ramalho, Raúl Chorão (1958) ***Central Hidroelétrica da Ribeira da Janela***. Memória Descritiva.

Ramalho, Raúl Chorão (1958) ***Habitações para funcionários nas Centrais Hidroelétricas da Ribeira da Janela e Fajã da Nogueira***. Memória Descritiva.

Ramalho, Raúl Chorão (1959) ***Central Hidroelétrica da Fajã da Nogueira***. Memória Descritiva.

Ramalho, Raúl Chorão (1983) ***Assembleia Legislativa Regional***. Memória Descritiva.

Resende, Júlio (1987) ***Tapeçaria para a Sala dos Paços Perdidos da Assembleia Legislativa Regional da Madeira***. Pequena Memória Descritiva.

Arquitectura Portuguesa:

Livros:

[S.N.] (1993) **Fernando Távora**. edit. Luiz Trigueiros. Blau: Lisboa.

[S.N.] (1998) **Arquitectura popular em Portugal**. 3ª ed. Associação dos Arquitectos Portugueses: Lisboa.

[S.N.] (2004) **Arquitectura e cidadania: atelier Nuno Teotónio Pereira**. Catálogo de Exposição. Quimera: Lisboa.

[S.N.] (2006) **Inquérito à arquitectura do século XX em Portugal: IAPXX**. Ordem dos Arquitectos: Lisboa.

Baganha, José (2005) **Casas com tradição**. Caleidoscópio. Casal da Cambra.

Barata, José Pedro Martins (1989) **Arquitectura Popular Portuguesa**. Correios e Telecomunicações de Portugal: Lisboa.

Costa, Alexandre Alves (2007) **Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa**. FAUP Publicações: Porto.

Fernandez, Sérgio (1988) **Percursos: arquitectura portuguesa 1930-1974**. FAUP Publicações: Porto.

Figueiredo, Jorge Luís (2010) **Arquitectura Religiosa Contemporânea: A Essência do Espaço Sagrado no Século XX**. FAUP: Porto. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura.

Leal, João (2009) **Conferência Arquitecto Marques da Silva 2008 – Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre Arquitectura Popular no Século XX Português**. Fundação Marques da Silva: Porto.

Lourenço, Pedro de Oliveira (2007) **O Moderno Religioso: Guia da Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal no Século XX**. FAUP: Porto. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura.

Moutinho, Mário C. (1979) **A arquitectura popular portuguesa**. Editorial Estampa: Lisboa.

Oliveira, Ernesto Veiga de (2003) **Arquitectura tradicional portuguesa**. Dom Quixote: Lisboa.

Ramos, Rui (2010) **A casa: arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português**. FAUP Publicações: Porto.

Tavares, Edmundo (1946) **A habitação portuguesa: casas modernas**. Bertrand: Lisboa.

Távora, Fernando (1947) **Cadernos de Arquitectura - O Problema da Casa Portuguesa**. Editorial Organizações, Lda: Lisboa.

Tostões, Ana. Afonso, João (2004) **Arquitectura e cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira**. Quimera: Lisboa.

Tostões, Ana (1997) ***Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50***. FAUP Publicações: Porto.

Periódicos:

Amaral, Keil do (1947) ***Uma Iniciativa Necessária***. Revista Arquitectura, nº 14. ICAT Lda: Lisboa.

Esteves, José. Mestre, Victor (1987) ***A partir de uma conversa com o arquitecto Silva Dias a propósito do inquérito à arquitectura regional portuguesa***. Junho 1987. Jornal de Arquitectos. Ordem dos Arquitectos: Lisboa. Antologia 1981 – 2004.

Pereira, Nuno Teotónio (1981) ***A Arquitectura do Estado Novo***. Arquitectura nº142. ICAT Lda: Lisboa. Junho 1981.

Portas, Nuno (1957) ***Dois Novos Edifícios Litúrgicos em Portugal***. Revista *Arquitectura*, nº 60. ICAT Lda: Lisboa.

Trabalhos Académicos:

Santos, Ana Patrícia Sobral (2008) ***A contemporaneidade da arquitectura popular portuguesa***. FAUP: Porto. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura.

Dias, Tânia Fátima Moutinho (2006) ***Popular e erudito: contributo da dimensão popular na arquitectura portuguesa da modernidade***. FAUP: Porto. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura.

Páginas Web:

Leal, João. Dias, Manuel Graça. Rodeia, João Belo. Dias, Francisco Silva. (2011) ***Arquitectura Popular em Portugal: 50 anos depois***. Emissão Rádio Notícias – TSF. 12 de Novembro de 2011. Disponível:
http://www.tsf.pt/Programas/programa.aspx?content_id=918070&audio_id=2117410 [acedido a 13 Agosto 2012]

Arquitectura Internacional do Século XX:

Livros:

Venturi, Robert (2003) ***Complejidad y contradicción en la arquitectura***. Gustavo Gili: Barcelona.

Humphrey, Caroline. Vitebsky, Piers (1985) ***Arquitectura Sagrada: Grandes Tradições Espirituais***. Ed. Temas e Debates: Lisboa.

Páginas Web:

[S.N] (1964) ***Carta de Veneza***. II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos dos Monumentos Históricos. Disponível:
<http://mestrado-reabilitacao.fa.utl.pt/disciplinas/ppereira/CartaVeneza.pdf> (acedido em 21 de Junho 2012)

Papa Paulo VI (1963) ***Sacrosanctum Concilium***. Roma, 4 de Dezembro. Disponível:
http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html [acedido a 16 de Fev. 2012]

Proveniência das Figuras:

Figura de capa. Foto de Jani Anjo

Capítulo I:

Figura 1. Foto de Jani Anjo.

Figura 2. Imagem Google Earth. Arquipélago da Madeira.

Figura 3. Mestre, Victor (2002: 49) *Arquitectura Popular da Madeira*. Editorial Argumentum: Lisboa.

Figura 4. Cunha, Natércio Fernandes (2009) *A Arquitectura de Paulo David: a redefinição de um território*. FAUP: Porto. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. P. 26

Figura 5. <http://duarte1966.blogs.sapo.pt/44611.html>

Figura 6. http://fotos.comuv.com/?page_id=372

Figura 7. http://www1.cmfuncial.pt/en/index.php?option=com_content&view=article&id=309&Itemid=192

Figura 8. <http://www3.uma.pt/blogs/box-m/?p=253>

Figura 9. <http://www.flickr.com/photos/gilsantos/3856322414>

Figura 10. <http://desafiaosteuslimetes.blogspot.pt/2011/02/neve-na-madeira.html>

Figura 11. <http://olhares.uol.com.br/poios-da-madeira-foto504302.html>

Figura 12-13. <https://www.facebook.com/#!/WalkMe.Guide>

Figura 14-15. <http://www.madeira-levadas.info/>

Figura 16. Mestre, Victor (2002: 229) *Arquitectura Popular da Madeira*. Editorial Argumentum: Lisboa.

Figura 17. <http://pt-pt.facebook.com/patrimoniomadeirense>

Figura 18. <http://www.baixaki.com.br/papel-de-parede/15569-cabo-girao-ilha-da-madeira.htm>

Figura 19. <http://olhares.sapo.pt/Ilha-da-madeira-onde-o-relevo-da-paisagem-esmaga-foto228187.html?nav1>

Figura 20. <http://portugal-verdegaio.blogspot.pt/2008/09/regiao-autonoma-da-madeira.html>

Figura 21-22. Foto de Jani Anjo.

Figura 23-25. <http://pt-pt.facebook.com/patrimoniomadeirense>

Figura 26-39. Mestre, Victor (2000) *Arquitectura Popular da Madeira*. Editorial Argumentum: Lisboa.

Capítulo II:

Figura 1. Nunes, Ana Cristina Fernandes (2008) *Raúl Chorão Ramalho: Forma e Lugar*. FAUP: Porto. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura.

Figura 2. <http://ruasdofuncchal.blogspot.pt/>

Figura 3-5. Foto de Jani Anjo.

Figura 6. <http://www.baixaki.com.br/papel-de-parede/14411-mercado-dos-lavradores-funchal-ilha-da-madeira.htm>

Figura 7. http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Liceu_Jaime_Moniz.JPG

Figura 8-10. Foto de Jani Anjo

Figura 11. Freitas, Emanuel Gaspar de (2008) *A Obra de Raúl Chorão Ramalho no Arquipélago da Madeira*. UMA: Madeira. Dissertação de Mestrado em Arte e Património. P. 131

Capítulo III:

Figura 1. Foto de Jani Anjo

Figura 2. http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:S%C3%A9_church_Funchal.jpg

Figura 3-8. Foto de Jani Anjo.

Figura 9. Toussaint, Michel (1997) *Raúl Chorão Ramalho: Um percurso possível no pós-guerra*. Jornal de Arquitectos, nº179. Lisboa. P. 29

Figura 10-13. Foto de Jani Anjo.

Figura 14. Imagem Google Earth. Freguesia do Imaculado Coração de Maria.

Figura 15-17. Foto de Jani Anjo.

Figura 18. Desenhado a partir do ante-projecto (1955). Arquivo particular da Paróquia do Imaculado Coração de Maria.

Imagem 19-35. Foto de Jani Anjo.

Figura 36-44. Ante-projecto da Igreja do Imaculado Coração de Maria (1955).
Arquivo particular da Paróquia do Imaculado Coração de Maria.

Figura 45. Foto da Maqueta da Igreja do Imaculado Coração de Maria, do espólio do arquitecto Chorão Ramalho, in Freitas, Manuel Gaspar de (2010) **A Obra de Raúl Chorão Ramalho no Arquipélago da Madeira**. Editorial Caleidoscópio: Casal da Cambra. P. 45

Figura 46-55. Foto de Jani Anjo.

Figura 56-57. Figueiredo, Jorge Luís (2010) **Arquitectura Religiosa Contemporânea: A Essência do Espaço Sagrado no Século XX**. FAUP: Porto. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 57-59

Figura 58-62. Lourenço, Pedro de Oliveira (2007) **O Moderno Religioso: Guia da Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal no Século XX**. FAUP: Porto. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. P. II: 6, 15; III:7

Figura 63-64. Foto de Jani Anjo.

Figura 65. Foto cedida pelo proprietário Coronel Homem da Costa in Freitas, Manuel Gaspar de (2008) **A Obra de Raúl Chorão Ramalho no Arquipélago da Madeira**. UMA: Madeira. Funchal. Prova de Mestrado em Arte e Património. P. 77

Figura 66. Toussaint, Michel (1997) **Raúl Chorão Ramalho: Um percurso possível no pós-guerra**. Jornal de Arquitectos, nº179. Lisboa. P. 25

Figura 67. Mestre, Victor (2002) **Arquitectura Popular da Madeira**. Editorial Argumentum: Lisboa. P. 133

Figura 68. Imagem Google Earth. Estrada Monumental.

Figura 69. Foto de Jani Anjo.

Figura 70-71. Foto do espólio de Chorão Ramalho, in Nunes, Ana Cristina Fernandes (2008) **Raúl Chorão Ramalho: Forma e Lugar**. FAUP: Porto. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. P. 126

Figura 72-73. Desenhado a partir de: Ramalho, Chorão (1965) **Habitação no Funchal**. Revista Arquitectura, nº 87. Lisboa.

Figura 74-75. Foto do espólio de Chorão Ramalho, in Nunes, Ana Cristina Fernandes (2008: 128) **Raúl Chorão Ramalho: Forma e Lugar**. FAUP: Porto. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura.

Figura 76-77. Nunes, Ana Cristina Fernandes (2008) **Raúl Chorão Ramalho: Forma e Lugar**. FAUP: Porto. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. P. 144

Figura 78. Foto de Jani Anjo

Figura 79. Tostões, Ana (1997) *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. FAUP Publicações: Porto. P. 68

Figura 80. Ramos, Rui (2010: 334) *A casa: arquitectura e projecto doméstico na Primeira metade do século XX português*. FAUP Publicações: Porto.

Figura 81-82. <http://maisarquitecturasite.blogspot.pt/2011/02/apesar-do-mais-arquitectura-querer.html>

Figura 83. <http://casinhasdeprazer.no.sapo.pt/19.htm>

Figura 84. Nunes, Ana Cristina Fernandes (2008: 130) *Raúl Chorão Ramalho: Forma e Lugar*. FAUP: Porto. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura.

Figura 85-88. <http://casinhasdeprazer.no.sapo.pt>

Figura 89. Foto de Jani Anjo

Figura 90-91. Mestre, Victor (2002) *Arquitectura Popular da Madeira*. Editorial Argumentum: Lisboa. P. 185

Figura 92-97. Mestre, Victor (2002) *Arquitectura Popular da Madeira*. Editorial Argumentum: Lisboa. P. 105-121

Figura 98-102. Foto de Jani Anjo.

Figura 103. Foto do espólio de Chorão Ramalho, in Freitas, Manuel Gaspar de (2010) *A Obra de Raúl Chorão Ramalho no Arquipélago da Madeira*. Editorial Caleidoscópio: Casal da Cambra. P. 72

Figura 104. <http://www.madeira-web.com/PagesP/funchal-nucleus/se/legislative-assembly.html>

Figura 105-106. <https://www.facebook.com/#!/patrimoniomadeirense/photos>

Figura 107. <http://arquivohistoricomadeira.blogspot.pt/2009/03/antiga-alfandega-da-madeira-alam.html>

Figura 108. Desenhado a partir do projecto de alterações.

Figura 109-120. Foto de Jani Anjo.

Figura 121. <http://www.madeira-web.com/PagesP/funchal-nucleus/se/legislative-assembly.html>

Figura 122-124. Foto de Jani Anjo.

Figura 125. <http://m.publico.pt/Detail/1504809>

Figura 126-127. Desenho de Chorão Ramalho in Freitas, Manuel Gaspar de (2010) *A Obra de Raúl Chorão Ramalho no Arquipélago da Madeira*. Editoria Caleidoscópio: Casal da Cambra. P. 98

Figura 128. <http://www.embaixadadeportugal.org.br/contactos.php>

Figura 129-134. Foto de Jani Anjo.

Capítulo IV:

Figura 1-16. Foto de Jani Anjo.

Figura 17. <http://www.flickr.com/photos/madeiraarchipelago/5592757372/>

Figura 18. <http://clubenaval.blogspot.pt>

Figura 19. <http://www.byrneaq.com>

Figura 20. http://ondemoreshoot-mcb.blogspot.pt/2012_05_01_archive.html

Figura 21. <http://www.netmadeira.com/noticias/madeira/2012/6/13/estacao-de-biologia-marinha-abre-as-portas-uma-vez-por-mês>

Figura 22-24. Foto de Jani Anjo.

Figura 25. <http://casinhasdeprazer.no.sapo.pt/>

Figura 26. <http://europaconcorsi.com/projects/101082-Pavilh-o-do-Vulcanismo>

Figura 27-28. <http://www.netmadeira.com/noticias/madeira/2011/2/5/lar-do-vale-formoso-reabilitado-e-ampliado>

